

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

JULIANA MILCHAREK

**O PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS (PROUNI) E AS TRAJETÓRIAS
DE DISCENTES NA FORMAÇÃO AVANÇADA PARA A EDUCAÇÃO
BRASILEIRA**

SÃO LEOPOLDO

2020

JULIANA MILCHAREK

O PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS (PROUNI) E AS TRAJETÓRIAS DE
DISCENTES NA FORMAÇÃO AVANÇADA PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Dissertação de Mestrado apresentada
como requisito para obtenção do título de
Mestre em Educação, pelo Programa de
Pós-Graduação em Educação da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS.

Orientadora: Prof^a Dr^a Berenice Corsetti

São Leopoldo

2020

M639p

Milcharek, Juliana.

O Programa Universidade Para Todos (PROUNI) e as trajetórias de discentes na formação avançada para educação brasileira / Juliana Milcharek. – 2020.

117 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2020.

“Orientadora: Prof^a Dr^a Berenice Corsetti.”

1. Educação. 2. Ensino Superior. 3. Trajetórias discentes. 4. ProUni (Programa). 5. Bourdieu, Pierre, 1930-2002. I. Título.

CDU 378

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Bibliotecária: Amanda Schuster – CRB 10/2517)

JULIANA MILCHAREK

**O PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS (PROUNI) E AS TRAJETÓRIAS
DE DISCENTES NA FORMAÇÃO AVANÇADA PARA A EDUCAÇÃO A
BRASILEIRA**

Dissertação de Mestrado apresentada como requisito para obtenção do título de Mestre em Educação, pelo Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS.

Orientadora: Prof^a Dr^a Berenice Corsetti

Aprovado em 30 de abril de 2020.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Alessandro Carvalho Bica – Universidade Federal do Pampa

Prof. Dr. Rodrigo Manoel Dias – Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Prof^a Dr^a Berenice Corsetti – Universidade do Vale do Rio dos Sinos (orientadora)

AGRADECIMENTOS À CAPES

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

AGRADECIMENTOS

Esta pesquisa de mestrado foi uma experiência com muitos percalços pelo caminho, de grande autoconhecimento, e sem a ajuda de muitas pessoas, não conseguiria chegar até aqui, portanto, minha eterna gratidão.

Nessa caminhada, tenho a certeza de que me tornei uma pessoa mais evoluída e aqui quero agradecer à Deus, Yeshua, como gosto de chamá-lo, pois foi quem me deu forças para não desistir, alimentando diariamente a minha fé, dando-me coragem para enfrentar todas as adversidades que surgiram nesse tempo de construção e desconstrução diária.

A minha querida orientadora professora Berenice Corsetti, ser humano raro de se encontrar, presente de Deus na minha vida e na vida de todos que têm a sorte de poder conviver e compartilhar um pouquinho que seja de sua sabedoria, carinho e respeito. Obrigada pelos ensinamentos, por acreditar e confiar em mim em todas as circunstâncias desse percurso.

Aos professores Rodrigo e Alessandro, membros da banca examinadora de defesa, meu respeito e agradecimento por todas as contribuições pertinentes a esse trabalho, desde a banca de qualificação.

Aos integrantes dessa pesquisa, por terem aceitado participarem das entrevistas, com contribuições muito importantes para o desenvolvimento dela. Suas trajetórias deram voz a esse trabalho, muito obrigada.

A amiga, colega e profissional impecável Márcia Furtado Ecoten pela valiosa ajuda e disposição na leitura atenta e formatação desta dissertação.

Ao amigo e colega de pesquisa Julian Silveira Diogo de Ávila Fontoura pelo carinho e precioso conhecimento compartilhado.

Aos amigos e colegas de pesquisa Carolaine Kirch e Joja Vaicëulionis por todo apoio, carinho e divertidas tardes de quartas-feiras.

Ao meu amor, meu companheiro Silvio, por acreditar em mim e não permitir que desistisse, por ser meu porto seguro, capaz de ouvir e segurar minhas mãos nos momentos bons e ruins, acreditando e demonstrando orgulho por cada conquista.

Ao ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva pela criação do Programa Universidade para Todos (PROUNI), o qual me possibilitou ter chegado até aqui.

“No meio da dificuldade encontra-se a oportunidade”.

Albert Einstein

“Eu aprendi a não desistir”.

Lula

RESUMO

O Programa Universidade Para Todos (Prouni) foi instituído em 2004 como uma política pública de inclusão educacional cujo objetivo é ampliar o acesso ao ensino superior, modificando a realidade excludente no ensino superior brasileiro. Com o Prouni, essas condições que antes limitavam o processo democrático de expansão educacional e criavam diversas barreiras para oportunidades de acesso e permanência, iniciou-se um processo democrático conhecido como inclusão, criando condições políticas, econômicas, sociais e culturais para que os sujeitos pobres pudessem ter acesso ao Ensino Superior. O objetivo da pesquisa foi compreender como o Prouni influenciou a trajetória discente na formação avançada na Educação Brasileira. Este estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa de cunho exploratório, realizada por meio de entrevistas abertas com três ex-prounistas, que hoje encontram-se numa situação de mestres e/ou doutores vinculados à educação e à ciência brasileira. A pesquisa se fundamenta na metodologia qualitativa, com o uso de entrevistas e da contribuição de Bourdieu no que tange a ideia de trajetórias sociais, aliada à metodologia histórico-crítica. A análise dessas trajetórias está pautada no referencial de Pierre Bourdieu aliado ao paradigma da Teoria Crítica. Esse aporte permitiu perceber a subjetividade social e individual dos participantes mediante suas histórias de vida conectadas com suas histórias de vida profissional. Foi possível compreender as influências do Programa Universidade para Todos na trajetória de discentes e na formação de mestres e doutores, cuja formação foi possível a partir do Prouni. Os dados foram organizados e analisados na busca de conhecer os entrevistados, seus percursos escolares, condições familiares e escolhas profissionais, levando em consideração a permanência no ensino superior, assim como evidenciar as condições que potencializaram suas trajetórias. Conclui-se que a pesquisa pode evidenciar a importância do Prouni na democratização do acesso à Educação Superior. Por meio das entrevistas e relatos dos sujeitos entrevistados, percebe-se que a formação de nível superior foi uma oportunidade de ampliar novos conhecimentos, receber qualificação e, em consequência, vislumbrar a ascensão social.

Palavras-chave: Educação. Ensino Superior. Trajetórias discentes. Prouni. Bourdieu.

ABSTRACT

The University for All Program (Prouni) was instituted in 2004 as a public policy of educational inclusion whose objective is to expand access to higher education by modifying the exclusionary reality in Brazilian higher education. With PROUNI, these conditions that previously limited the democratic process of educational expansion and created several barriers to opportunities for access and permanence, began a democratic process known as inclusion, creating political, economic, social and cultural conditions so that poor subjects could have access to Higher Education. The objective of the research sought to understand how Prouni influenced the student trajectory in advanced education in Brazilian Education. This study is characterized as Qualitative Research of an exploratory nature, carried out through open interviews with three former prounistas who today are in a situation of masters and / or doctors linked to Brazilian education and science. The research is based on qualitative methodology, using interviews and Bourdieu's contribution regarding the idea of social trajectories combined with historical-critical methodology. The analysis of these trajectories is based on Pierre Bourdieu's referential combined with the Critical Theory paradigm. This contribution made it possible to perceive the social and individual subjectivity of the participants through their life stories connected with their professional life stories. It was possible to understand the influences of the University for All Program in the trajectory of students and in the training of masters and doctors, whose training was possible from Prouni. The data were organized and analyzed to get to know the interviewees, their school backgrounds, family conditions, professional choices, considering their permanence in higher education, as well as highlighting the conditions that enhanced their trajectories. It is concluded that the research can demonstrate the importance of Prouni in the democratization of access to Higher Education. Through the interviews and reports of the interviewed subjects, it is perceived that higher education was an opportunity to expand new knowledge, receive qualification and, consequently, envision social ascension.

Key-words: Education. Higher Education. Student trajectories. PROUNI. Bourdieu.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Estado da Arte.....	17
Quadro 2 - Revistas Seleccionadas	18
Quadro 3 - Entrevistados	49

LISTA DE SIGLAS

ENEM	Exame Nacional do Ensino Médio
FIES	Fundo de Financiamento ao estudante do Ensino Superior
IFES	Instituições Federais de Ensino Superior
PIBID	Programa Nacional de Iniciação à Docência
Prouni	Programa Universidade Para Todos
PUCRS	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
REUNI	Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Públicas
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
UNICNEC	Centro Universitário Cenecista de Osório

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 APROXIMAÇÕES À LITERATURA	16
2.1 O PROUNI no Contexto da Educação Superior no Brasil.....	23
2.1.1 As Políticas Educacionais nos Governos Lula e Dilma	30
2.1.2 Criação do FIES	31
2.1.3 PROUNI e REUNI	33
3 O ESTUDO DAS TRAJETÓRIAS E O SEU MODO DE INVESTIGAÇÃO	36
3.1 O Conceito de Capital em Bourdieu	39
4 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS.....	46
4.1 Entrevistados.....	49
4.1.1 Percursos escolares	50
4.1.2 Condições familiares	53
4.1.3 Escolhas profissionais	56
4.1.4 A Permanência no Ensino Superior	59
4.1.5 Condições que potencializaram suas trajetórias	63
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	71
REFERÊNCIAS.....	74
APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS	80
APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	116

1 INTRODUÇÃO

No ano de 2005, era apenas uma menina de 13 anos de idade, pobre e filha de mãe solteira, que finalizava o ensino fundamental. Não sabia bem como seria a vida adulta, mas já podia perceber que não seria fácil alcançar meus objetivos. Com a ideia de tornar-me uma advogada, partia para o ensino médio convicta de minhas escolhas.

Aos 14 anos, precisei trabalhar para ajudar minha mãe e meus irmãos com os custos da casa e passei a estudar à noite. A escola era o lugar no qual podia debater as ideias que carregava comigo, lugar de construção e desconstrução diária.

Finalizando o ensino médio, prestei vestibular para o curso de Direito e no ano de 2011 ingressei num sonho que, ao longo de dois anos, virou realidade, realidade dura, pois percebi que não seria uma advogada feliz, pois o curso não respondia meus anseios. Além de não estar dando conta de bancá-lo, caso permanecesse, levaria em torno de 15 anos para concluí-lo. No meio desse turbilhão de dúvidas, realizei o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) e com a nota obtida pude tentar concorrer a uma bolsa pelo Programa Universidade para Todos (Prouni). No segundo semestre de 2013, iniciei o curso de Pedagogia com bolsa integral no Centro Universitário Cenecista de Osório (UNICNEC).

Durante os quatro anos da graduação, descobri-me como profissional, professora e ser humano. No segundo ano do curso, surgiu a oportunidade para colaborar como bolsista do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), no qual pude iniciar minha trajetória na pesquisa em educação, além de ter acesso ao dia a dia da escola e poder vivenciar o que estudávamos em sala de aula.

Nesses dois anos como pibidiana, pude compreender a difícil realidade das escolas públicas, que ser professor(a) no nosso país vai muito além do que se aprende em um curso de graduação. Por meio das observações e práticas em turmas de alfabetização, pude construir alguns artigos, orientada pela professora que coordenava o Pibid na faculdade, os quais me fizeram mergulhar no universo da pesquisa, apresentando-os em eventos, participando de mostras científicas e, conhecendo outras universidades da região sul, tive a certeza do que queria para meu futuro: ser uma pesquisadora capaz de contribuir com o futuro da educação. O curso de Pedagogia, juntamente com o Pibid, proporcionaram-me descobrir o que

realmente procurava, tornando-me a cada dia uma professora que luta por uma educação de qualidade, na qual os direitos possam ser iguais para todos.

Ter acesso ao ensino superior só foi possível devido ao Prouni, o Programa Universidade para Todos, uma política pública criada no Governo Lula, que surgiu com o discurso de justiça social, tendo como público-alvo os estudantes carentes. Os critérios de elegibilidade são a renda per capita familiar de um salário mínimo e meio, para concorrer a bolsas integrais (100%) e três salários mínimos e meio, para concorrer a bolsas parciais (50%). O pré-requisito é ter estudado em escolas públicas ou privadas na condição de bolsistas. Além disso, o programa estabelece, obrigatoriamente, que parte das bolsas deverá ser direcionada aos portadores de deficiência, aos negros e indígenas. A seleção para concorrer a bolsas de estudo do programa ocorre por meio das notas obtidas no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Ter vivido essa experiência enquanto bolsista do Prouni fez com que quisesse estudar mais sobre essa política, descobrindo que, além de mim, muitas pessoas foram beneficiadas, podendo ter acesso ao ensino superior, fato que muda muito a realidade de estudantes que lutam para poderem se manter dentro das universidades. O presente trabalho faz parte da linha de pesquisa Educação, História e Políticas do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), que tem como foco políticas e processos vinculados à educação em diferentes configurações históricas. A linha aborda distintos níveis e modalidades de ensino, bem como processualidades educativas que transcendem espaços escolares. Desse modo, investiga questões relativas à história da educação, gestão e políticas educacionais em diálogo com o cenário internacional. Diante disso, a pesquisa realizada teve como propósito analisar trajetórias discentes de ex-prounistas com base no problema de pesquisa: quais as influências do Programa Universidade para Todos na trajetória de discentes e na formação de mestres e doutores oriundos do Prouni?

Portanto, o objetivo foi compreender como o Prouni influenciou a trajetória discente na formação avançada na educação brasileira. Nessa busca, alguns objetivos específicos foram elencados, dentre eles: descrever o perfil do universo pesquisado; descrever as trajetórias discentes; identificar os elementos relevantes do ponto de saída e chegada das trajetórias; analisar as trajetórias a fim de qualificar características comuns ao longo do percurso e analisar possíveis variáveis no

período, que possam ter interferido nos rumos do percurso, buscando pensar quem são esses discentes, o que os fez permanecer na graduação e de onde são.

Fazemos isso considerando o contexto histórico e o que permeia o ensino superior, pensar em políticas de ampliação ao acesso, tendo o Prouni como principal objeto dessa pesquisa, a qual pretende compreender por meio de uma aproximação teórico-metodológica, baseada na revisão de literatura apresentada no capítulo 2 *Aproximações à Literatura*, circunstâncias e possibilidades desse programa criado para ampliar o acesso ao ensino superior.

No subcapítulo 2.1, intitulado *O PROUNI no Contexto da Educação Superior no Brasil*, apresentamos uma revisão sobre o Prouni no contexto da educação superior no Brasil, explicando o Programa Universidade Para Todos com suas bases legais, enquanto política pública de acesso ao ensino superior, trazendo o discurso de democratização, da inclusão social, da promoção da justiça social e do desenvolvimento econômico. Além disso, essa seção traz informações sobre outras políticas de acesso criadas nos governos de Lula e Dilma, como o FIES e REUNI.

No capítulo 3, intitulado *O Estudo das Trajetórias e o seu Modo de Investigação*, buscamos compreender e elucidar o conceito de trajetória, estudando as trajetórias de três ex-prounistas para entender as transformações e demandas desses estudantes, com base no referencial teórico de Pierre Bourdieu, salientando os conceitos de *habitus* e campo ligado à posição social desses sujeitos. Nesse capítulo, também buscamos refletir, junto com Pierre Bourdieu, sobre a teoria de trajetórias sociais, dando aporte teórico para compreender as estruturas de poder simbólico dentro da sociedade, trazendo também o conceito de capitais em Bourdieu.

No capítulo 4, intitulado *Análise dos Dados*, encontram-se as análises das entrevistas. Esse capítulo representa uma tentativa de elucidar e compreender como o Prouni influenciou a trajetória discente dos três ex-prounistas entrevistados, levando-os a querer ir além e seguir na formação avançada na Educação Brasileira. Com base no referencial de Pierre Bourdieu aliado ao paradigma da Teoria Crítica, buscamos compreender essas trajetórias.

2 APROXIMAÇÕES À LITERATURA

Com o intuito de descobrir o que já havia de pesquisas nessa área, realizamos um breve estado da arte, iniciando a pesquisa no site da Biblioteca Unisinos, no campo de pesquisa integrada, com o descritor “prouni”, o qual resultou em 1042 arquivos, sendo 591 textos em periódicos, 31 dissertações e 20 teses. Após essa primeira pesquisa, foi incluído o descritor “trajetórias”, do qual resultaram 73 arquivos, sendo 73 artigos, 1 dissertação e 5 teses. Com o decorrer das pesquisas e o andamento do projeto, acrescentamos, além de “prouni” e “trajetórias”, o descritor “trajetórias discentes”, resultando 8 arquivos, sendo apenas artigos em periódicos.

Para aprofundar as pesquisas, foram realizadas buscas no site da Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD – IBICT), utilizando os mesmos descritores. Com o descritor “prouni”, surgiram 174 arquivos, sendo 52 teses e 122 dissertações. Quando acrescentado o descritor “trajetórias”, a pesquisa resultou em 28 arquivos, sendo 9 teses e 19 dissertações. Acrescentando o descritor “trajetórias discentes”, a pesquisa resultou em 2 arquivos, sendo 1 tese e 1 dissertação.

Além dessas buscas, foi realizado um levantamento no Portal de Periódicos da Capes, utilizando os mesmos descritores. A pesquisa resultou em 240 textos em periódicos com o descritor “prouni”, 11 quando acrescentado o descritor “trajetórias” e 4 artigos aliando o descritor “trajetórias discentes” à busca.

No Portal de Teses e Dissertações da Capes, foram encontrados 322 arquivos com o descritor “prouni”, sendo 226 dissertações e 65 teses. Muitas dessas constavam também em outros bancos de dados já pesquisados anteriormente.

Pensando em artigos em periódicos importantes da área educacional, selecionamos, minha orientadora e eu, algumas revistas para pesquisa, dentre elas: a revista Educação & Sociedade, a qual resultou em 5 artigos sobre o PROUNI; a Revista Brasileira de Política e Administração da Educação (RBPAAE – ANPAE) retornou a pesquisa com 2 artigos; a Revista Brasileira de Educação (RBE – ANPED) não apresentou nenhum resultado assim como a Revista Educação e Realidade; na revista Educação UNISINOS foram encontrados 2 artigos sobre o tema.

Quadro 1 - Estado da Arte

PRINCÍPIO DE ESTADO DA ARTE					
DESCRITOR	BASE DE DADOS	ENCONTRADOS	ARTIGOS EM PERIÓDICOS	DISSERTAÇÕES	TESES
Prouni	Pesquisa integrada	1042	591	31	20
Prouni; trajetórias	Pesquisa integrada	73	56	1	5
Prouni; trajetórias discentes	Pesquisa integrada	8	8	0	0
Prouni	BDTD	174	0	122	52
Prouni; trajetórias	BDTD	28	0	19	9
Prouni; trajetórias discentes	BDTD	2	0	1	1
Prouni	Periódicos CAPES	240	240	0	0
Prouni; trajetórias	Periódicos CAPES	11	11	0	0
Prouni; trajetórias discentes	Periódicos CAPES	4	4	0	0
Prouni	Portal de Teses e Dissertações CAPES	322	0	226	65

Fonte: Tabela elaborada pela autora

Quadro 2 - Revistas Seleccionadas

DESCRITOR	BASE DE DADOS	ARTIGOS ENCONTRADOS
Prouni	Educação e Sociedade	5
Prouni	RBPAE - ANPAE	2
Prouni	RBE - ANPED	0
Prouni	Educação e Realidade	0
Prouni	Educação UNISINOS	1

Fonte: Tabela elaborada pela autora

A análise realizada levou em consideração a leitura dos resumos, o que mostrou que muitos dos artigos, teses e dissertações não tinham relação com a pesquisa a ser realizada. Ao final das análises e leituras, 11 trabalhos foram selecionados para uma leitura integral, sendo 3 artigos, 4 dissertações e 3 teses.

Em relação às teses, destacamos o estudo de Karin Terrell Ferreira, da Universidade Federal de São Carlos – Centro de Educação e Ciências Humanas do Programa de Pós-Graduação em Educação, intitulado como *Prouni: trajetórias*, o qual traz o Prouni como um programa instituído pelo Governo Federal e estabelecido pelo MEC como política pública de inclusão educacional, que visa modificar a realidade excludente do ensino superior no Brasil, por meio de concessão de bolsas de estudos a alunos de baixa renda, provenientes de escolas públicas do país, em instituições superiores privadas. O estudo mostra que, no decorrer dos anos da implementação dessa política, a presença das categorias sociais que antes encontravam-se praticamente excluídas e que começaram a ter possibilidade de acesso ao ensino superior. Com base nesses pressupostos, a pesquisa buscou estudar as trajetórias desses alunos durante toda sua formação, buscando compreender as demandas e as práticas da escola e do mercado de trabalho, assim como o perfil desses estudantes. O estudo teve o objetivo de investigar o que motivou bolsistas do Prouni, alunos do curso de Pedagogia em uma IES de Limeira/SP, a ingressarem numa formação em nível superior, além de verificar qual o sentido atribuído a esse ensino e como se deu essa experiência.

Outra tese destacada para análise foi o estudo de Claudia Regina Baukat Silveira Moreira da Universidade Federal do Paraná, intitulado *Um Olhar Sobre o*

Muro: avaliação do Programa Universidade Para Todos (Prouni), o qual refere-se à avaliação do programa, instituído inicialmente pela Medida Provisória n. 213/2004, convertida na Lei n. 11.096/2005. O trabalho realiza uma avaliação política, no sentido de elucidar as razões que tornaram o programa uma das políticas prioritárias enquanto estratégia para promoção da democratização do acesso à educação superior. Esse estudo concluiu que o Prouni teve precedência sobre outras políticas de ampliação do acesso por conta da capilaridade da rede de IES privadas, o que permitiu uma implementação rápida e com baixo aporte financeiro, apesar das resistências verificadas, que acabaram por impactar na formatação do programa.

Além disso, o estudo destacado realizou uma avaliação da política, no sentido de verificar se o programa foi bem-sucedido por meio da análise de dados sócioeducacionais coletados por ocasião da aplicação do ENADE, a concluintes dos cursos de Pedagogia, Medicina e Direito de IES privadas, entre 2008 e 2013, chegando a conclusão de que o programa cumpre com o objetivo de inserir estudantes pobres, egressos sobretudo da escola pública e com renda familiar individual de até 1,5 salário mínimo.

Destacando que os cursos ofertados por meio das bolsas são muito diversos quanto ao público atendido, percebendo que o impacto do Prouni é inversamente proporcional à massificação do curso, ou seja, ele contribui muito mais para a inclusão em um curso como o de medicina do que em um curso como o de pedagogia, considerando também que os bolsistas possuem um perfil bastante diverso dos estudantes pagantes. Concluiu que há um muro que separa os pobres da universidade e há também um muro que classifica e atribui valor aos diferentes cursos dentro das próprias IES.

A terceira tese analisada foi o estudo de Cristina Helena Almeida de Carvalho, da Universidade Estadual de Campinas do Instituto de Economia, intitulado como *A Política Pública para a Educação Superior no Brasil (1995-2008): ruptura e/ou continuidade?*, cujo objetivo foi compreender a relação complexa da política pública para a educação superior, entre 1995 e 2008, por meio do arcabouço teórico da vertente histórica do neoinstitucionalismo. Por meio da análise tridimensional da política (*polity*, *politics* e *policy*), a pesquisa procurou reconstruir o ambiente multifacetado do processo de gestação da política pública, que tem início na constituição da agenda pública e perpassa a formulação e a implementação da política educacional nos governos dos presidentes Fernando Henrique Cardoso

(1995 a 2002) e Luís Inácio Lula da Silva (2003 a 2008), concluindo que, em que pese os inúmeros elementos de continuidade, há vários indícios de ruptura. O traço de continuidade fica claro, sobretudo, na formulação legislativa em prol do modelo de expansão da educação superior pela iniciativa privada, que tem o Prouni como sua maior expressão, assim como a evidência de inércia institucional, associada à dependência das trajetórias percorridas (*path dependence*). O traço de ruptura e mudança institucional na gestão de Lula consubstanciou-se na retomada do protagonismo da União na educação superior, que se traduziu no crescimento intensivo e extensivo das IFES.

Em relação às dissertações, destacamos o estudo de Paula Macchione Saes, da Universidade Estadual de Campinas da Faculdade de Educação, intitulado *Acesso ao Ensino Superior e Trajetórias dos Egressos do Prouni*. O centro de interesse desse estudo foi compreender os efeitos do Prouni para os alunos que se formaram no ensino superior com a bolsa desse programa e que, possivelmente, sem a bolsa, estariam excluídos desse nível de ensino. Assim, procurou investigar as trajetórias de egressos, visando de que forma a inserção e conclusão de um curso superior trouxeram mudanças em suas vidas, apresentando como resultado a importância do Prouni para uma população com pouca ou nenhuma perspectiva de ingressar no ensino superior.

Outro estudo destacado é a dissertação de Thamires Mielle Borba, da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, intitulada *Desigualdades na Educação Superior: acesso e permanência de bolsistas PROUNI na PUC-RS*, a qual destaca que as chances de inserção numa posição de maior prestígio e remuneração no mercado de trabalho estão estreitamente relacionadas aos anos de estudo acumulados, fazendo com que os indivíduos busquem o maior grau de escolaridade possível. Com isso, a autora traz em sua pesquisa um destaque especial pra o Prouni, enquanto política pública, como uma das principais vias de entrada das classes populares em um curso de graduação, fator marcante de transformação, com a entrada de um número bastante significativo de jovens oriundos das classes populares no ensino superior, num país que sempre foi marcado por um sistema excludente e desigual. Essa dissertação apresenta como tema central a permanência de alunos bolsistas Prouni na universidade, haja vista a importância de

identificar as possíveis dificuldades que estes estudantes enfrentam durante sua trajetória nesse nível educacional.

O terceiro trabalho escolhido para análise foi a dissertação de Camila Scherdien da Silva, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, do Programa de Pós-Graduação em Administração, intitulada *Depois do Acesso: a inserção profissional de jovens egressos do Prouni*, a pesquisa retrata um contexto de expansão no acesso ao ensino superior no país e busca compreender como a origem social influencia o acesso, permanência e conclusão do ensino superior, assim como a posterior inserção profissional dos jovens egressos do Prouni.

A quarta dissertação escolhida foi a pesquisa de Manira Perfeito Ramos da Silva da Universidade Federal de Mato Grosso -Instituto de Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, intitulada *Prouni: um programa de inclusão social e suas contradições*, cujo tema central é tratar sobre o tema inclusão social, promovido pelo Prouni, um estudo inserido no campo das políticas da educação superior. A pesquisa trata da compreensão dos elementos econômicos, políticos e sociais, que, no decorrer da história, influenciaram a exclusão social e o discurso de inclusão social expresso na política educacional em questão.

O objetivo geral da pesquisa foi analisar as contradições do PROUNI como programa de inclusão social. Desse modo, a pesquisa traz o Prouni como uma política de inclusão, devido ao fato dessa ser considerada pelos bolsistas como uma das únicas oportunidades para o ingresso no ensino superior. A pesquisa conclui que a exclusão e a inclusão são dois lados da mesma moeda, são contrários que se articulam, pois só existe política de inclusão porque existem os excluídos no sistema que tem como base a desigualdade e a exploração, trazendo a política educacional com vista à emancipação humana, sendo aquela que oferta igual oportunidade de acesso à educação universitária prioritariamente pública, gratuita e de qualidade.

Dentre os artigos analisados, optou-se por utilizar três deles, cujas temáticas são relevantes para fundamentação da dissertação de mestrado, dos quais destacamos aqui o artigo intitulado *Aluno Prouni: impacto da instituição de educação superior e na sociedade*, de Vera Lucia Felicetti, Alberto F. Cabrera e Marília Costa Mororsini, vinculado à *Revista Iberoamericana de Educación Superior (RIES)*, produzido a partir de um recorte da tese de doutorado *Comprometimento do estudante: um elo entre aprendizagem e inclusão social na qualidade da educação superior*, tese premiada com a menção honrosa no prêmio Capes de Tese 2012. O

artigo aborda o Programa Universidade para Todos como uma política de ação afirmativa que impacta diretamente no desenvolvimento social e econômico do país, dando ênfase ao impacto gerado pelo novo perfil de estudantes, ingressantes através do Prouni na educação superior, assim como o impacto desses egressos na sociedade, cujos resultados apontaram para a diversidade desses estudantes, para as relações estabelecidas por eles dentro da sociedade, assim como para os fatores de empregabilidade, trabalho, remuneração, satisfação, incentivos, entre outros aspectos, denotando um impacto positivo e significativo da política, tanto no meio acadêmico, quanto na sociedade na qual estão inseridos.

O segundo artigo escolhido foi o trabalho intitulado *Prouni: análise de uma política pública no âmbito da PUC Minas*, de Maria Auxiliadora Monteiro Oliveira, Marina Lindaura Maranha Contarine e Carlos Roberto Jamil Cury, encontrado na Revista Brasileira de Política e Administração da Educação (RBPAE) de 2012, cujo objetivo foi analisar o Programa Universidade para Todos desde sua implantação na PUC Minas, sob a perspectiva da inclusão social e o desempenho dos bolsistas. O estudo mostrou que o Prouni, visto como decorrente de uma política pública, promove o acesso a mais pessoas no ensino superior, assegurando aos bolsistas um ensino de qualidade, que os motiva a obter, na sua grande maioria, bons e/ou excelentes desempenhos acadêmicos e baixos índices de evasão escolar.

O terceiro e último artigo analisado foi *Destinos, Escolhas e a Democratização do Ensino Superior*, de Maria Ligia de Oliveira Barbosa, encontrado na revista Política e Sociedade de 2015. O estudo analisou algumas das diversas políticas, tanto governamentais quanto institucionais, que visam a assegurar o acesso e a permanência dos estudantes até a conclusão dos cursos no sistema brasileiro de ensino superior, buscando avançar na discussão sobre qual seria uma democratização possível para esse sistema. O artigo buscou verificar se, apesar da manutenção dos padrões de desigualdade estrutural, de prestígio e renda, seria possível encontrar políticas que se contraponham a essa tendência. Foram analisadas as políticas de cotas raciais e sociais, o Reuni e o Prouni, bem como o programa de interiorização da Universidade Federal Fluminense (UFF) e de estágios e bolsas na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). O estudo permitiu enxergar a existência de ações e políticas que criam probabilidades efetivas e que as escolhas dos indivíduos e grupos podem prevalecer sobre os destinos socialmente desenhados para eles.

Após a análise, concluímos que estudar a política pública do Prouni é importante. Nos trabalhos analisados, pode-se perceber como os autores de algumas pesquisas encontradas tratam o Prouni de diversas formas, como vimos, mas nenhuma versa sobre a temática específica de identificar quais as influências que essa política gerou na trajetória de ex-prounistas que hoje encontram-se mestres e/ou doutores em educação, fazendo com que a educação e a ciência brasileira tornem-se fatores de crescimento para uma sociedade na qual a educação de qualidade seja realidade. Os principais objetivos presentes na pesquisa visam à construção de uma dissertação de mestrado que busca estudar o Programa Universidade Para Todos enquanto uma política pública que possibilita o acesso ao ensino superior àqueles que, por diversos motivos, não conseguiriam esse acesso antes da implementação da política em questão.

2.1 O Prouni no Contexto da Educação Superior no Brasil

A Educação constitui-se como um processo pelo qual os indivíduos passam, adquirindo o conhecimento necessário para tornar-se sujeito de uma sociedade. Nesse sentido, percebe-se a educação superior como uma forma de aperfeiçoar ainda mais esse sujeito. No Brasil, a educação superior ocorre com o surgimento das instituições de ensino superior, em 1812, com a chegada da Família Real, sendo uma educação pautada no ensino da prática, com aulas avulsas e bastante denotativas. O interesse da política imperial da época era formar administradores, políticos, advogados, jornalistas, na busca de uma unificação ideológica, baseada na política imperial. (OLIVEIRA, 2004). Nessa época ainda não existiam as universidades, apenas escolas superiores que tinham como objetivo a formação de profissionais liberais.

Cunha (2004) informa que, com o início da República, surgiram as ideias positivistas, que visavam a fazer com que o mercado passasse a regular a educação superior, não mais de forma estatal, como vinha acontecendo até então. Porém, com o apoio de médicos, engenheiros e advogados, as instituições de ensino superior continuaram sendo administradas pelo estado.

Na década de 1980, ocorreu a chamada crise da dívida, que assolou todos os países da América Latina, gerando um grande impacto no ensino superior, com a retenção de recursos públicos para as instituições superiores. A partir daí, o Estado

já não detinha mais o monopólio de oferta no Ensino Superior, tendo surgido instituições de esferas confessionais. Por meio da oferta de livre mercado, o ensino superior se disseminou também através de outros tipos de instituições.

Por muito tempo, a educação superior passou por processos de exclusão, produzindo a negação do direito à educação aos mais pobres. O não reconhecimento desse direito na legislação nacional foi sendo, aos poucos, admitido de forma indireta e restrita, assim como o impedimento ao acesso de grandes setores da população aos níveis mais básicos da escolaridade, mesmo quando exigido pela legislação nacional. Excluídos de fato e de direito, os pobres viram suas oportunidades educacionais se diluírem em um arsenal de dispositivos e argumentações que justificaram, por muito tempo, sua baixa ou nula presença nos espaços educacionais. De acordo com Pablo Gentili (2009), é fundamental reconhecer que existe uma relação social por meio da exclusão, diferente de um estado ou posição ocupada dentro da estrutura institucional de uma sociedade, fazendo com que os excluídos do direito à educação permaneçam fora da escola e que se crie um conjunto de relações e circunstâncias que acabam os afastando desse direito, muitas vezes negando-o ou atribuindo-lhes esse direito de forma restrita. Segundo Gentili:

Historicamente, negou-se aos pobres o direito à educação impedindo seu acesso à escola. Hoje, esse direito é negado quando não lhes é oferecida outra alternativa a não ser a de permanecer em um sistema educacional que não garante nem cria condições para o acesso efetivo a uma educação de qualidade, quando se limitam as condições efetivas de exercício desse direito pela manutenção das condições de exclusão e desigualdade que se transferiram para o interior do próprio sistema escolar. (p. 1062).

Com o Prouni e essas condições que antes limitavam o processo democrático de expansão educacional e criavam diversas barreiras para oportunidades de acesso e permanência, iniciou-se um processo democrático conhecido como inclusão, criando condições políticas, econômicas, sociais e culturais para que os sujeitos pobres pudessem ter acesso ao ensino superior. A política pública em questão apresenta indicadores de melhorias nas condições de acesso a um direito, gerando um avanço na luta contra a alienação, segregação ou negação de oportunidades. Porém, não se pode esquecer que essas conquistas populares, garantidas por meio de políticas públicas como essa, não bastam para findar os

processos de exclusão historicamente produzidos, que condicionam e negam esses direitos.

É importante salientar que a política em questão é uma política focal que ainda se faz necessária, dado que na própria educação brasileira, que reflete as condições sociais que não são democráticas no nosso país, há todo um processo de exclusão social. Há, além disso, uma enorme concentração de renda, o que faz com que tenhamos uma sociedade muito desigual, portanto, as oportunidades educacionais também serão desiguais.

Conforme já destacamos, o Prouni surgiu a partir da ideia de justiça social¹, tendo como público-alvo os estudantes carentes. Os critérios de elegibilidade para concorrer a um bolsa do programa são a renda per capita familiar, sendo que para concorrer a bolsa integral (100%) o estudante precisa comprovar a renda per capita de um salário mínimo e meio. Já para concorrer a bolsa parcial (50%), o critério é a comprovação de renda per capita de até três salários mínimos e meio. Outro fator para concorrer às bolsas é que o estudante precisa comprovar ter estudado em escolas públicas durante todo o ensino médio ou em instituições privadas na condição de bolsista. Além disso, o programa estabelece, obrigatoriamente, que parte das bolsas deverá ser direcionada aos portadores de deficiência, aos negros e indígenas.

A seleção para concorrer a bolsas de estudo do programa ocorre por meio das notas obtidas no ENEM. O Prouni surge como parte de uma proposta, cuja finalidade era a Reforma Universitária, instaurada no governo Lula e que continuou no governo Dilma. Essa, no entanto, possuía um aspecto amplo:

A Reforma Universitária do governo Lula compreende, além do PROUNI: quotas para alunos de rede pública (com subquotas para negros e indígenas) em universidades públicas federais;

¹ O conceito de justiça social está relacionado às desigualdades sociais e às ações voltadas para a resolução desse problema. Com isso, a justiça social consiste no compromisso do Estado e instituições não governamentais em buscar mecanismos para compensar as desigualdades sociais geradas pelo mercado e pelas diferenças sociais. John Rawls foi quem melhor definiu os elementos necessários para alcançarmos esse princípio. Nos seus estudos teóricos sobre a temática, esse autor estabeleceu três pontos para alcançar um princípio de equidade: 1. garantia das liberdades fundamentais para todos; 2. igualdade de oportunidades; 3. manutenção de desigualdades apenas para favorecer os mais desfavorecidos. Dessa forma, a ideia de justiça social tem como um dos seus principais objetivos promover o crescimento de um país para além das questões econômicas. Por essa lógica, entende-se que a justiça social é um mecanismo que busca fornecer o que cada cidadão tem por direito: assegurar as liberdades políticas e os direitos básicos, oferecer transparência na esfera pública e privada e oportunidades sociais. (RAWLS, 2000).

obrigatoriedade do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) para os seus concluintes; ampliação das universidades federais; criação de loteria federal para financiar a educação superior – destinada ao levantamento de recursos para o Fies (Financiamento ao Estudante do Ensino Superior) e as bolsas-permanência para estudantes de baixa renda no ensino superior. (CATANI; GILIOLI, 2005, p. 56).

O Programa possui, também, ações conjuntas de incentivo à permanência dos estudantes nas instituições, como a Bolsa Permanência e ainda o Fundo de Financiamento Estudantil - Fies, que possibilita ao bolsista parcial financiar parte da mensalidade não coberta pela bolsa do programa. A maioria das instituições estabelece ações de incentivo, além da bolsa do programa, como a Bolsa Permanência. O Prouni é visto como uma política de estímulo à entrada da população de baixa renda no sistema de ensino superior, como forma de ampliar o acesso a pessoas menos favorecidas. Para alguns, o programa é visto como uma privatização do acesso ao ensino superior por conta da renúncia fiscal ofertada como mecanismo de financiamento da política pública para a educação superior privada. Porém, percebemos o programa como uma grande iniciativa para alavancar a educação superior brasileira, pois além de beneficiar as instituições por meio da renúncia fiscal, de acordo com Corbucci (2004, p. 698),

[...] o programa “constitui iniciativa, ainda que tímida, de redistribuição indireta da renda, ao transferir recursos de isenção fiscal a estratos populacionais mais pobres, já que tais recursos, caso fossem arrecadados, não beneficiariam necessariamente esses grupos sociais”. Isso mostra o impacto, tanto no âmbito econômico, mas principalmente um impacto de âmbito social, gerado pelo PROUNI.

O Prouni gerou a expansão dos sistemas de educação superior em todas as regiões, trazendo novos grupos socioeconômicos para as universidades, ocasionando uma maior diversidade de culturas, níveis de formação e expectativas acadêmicas. As barreiras criadas anteriormente não são mais possíveis no mundo contemporâneo no qual estamos inseridos. A contenção de recursos públicos para as instituições, combinada com a ascensão das ideias neoliberais, fez com que surgisse um modelo “empresarial” de universidade. Políticas de “partilha de custos” em instituições públicas ganharam influência em todo o mundo, inclusive no Brasil, levando à introdução generalizada de taxas para estudantes.

Partindo da ideia de que a educação é um bem público e um direito humano fundamental, que deve ser exigido pelos cidadãos e efetivado pelo poder público, a política em questão mostrou, nesse período, que é possível fazer-se cumprir esse direito. No entanto, constata-se o crescimento rápido do setor privado, com o surgimento de universidades altamente comercializadas e com fins lucrativos, ao lado de instituições filantrópicas e religiosas tradicionais. Isso se deu devido às orientações do Banco Mundial, direcionadas à mercadorização e à privatização, com interesse lucrativo e econômico. A educação, por isso, é constituinte do que poderíamos chamar de uma gramática republicana de direitos sociais. Isso quer dizer que as políticas públicas deveriam, efetivamente, tomar a educação em todos os seus níveis como um direito fundante da gramática cidadã. (AZEVEDO, 2011). Dessa forma:

[...] para se considerar a educação, sem ressalvas, um bem público, deve-se ter a garantia de que um estudante em sala de aula não pode implicar em exclusão ou em não inclusão de um outro. Isto pois, em essência, para se classificar algo ou um serviço como um bem público deve-se cumprir duas condições: 1) o acesso ao bem não pode ser exclusivo a um contingente de modo que possa significar o não acesso por parte de outro cidadão (não-rivalidade); 2) o acesso ao bem não pode implicar em diminuição de seu conteúdo para outro (não-excludência). (AZEVEDO, 2011, p.165).

As políticas educacionais de variados países da América Latina e Caribe foram influenciadas pelas recomendações e cláusulas de condicionalidades em empréstimos do Banco Mundial, inclusive por intermédio de adesão prévia as suas políticas. O Banco Mundial direciona empréstimos, estabelece condições e formula suas políticas privilegiando o fortalecimento da esfera privada no âmbito da educação. Dessa maneira, segundo McCowan (2004), o Banco Mundial alinha três argumentos em favor da atuação privada no campo da educação superior:

1) O envolvimento do sector privado irá aumentar o número de vagas na Educação Superior, ampliando assim o acesso e aumentando a equidade. 2) O modelo tradicional da universidade europeia de pesquisa não é apropriado para países periféricos e para a economia moderna. As universidades privadas podem oferecer uma educação mais adequada às necessidades dos estudantes e a competição entre elas irá aumentar a qualidade. 3) o envolvimento do setor privado fornecerá educação superior a baixo custo para o público. (MCCOWAN, 2004, p. 3).

Nos anos de 1990, os governos do Brasil encaminharam reformas de Estado, que mudaram o arranjo das relações econômicas, aumentando a quantidade de negócios privados. De acordo com Catani, Silva Jr e Azevedo (2005),

O Brasil [...] acentua seu ajuste estrutural com a eleição de Fernando Henrique Cardoso para a presidência da República, inserindo-se na nova ordem mundial na década de 1990. Com legitimidade política e eleitoral, e em clima de hiperpresidencialismo, FHC transforma o Brasil no País das reformas e o submete, apesar de suas peculiaridades, ao figurino do capital, desenhado agora pelos organismos multilaterais, com destaque para o Banco Mundial. (p. 76).

A política de favorecimento de expansão do setor privado de educação superior no Brasil teve início ainda na década de 1970, durante os governos militares (1964-1985). Para Fonseca (1992), as modificações ocorridas, nos campos político e econômico, no período da ditadura militar, tiveram como consequência a implementação de um projeto de desenvolvimento baseado no capital externo. Para dar sustentação a tal projeto, foi definida uma política educacional que pudesse assegurar a dominação, o controle social, e, ao mesmo tempo, garantir a formação de mão de obra para o setor produtivo, com reduzido aporte de recursos públicos. Nesse sentido, tornou-se necessário desenvolver uma política de expansão da educação superior pela via da privatização, desobrigando o Estado de ampliar os recursos orçamentários federais à educação superior. Esse processo teve continuidade na primeira década da redemocratização no país, após o fim do regime militar, e nos períodos dos governos de Fernando Henrique Cardoso (1995-2002), mas foi no governo de Luís Inácio Lula da Silva (2003-2010) que o ensino superior teve uma enorme ampliação na rede pública, com a expansão das universidades e a criação dos Institutos Federais (IFS).

A política de privatização da educação superior no Brasil evidencia a ação dos governos em relação à expansão do setor público, criando uma reserva de mercado para o setor privado. Sendo recorrente a liberalização e desregulamentação desse setor que tem no caso brasileiro uma série de mecanismos, tais como: a liberalização dos serviços das filantrópicas; isenção do salário educação; e financiamento estudantil para alunos carentes via programa do Crédito Educativo, hoje transformado no Fundo de Financiamento ao Estudante de Ensino Superior (Fies), regulamentado pela Lei nº 10.846, de 12 de março de 2004,

o qual disponibiliza financiamento de estudantes em instituições de ensino superior privadas, além de empréstimos financeiros a juros baixos por instituições bancárias oficiais como o Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social – BNDS. Dentre eles, o objeto desta dissertação, o Programa Universidade para Todos – Prouni, destaca-se entre outras formas de estímulo, fortalecendo a expansão das instituições filantrópicas pela isenção na cobrança de impostos, dos quais o estado abre mão para favorecer a ampliação de vagas nessas instituições.

É nesse contexto que se insere a educação, como principal requisito para a integração no mercado de trabalho, em face do atual processo de transformação. A educação, nesta nova realidade, passa, de um direito da cidadania, a ser apropriada e ressignificada pelo processo de acumulação capitalista, sendo então percebida como instrumento para promover o crescimento e reduzir a pobreza. Neste sentido, reinterpreta-se o pensamento produzido pela Teoria do Capital Humano². (OLIVEIRA, 2000). As políticas de educação superior no país, no período mais recente (após 1995), remetem a um processo de franca expansão deste nível educacional, cuja análise exige ir além da mera descrição de sua implantação, impondo apreendê-las no contexto em que emergem, as concepções que carregam, bem como os impactos que produzem.

O contexto a que se faz referência é o demarcado pela crise do capitalismo, iniciada na década de 1970, contra a qual o capital iniciou a construção de novas configurações, combinando diversos fatores numa escala que envolveu desde o barateamento da mão de obra por meio da reestruturação dos processos de

² Sua origem está ligada ao surgimento da disciplina **Economia da Educação**, nos Estados Unidos, em meados dos anos 1950. Theodore W. Schultz, professor do departamento de economia da Universidade de Chicago à época, é considerado o principal formulador dessa disciplina e da ideia de capital humano. Esta disciplina específica surgiu da preocupação em explicar os ganhos de produtividade gerados pelo “fator humano” na produção. A conclusão de tais esforços redundou na concepção de que o trabalho humano, quando qualificado por meio da educação, era um dos mais importantes meios para a ampliação da produtividade econômica, e, portanto, das taxas de lucro do capital. Aplicada ao campo educacional, a ideia de capital humano gerou toda uma concepção tecnicista sobre o ensino e sobre a organização da educação, o que acabou por mistificar seus reais objetivos. Sob a predominância desta visão tecnicista, passou-se a disseminar a ideia de que a educação é o pressuposto do desenvolvimento econômico, bem como do desenvolvimento do indivíduo, que, ao educar-se, estaria “valorizando” a si próprio, na mesma lógica em que se valoriza o capital. O capital humano, portanto, deslocou para o âmbito individual os problemas da inserção social, do emprego e do desempenho profissional e fez da educação um “valor econômico”, numa equação perversa que equipara capital e trabalho como se fossem ambos igualmente meros “fatores de produção” (das teorias econômicas neoclássicas). Além disso, legitima a ideia de que os investimentos em educação sejam determinados pelos critérios do investimento capitalista, uma vez que a educação é o fator econômico considerado essencial para o desenvolvimento. Verbetes elaborado por Lalo Watanabe Minto, da Faculdade de Educação da UNICAMP, 2006.

trabalho, a flexibilização do trabalho e da produção de mercadorias, até a monumental desregulamentação, de que as aberturas para o mercado externo, as políticas de ajuste fiscal e as privatizações, incluindo as dos serviços públicos transferidos para a esfera da iniciativa privada, foram as expressões mais visíveis. (HARVEY, 2012).

2.1.1 As Políticas Educacionais nos Governos Lula e Dilma

As políticas educacionais postas em prática nos governos de Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Vana Rousseff alteraram o cenário no que tange a educação superior, gerando uma mudança histórica dentro de um período democrático importante do nosso país. Muitos pesquisadores já estudaram esse período, cabendo destacar aqui Demerval Saviani. Um dos destaques desse período foi a expansão do ensino superior, tanto no âmbito presencial, quanto à distância, na esfera pública e privada, cabendo também destacar o ensino profissional. Dessas políticas educacionais surgiram programas de governo que geraram um grande incentivo para essa expansão, dentre eles o Financiamento Estudantil da Educação Superior (Fies), o Prouni, o Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Públicas (Reuni), bem como a criação e expansão dos Institutos Federais, gerando a oportunidade de acesso em diversas regiões do país.

Em 1996 nós tínhamos 922 instituições de nível superior, sendo 211 públicas (23%) e 711 privadas (77%). Em 2005 o número total das instituições se elevou para 2.165 com 231 públicas (10,7%) e 1.934 privadas (89,3%). Por sua vez, no que se refere ao alunado nós tínhamos, em 1996, um total de 1.868.529 alunos, sendo 725.427 (39,35%) em instituições públicas e 1.133.102 (60,65%) em instituições privadas. Já em 2005 a relação foi a seguinte: Total de alunos 4.453.156, sendo 1.192.189 (26,77%) no âmbito público e 3.260.967 (73,23%) no âmbito privado. Observe-se, por fim, que em 2007, primeiro ano do segundo mandato do governo Lula, o percentual dos alunos nas instituições públicas continuou caindo tendo chegado a 25,42% em contraste com o número das instituições privadas que passou para 74,58% atingindo, portanto, dois terços do alunado. (SAVIANI, 2010, p. 14).

Saviani destaca o expressivo crescimento do setor privado na educação superior, mesmo com o crescimento das matrículas também no setor público. Nesse cenário, analisar o Programa Universidade para Todos como uma política

governamental que impactou e continua impactando de forma positiva a educação superior e os sujeitos por ela atingidos se torna relevante.

2.1.2 Criação do Fies

Pensando na contextualização das principais políticas e programas de expansão nos governos Lula e Dilma, é imprescindível levar em conta o governo anterior, retomando alguns aspectos do governo Fernando Henrique Cardoso (FHC), o qual iniciou algumas reformas políticas vinculadas a educação, gerando um crescimento do ensino superior no âmbito privado. Saviani (2010) cita algumas mudanças realizadas no governo de FHC:

A partir da década de 1990 num processo que está em curso nos dias atuais emerge nova mudança caracterizada pela diversificação das formas de organização das instituições de ensino superior alterando-se o modelo de universidade na direção do modelo anglo-saxônico na versão norte-americana. Em consequência dessa mudança freou-se o processo de expansão das universidades públicas, especialmente as federais, estimulando-se a expansão de instituições privadas com e sem fins lucrativos e, em menor medida, das instituições estaduais. Essa foi a política adotada nos oito anos do governo FHC, o que se evidenciou na proposta formulada pelo MEC para o Plano Nacional de Educação apresentada em 1997. (p. 13).

As medidas de expansão da educação superior vinculadas ao setor privado estimularam a criação de novos cursos e instituições de ensino, aumentando o número de matrículas e a oferta da educação superior. Nesse sentido, surgiram os programas de oferta de financiamento, ainda no governo de FHC, dentre eles o Fies, criado pela medida provisória MP nº 1.827, de 27/05/99, regulamentado pelas Portarias MEC nº 860, de 27/05/99 e 1.386/99, de 15/19/99 e Resolução CMN 2647, de 22/09/99, o Fies foi institucionalizado como Lei em 2001 com o número 10.260, dispondo como Fundo de Financiamento ao estudante do Ensino Superior e dando outras providências.

A Lei 10.260/2001 traz que:

Art. 1º É instituído, nos termos desta Lei, o Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), de natureza contábil, vinculado ao Ministério da Educação, destinado à concessão de financiamento a estudantes de cursos superiores não gratuitos e com avaliação positiva nos

processos conduzidos pelo Ministério, de acordo com regulamentação própria. (Redação dada pela Lei nº 13.530, de 2017). (BRASIL, 2017).

Nos governos Lula e Dilma, o Fies passou por algumas mudanças. No ano de 2007, com a Lei nº 11.552, que alterou a Lei de 2001, dando condições de financiamento também para alunos de mestrado e doutorado particulares, entre outras providências, e a Lei nº 12.202 de 2010, que facilitou o abatimento de saldo devedor aos profissionais do magistério público e médicos dos programas de saúde da família; além da utilização de débitos com o INSS como crédito do Fies pelas instituições de ensino. Foi no governo de Lula que ocorrerão mudanças muito significativas no Fies, dentre elas a colocação do Fundo Nacional do Desenvolvimento da Educação como agente operador do programa, ampliando os bancos para o financiamento, passando a aderir a Caixa Econômica Federal e o Banco do Brasil.

Essas medidas geraram novas oportunidades de vagas, aumentando o número de matrículas em instituições de ensino superior privadas em todo país. A última alteração realizada no Fies aconteceu em 2017, com a medida provisória nº 785 de 2017, já no governo Temer, convertida na Lei nº 13.530 de 7 de dezembro de 2017, a qual revogou todas as leis e medidas provisórias anteriores. Manteve-se apenas o caráter incentivador de crédito a instituições privadas, ao abrir as oportunidades para agentes operadores de quaisquer instituições financeiras autorizadas pelo Banco Central do Brasil. É possível verificar essa mudança no parágrafo único da seção II da referida lei, “Parágrafo único. Para fins do disposto nesta Lei, consideram-se agentes financeiros operadores as instituições financeiras autorizadas pelo Banco Central do Brasil, que serão selecionadas nos termos do art. 15-K desta Lei”. (BRASIL, 2017).

Tratando-se de investimentos de um capital privado, como bancos, é possível verificar que o objetivo governamental mudou e passou a fomentar as instituições privadas e o mercado da educação, no qual as políticas são executadas com a preocupação somente econômica.

2.1.3 Prouni e Reuni

No ano de 2003, iniciava o governo Lula, cujas promessas geraram grandes perspectivas em relação à criação de novas oportunidades para a educação, à expansão das instituições de ensino superior públicas e maior acesso à população de baixa renda. Diante do exposto, citamos dois programas que foram de extrema importância para a expansão do ensino superior, o Prouni, Programa “Universidade para Todos”, nosso objeto de pesquisa, e o Reuni.

Com esses programas, o intuito do governo era atender as demandas de vagas e matrículas em instituições de ensino superior (IES), sejam elas públicas ou privadas. Saviani (2010) mostra que o Reuni incentivou a expansão das instituições de ensino superior públicas com a criação de novos campi, vagas e reestruturação tanto física como de equipamentos, além do aumento de pessoal, após anos de descaso e sucateamento da educação superior nos governos anteriores. O governo Lula também manteve as políticas de incentivo ao setor privado com o Prouni, que investe dinheiro público em instituições de ensino superior privadas para ocupar vagas ociosas, e ainda fornece benefícios fiscais, o que rende uma relevante maior quantidade de matrículas nessas instituições em relação às públicas.

Ao longo do governo Lula, se por um lado se retomou certo nível de investimento nas universidades federais promovendo a expansão de vagas, a criação de novas instituições e a abertura de novos campi no âmbito do Programa “REUNI”, por outro lado deu-se continuidade ao estímulo à iniciativa privada que acelerou o processo de expansão de vagas e de instituições recebendo alento adicional com o Programa “Universidade para todos”, o PROUNI, um programa destinado à compra de vagas em instituições superiores privadas, o que veio a calhar diante do problema de vagas ociosas enfrentado por várias dessas instituições. (SAVIANI, 2010, p. 14).

Os objetivos do Reuni iam além da expansão de vagas nas IES públicas, buscando melhorar a estrutura física e humana das instituições, com investimentos para diminuir a evasão dos cursos e expandir a educação superior. Na busca de atender as demandas de investimento nas instituições de ensino superior públicas, o Reuni foi implantado em 2007, pelo Decreto nº 6.095 de 24 de abril, após um grupo de trabalho interministerial ter sido instituído para realizar um diagnóstico da educação superior no país e elaborar um plano de ação que contemplasse as IES públicas.

Nesse sentido, Programa de Apoio aos Planos de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni- 2007) se constituiu como uma política importante, que tem na expansão do número de vagas das IES federais o seu escopo precípuo. Desse modo, o programa contribuiu para alavancar o número de matrículas nas IES federais, quando observado o período entre 2007-2010 verifica-se um aumento percentual no número de matrículas entorno de 46%. Todavia, esse crescimento não é acompanhado de proporcional investimento na contratação de professores e técnicos-administrativos, agravando, entre outros problemas, a precarização do trabalho. Na prática, para a adesão das IES ao Reuni faz-se necessário a apresentação de um plano comprometido com as metas do programa, enquanto os repasses de verbas para sua implementação ficam condicionados à capacidade financeira do MEC. (MORAES, 2015, p. 25).

O Programa Universidade para Todos - Prouni foi lançado em 13 de janeiro de 2005, com a Lei nº 11.096, e tinha como objetivo conceder bolsas de estudo parciais para estudantes de graduação em instituições de ensino privadas, para “brasileiros não portadores de diploma de curso superior, cuja renda familiar mensal per capita não exceda o valor de até 1 (um) salário-mínimo e 1/2 (meio)”. (BRASIL, 2005). Como consta em seu Art 1º:

Art 1º Fica instituído, sob a gestão do Ministério da Educação, o Programa Universidade para Todos - PROUNI, destinado à concessão de bolsas de estudo integrais e bolsas de estudo parciais de 50% (cinquenta por cento) ou de 25% (vinte e cinco por cento) para estudantes de cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de ensino superior, com ou sem fins lucrativos. (BRASIL, 2005).

Com esse investimento, o número de matrículas no ensino superior em instituições privadas cresceu gradativamente, garantindo o acesso a milhares de jovens que antes não tinham acesso ao ensino superior. Além disso, o programa também fornecia condições fiscais ligadas a isenção de impostos para as instituições que aderissem a ele. Conforme a Lei nº 11.096/2005 citado no artigo 8º:

Art 8º A instituição que aderir ao PROUNI ficará isenta dos seguintes impostos e contribuições no período de vigência do termo de adesão: (Vide Lei nº 11.128, de 2005) I - Imposto de Renda das Pessoas Jurídicas; II - Contribuição Social sobre o Lucro Líquido, instituída pela Lei no 7.689, de 15 de dezembro de 1988; III - Contribuição Social para Financiamento da Seguridade Social, instituída pela Lei Complementar no 70, de 30 de dezembro de 1991; e IV - Contribuição para o Programa de Integração Social, instituída pela Lei Complementar no 7, de 7 de setembro de 1970. (BRASIL, 2005).

As instituições que aderissem ao Prouni, além das isenções fiscais e recebimentos de recursos, tinham prioridade no Fies. Isso gerou um aumento no número de matrículas nunca visto antes na história da educação superior do país, gerando a criação de novas instituições, novos cursos e oportunidades de acesso a alunos de baixa renda, oportunizando estudo em instituições privadas de ensino superior. O Governo Lula, através do Reuni e do Prouni, buscou expandir a oferta de ensino superior público e privado, levando o ensino superior para os interiores dos estados, estimulando as economias locais e aumentando o número de matrículas, o que se tornou bastante relevante para a população de baixa renda, aumentando o nível intelectual, gerando oportunidades de formação, materializando a expansão do ensino superior no país.

É importante destacar que os programas dos governos Lula tiveram continuidade no governo Dilma, gerando um crescimento significativo de instituições e matrículas do ensino superior. Além disso, o número de IES cresceu exponencialmente no setor privado e praticamente dobrou no setor público, isso tudo durante o período entre os governos de Lula e Dilma, dando enfoque a ações que estimularam o capital e o movimento da economia, apesar de iniciativas motivadoras na rede pública educacional.

3 O ESTUDO DAS TRAJETÓRIAS E O SEU MODO DE INVESTIGAÇÃO

Pensar nos sujeitos que compuseram nossa pesquisa é pensar em suas trajetórias até chegarem onde estão. Nesse sentido, amparados ao seu suporte biológico, seus nomes, sobrenomes, como veículos de identificação desses indivíduos se juntam à objetivação de um corpo que o compõe e identifica. A formação social dessas identidades é compreendida aqui como uma máscara social, criada durante suas trajetórias, a fim de fortalecer a relação dentro dos espaços nos quais circulam e convivem. Ao longo de suas trajetórias, podemos perceber mudanças constantes, nas quais os indivíduos, enquanto agentes sociais passam durante seus movimentos na sociedade, o que resulta na fortificação de um *habitus* relacionado à história desses indivíduos. *Habitus* esse, definido aqui como:

Habitus, sistema de disposições socialmente constituídas que, enquanto estruturas estruturadas e estruturantes, constituem o princípio gerador e unificador do conjunto das práticas e das ideologias características de um grupo de agentes. (BOURDIEU, 1998).

Os sujeitos dessa pesquisa são associados a agentes sociais, dentro de um grupo social. Durante a pesquisa, buscamos narrar e delinear claramente a construção da evolução histórica dessas trajetórias, permeando os diferentes grupos nos diversos campos, fundamentados pela proposta bourdieusiana de análise dos campos. Para Bourdieu, campo é um microcosmo social dotado de certa autonomia, com leis e regras específicas, ao mesmo tempo em que influenciado e relacionado a um espaço social mais amplo. É um lugar de luta entre os agentes que o integram e que buscam manter ou alcançar determinadas posições. Essas posições são obtidas pela disputa de capitais específicos, valorizados de acordo com as características de cada campo. Os capitais são possuídos em maior ou menor grau pelos agentes que compõem os campos, diferenças essas responsáveis pelas posições hierárquicas que tais agentes ocupam. Pensar a partir do conceito de campo é pensar de forma relacional. É conceber o objeto ou fenômeno em constante relação e movimento. O campo também pressupõe confronto, tomada de posição, luta, tensão, poder, já que, de acordo com Bourdieu, todo campo “é um campo de forças e um campo de lutas para conservar ou transformar esse campo de forças”. (BOURDIEU, 2004, p. 22-23).

Os campos são formados por agentes, que podem ser indivíduos ou instituições, os quais criam os espaços e os fazem existir pelas relações que aí estabelecem. Um dos princípios dos campos, à medida que determina o que os agentes podem ou não fazer, é a “estrutura das relações objetivas entre os diferentes agentes”. (BOURDIEU, 2004, p. 23). Assim, é o lugar que os agentes ocupam nessa estrutura que indica suas tomadas de posição. Para compreendermos a lógica de um campo de produção simbólico, passamos por três momentos cruciais e inter-relacionados. O primeiro, no qual o fundamental é traçar as relações de influência e subordinação/dominação do campo intelectual em relação à estrutura de poder dentro da distribuição estrutural da classe dirigente, traçando um mapa preciso da localização do campo intelectual no arcabouço do poder, mostrando as linhas de força que delinham as demarcações de autonomia relativa do campo intelectual.

Num segundo momento, é necessário levar em conta a autonomia desse campo, no qual é preciso delinear as relações entre as posições ocupadas, alocadas, deslocadas pelos agentes e pelos grupos; observar a simultaneidade de um determinado momento do campo, resultado de uma história de lutas e conflitos pelo poder legítimo e legitimado pelos próprios agentes envolvidos. E então, analisar o resultado desses embates reais e históricos, podendo chegar a um *habitus* coletivo dos grupos em embate, cujas variações individuais não fazem mais que confirmar, desviando-se às vezes do convencional social, a característica fortemente coletiva das carreiras individuais dos agentes. Depois de realizado e delimitado o campo a ser estudado, podemos sobrepor à estrutura relacional dos campos do poder e do campo intelectual, as marcas distintivas das trajetórias dos grupos sociais e dos agentes. As trajetórias seriam o resultado construído de um sistema dos traços pertinentes de uma biografia individual ou de um grupo de biografias. (BOURDIEU, 1998).

Aprofundando ainda mais o conceito, Bourdieu aponta que uma trajetória é a objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes no campo. Essa objetivação resulta em uma trajetória, que diferentemente das biografias comuns, descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário. (BOURDIEU, 1996b). Sabendo que o campo está em permanente mudança e que a trajetória social é resultado do movimento dentro desse campo, buscamos compreender as estratégias e movimentos

individuais, cujo sentido, ou sentidos, de cada ato dos indivíduos envolvidos dentro de um grupo social, possa auxiliar na compreensão das mudanças e estados pelos quais passou a estrutura do campo em estudo, assim como suas posições e disposições de todos os agentes envolvidos, em cada momento da história. Assim, toda trajetória social deve ser compreendida como uma maneira singular de percorrer o espaço social, onde se exprimem as disposições do *habitus* e reconstitui a série das posições sucessivamente ocupadas por um mesmo agente ou por um mesmo grupo de agentes em espaços sucessivos". (BOURDIEU, 1996a).

Portanto, estudar trajetórias significa acompanhar o desenrolar histórico de um ou mais grupos sociais concretos em um espaço social definido por esses mesmos grupos em suas batalhas pela definição dos limites e da legitimidade dentro do campo em que se inserem, assegurando que a origem social é um fator poderoso na elucidação dessas trajetórias, pois, de acordo com Bourdieu, o *habitus* primário, devido ao ambiente familiar, é uma primeira e profunda impressão social sobre o indivíduo, que sofrerá outras sedimentações ao longo da vida. O uso dessa metodologia requer a construção de uma biografia coletiva (...) com base na obtenção de estratégias para estudar os casos de cada indivíduo, inserido num mesmo campo social, expondo e analisando assim suas trajetórias enquanto sujeitos "filhos" da política pública em questão.

Devem estar lastreadas em evidências empíricas que abranjam uma quantidade representativa de casos cujas características sociais, escolares, profissionais etc. possibilitam a reconstrução de uma trajetória ou <destino de classe> para os fins de análise sociológica ou política. (MICELI, 2001).

Ao lidar com material tão impregnado da vida cotidiana e subjetiva dos indivíduos, buscamos fundamentar e lidar com a objetividade. A pesquisa se fundamenta em Pierre Bourdieu, com a teoria dos campos, aprofundada no conceito de trajetórias sociais³, dando aporte teórico para compreender as estruturas de

³ De acordo com Bourdieu o conceito de trajetórias sociais inicia com o *habitus* adquirido na família, transformado pela ação escolar e pelas experiências posteriores. Os agentes vivenciam certa trajetória social e adquirem visão de mundo a ela relacionada. Para o autor, os agentes, ao longo de suas vidas, passam por deslocamentos no espaço social, e esses deslocamentos não podem ser explicados como uma sucessão de acontecimentos referidos a uma trajetória singular, mas sim inseridos em rede de relações e significados sociais. As disposições duráveis, especialmente as que dizem respeito ao *habitus* primário adquirido na família, compõem o sentido da trajetória social. (BOURDIEU, 2001).

poder simbólico dentro da sociedade e campo de estudo. Essa perspectiva permite a realização de uma pesquisa profunda, na qual será levada em conta a subjetividade individual contida nas histórias de vida de cada sujeito, assim como as idiosincrasias do espaço social, onde reinam as desigualdades e as verdades ocultas pela ilusão da transparência do mundo moderno, no qual estão inseridos os sujeitos dessa pesquisa. Esses elementos que apresentamos serão mais bem desenvolvidos no âmbito desta dissertação, em termos de seu aprofundamento.

3.1 O Conceito de Capital em Bourdieu

De acordo com Bourdieu, “capital” é um conceito que versa sobre a quantidade de acúmulo de forças dos agentes em suas posições no campo. Para Bourdieu, existe correspondência entre os diferentes tipos de capital de modo que o capital se caracteriza como conteúdo constituinte do poder em determinadas relações de força nas ações. Logo, em algumas ações, o capital poderá ter valor maior, menor, bem como, nenhum valor.

Bourdieu denomina "capital" — no sentido dos bens econômicos, mas também do conjunto de bens culturais, sociais e simbólicos. Como nos confrontos político ou econômico, os agentes necessitam de um montante de capital para ingressarem no campo e, inconscientemente, fazem uso de estratégias que lhes permitem conservar ou conquistar posições, em uma luta que é tanto explícita, material e política, como travada no plano simbólico e que coloca em jogo os interesses de conservação (a reprodução) contra os interesses de subversão da ordem dominante no campo. (THIRYCHERQUES, 2006, p. 36-37).

O capital econômico, conforme observa Bourdieu, equivale aos bens materiais que o grupo ou o indivíduo possui e está diretamente relacionado ao capital cultural e social. O capital econômico é formado por uma união de elementos, sendo um deles é a produção – terra, fábrica, trabalho – e os bens econômicos, onde destacamos os bens materiais como a renda, o patrimônio. (BONNEWITZ, 2005, p. 53).

A partir da posse de capital econômico, os sujeitos inserem-se em determinados grupos, acarretando aumento do capital cultural e social, ou seja, possibilita novas relações e investimentos educacionais e bens econômicos. Nesse sentido, Pierre Bourdieu sistematizou outros tipos de capital a fim de dar coerência

ao seu estudo. Devido ao fato de o capital econômico não conseguir sozinho elucidar o progresso da sociedade e o desempenho dos estudantes, o sociólogo define outros capitais para conseguir dar consistência ao seu pensamento, por isso ele analisa e fundamenta as características de cada tipo de capital.

O segundo tipo de capital em Bourdieu, a ser analisado, é o capital cultural, segunda forma de capital mais importante que envolve a vertente educacional. Nesse sentido, cabe uma análise do capital simbólico para entender mais precisamente a importância dele na teoria de Bourdieu. A conceituação de capital cultural de Pierre Bourdieu deu-se a partir de estudos sobre o sistema de ensino, com o intuito de demonstrar como se organizam as relações da sociedade com o meio e de que forma o capital cultural é incorporado pelos indivíduos. Segundo o autor, esse capital está ligado aos costumes, à cultura e a conhecimento.

[...] a noção de capital cultural impôs-se, primeiramente, como uma hipótese indispensável para dar conta da desigualdade de desempenho escolar de crianças provenientes das diferentes classes sociais, relacionando o sucesso escolar, ou seja, os benefícios específicos que as crianças das diferentes classes e frações de classe podem obter no mercado escolar, à distribuição do capital cultural entre as classes e frações de classe. (BOURDIEU, 2001, p. 73).

A partir das disparidades em relação ao desempenho escolar das crianças provenientes de diferentes classes sociais, que obtinham sucesso ou fracasso escolar, surgiu o conceito de capital cultural. Ao admitir o capital cultural como a solução para o problema do desempenho escolar dos alunos, Bourdieu dá continuidade à hipótese de que o sucesso ou o fracasso escolar estava diretamente ligado a vocação de cada criança, não considerando as origens familiares e de classe. (BOURDIEU, 2001, p. 73).

Dessa forma, o capital cultural para Bourdieu apresenta-se em três formas: no estado incorporado, no estado objetivado e no estado institucionalizado. No estado incorporado, ou seja, sob a forma de disposições duráveis do organismo; no estado objetivado, sob a forma de bens culturais – quadro, livros, dicionários, instrumentos, máquinas, que constituem indícios ou a realização de teorias ou de críticas dessas teorias, de problemáticas, etc.; e, enfim, no estado institucionalizado, forma de objetivação que é preciso colocar à parte porque, como se observa em relação ao

certificado escolar, ela confere ao capital cultural – de que é, supostamente, a garantia – propriedades inteiramente originais. (BOURDIEU, 2001, p. 74).

Em relação ao estado incorporado, a acumulação de capital cultural determina sua incorporação, implicando um trabalho de inculcação e assimilação, que necessita ser concretizado em suas ações. Ou seja, “a acumulação de capital cultural exige uma incorporação que, enquanto pressupõe um trabalho de inculcação e de assimilação, custa tempo que deve ser investido pessoalmente pelo investidor”. (BOURDIEU, 2001, p. 74).

Com isso, o capital cultural acarreta um investimento de tempo e constitui como parte integrante da pessoa, não podendo ser trocado, pelo fato de estar ligado à peculiaridade orgânica do indivíduo. No entanto, está vinculado à transmissão hereditária.

Aquele que o possui pagou com sua própria pessoa e com aquilo que tem de mais pessoal, seu tempo. Esse capital pessoal não pode ser transmitido instantaneamente (diferentemente do dinheiro, do título de propriedade ou mesmo do título de nobreza) por doação ou por transmissão hereditária, por compra ou por troca. Pode ser adquirido, no essencial, de maneira totalmente dissimulada e inconsciente, e permanece marcado por suas condições primitivas de aquisição. Não pode ser acumulado para além das capacidades de apropriação de um agente singular; depauperada e morre com seu portador (com suas capacidades biológicas, sua memória etc.). (BOURDIEU, 2001, p. 75).

Assim sendo, famílias com elevado capital econômico poderão alcançar resultados mais aceitáveis por terem reserva de capital, já uma família com recursos econômicos limitados não terá tempo disponível para sistematizar um método de incorporação de capital cultural. Isso nos revela que a diferença econômica pode refletir no processo de obtenção de capital econômico.

O capital cultural, em seu estado objetivado, pode existir sob a forma de bens culturais – livros, pinturas, escritos. Para que alguém consiga adquirir bens culturais, é necessário ter capital econômico, o que é evidenciado na compra de uma máquina, por exemplo, mas para se apropriar dela é preciso que se tenha capital cultural incorporado. (BOURDIEU, 2001, p. 75).

Isso significa dizer que o capital cultural objetivado é a obtenção de bens materiais, ou seja, resulta da ação histórica dos sujeitos. Ele, diferentemente do capital cultural incorporado, pode ser transmitido em sua materialidade devido ao

fato de o capital cultural, em seu estado incorporado, não ter como se transmitir. Podemos vender um livro a alguém, mas não podemos vender a compreensão intelectual.

Já a terceira concepção de capital, intitulado por Bourdieu como capital institucionalizado, apresenta-se sob a forma de títulos, ou seja, materializa-se por meio de diploma, levando o sujeito a ser reconhecido socialmente; certificando que o indivíduo possui conhecimento em determinada área e legitimando o processo de acúmulo de capital cultural. Esse capital possui os mesmos limites do capital incorporado, ou seja, “os mesmos limites biológicos”. (BOURDIEU, 2001, p. 78).

Nesse estado, percebe-se a relação do capital cultural e capital econômico e a missão do sistema de ensino. O nível de investimento na carreira escolar está ligado ao possível retorno que se pode alcançar com título escolar no mercado de trabalho. Como afirma Bourdieu, “permite estabelecer taxas de convertibilidade entre capital cultural e o capital econômico, garantindo o valor em dinheiro de determinado capital escolar”. (BOURDIEU, 2001, p. 79).

É a posse de capital cultural institucionalizado, isto é, o diploma, que destaca os sujeitos frente ao mercado de trabalho. A obtenção de título é proporcional à valorização do mesmo pela sociedade, isto é, quanto maior o grau de dificuldade de acesso a determinado título, maior será a sua valorização, e quanto mais fácil for o acesso, maior será a sua desvalorização. Bourdieu (2001) diz que:

[...] o investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade da conversão que ele implica for objetivamente garantido. Pelo fato de que os benefícios materiais e simbólicos que o certificado escolar garante, dependem também de sua raridade. (p. 79).

Logo, o capital cultural em seu estado institucionalizado, está vinculado à possibilidade de transformação em capital econômico. Com isso, e em conformidade com os estudos de Bourdieu, há um crescimento dos investimentos escolares, o que resulta no aumento de emissão de diplomas escolares, tendo por consequência o aumento do acesso às universidades em virtude das mudanças ocorridas na estrutura social, garantindo a acessibilidade do estudo à maior parte da população.

O capital social na visão de Bourdieu é bastante distinto: primeiramente porque apresenta uma concepção de capital social como um recurso individual – e não de uma determinada família, organização ou comunidade – e dá ênfase no

aspecto simbólico, relacionando-se à concepção de poder de classes, por influência do marxismo – em detrimento do aspecto econômico – reputação dos atores, confiança em uma “conduta esperada”, um sistema de normas e de regras. (BOURDIEU, 2001 apud SANTOS, 2003).

O conceito de capital social tem sido renovado por alguns autores ao mesmo tempo em que é criticado por outros. De forma geral, capital social pode ser entendido como a capacidade de uma sociedade de estabelecer laços de confiança interpessoal e redes de cooperação com vistas à produção de bens coletivos.

Nesse sentido, compreende-se que a estrutura social é determinada de acordo com a divisão das variadas formas de capital. É nessa percepção que surge a definição de capital social dada por Bourdieu, por ser um recurso que pode auxiliar no processo de mudança. Na perspectiva, Bourdieu define o capital social da seguinte forma:

O capital social é o conjunto de recursos atuais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros ou por eles mesmos), mas também são unidos por ligações permanentes e úteis. (BOURDIEU, 2001, p. 67).

A definição e difusão do conceito de capital social em Bourdieu é referência na atualidade. Sua percepção tem por base as estratégias de reprodução ou a permuta de posição na estrutura social, sendo o único autor a abranger a ideia de disputas na estrutura de análise, o conceito como foco, as estratégias de reprodução ou a mudança de posições na estrutura social. Bourdieu utiliza o conceito de capital social, tendo por foco os benefícios obtidos pelos sujeitos na participação em grupos. Com isso, o capital social,

[...] refere-se ao conjunto de relações sociais (amizades, laços de parentesco, contatos profissionais etc.) mantidas por um indivíduo. O volume de capital social de um indivíduo seria definido em função da amplitude de seus contatos sociais e, principalmente, da qualidade desses contatos, ou seja, da posição social (volume de capital econômico, cultural, social e simbólico) das pessoas com quem ele se relaciona. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004, p. 51).

Para Bourdieu, o capital social pode ser acumulado, assim como o capital econômico. Todavia, diferentemente do capital econômico, que é assegurado por lei, o capital social tem características de bem público, o que significa dizer que ele só é acumulado por meio da ampliação das relações sociais.

A conceituação de Bourdieu sobre o capital cultural auxilia o estabelecimento de ensino a desenvolver uma rede de relações entre professores do mesmo campo ou de campos diferentes, englobando os saberes formal e informal na composição de estruturas da política pedagógica e da sociedade. Por meio do capital social, os campos fortificam-se fazendo com que os indivíduos potencializem seus habitus, a fim de pensar uma educação cada vez mais crítica e transformadora. Também por meio do capital conseguimos justificar e conjecturar em maneiras de inserir o conhecimento trazido pelos alunos do ambiente familiar.

Para Bourdieu, há uma hierarquia nas formas de capital, um bom exemplo disso é a precedência do capital econômico em relação aos demais tipos de capital. Este capital não é facilmente perceptível, diferente dos outros tipos de capital. Nesse sentido, o capital simbólico está vinculado ao prestígio e à honra que o indivíduo, agente ou instituição possui em determinado campo da sociedade, isto é, é o modo de como o agente é notado pelos outros, associando-o a outro tipo de capital.

O capital simbólico é uma propriedade qualquer (de qualquer tipo de capital, físico, econômico, cultural, social), percebida pelos agentes sociais cujas categorias de percepção são tais que eles podem entendê-las (percebê-las) e reconhecê-las, atribuindo-lhes valor. Um exemplo: a honra nas sociedades mediterrâneas é uma forma típica de capital simbólico que só existe pela reputação, isto é, pela representação que os outros fazem dela, na medida em que compartilham um conjunto de crenças apropriadas a fazer com que percebam e apreciem certas propriedades e certas condutas como honrosas ou desonrosas. (BOURDIEU; PASSERON, 2008, p. 107).

O capital simbólico seria uma espécie de bônus e está relacionado aos demais tipos de capital, ou seja, ele não existe sozinho e é dependente das demais formas de capital.

O capital simbólico diz respeito ao prestígio ou à boa reputação que o indivíduo possui num campo específico ou na sociedade em geral. Esse conceito se refere, em outras palavras, ao modo como um indivíduo é percebido pelos outros. Geralmente, essa percepção está diretamente associada à posse dos outros três tipos de capital, mas não necessariamente. Um indivíduo pode continuar a ser visto como

rico, graças à manutenção de certos sinais exteriores de riqueza, quando, na verdade, já perdeu, ou nunca teve, uma grande fortuna. Da mesma forma, possuir um sobrenome socialmente reconhecido como importante pode conferir a um indivíduo certo capital simbólico que não corresponde, necessariamente, aos seus capitais econômico, cultural e social. (NOGUEIRA; NOGUEIRA, 2004, p. 51-52).

Desse modo, o capital simbólico proporciona poder e legitimidade – poder simbólico – ao agente, grupo ou instituição que o possui, tendo por base o seu reconhecimento da dominação do membro que o possui dentro de determinado campo, sobre os demais indivíduos. Em vista disso, o capital simbólico é o instrumento principal do poder simbólico, pois impõe seu ônus sobre os que possuem em baixa quantidade ou não o possuem em um campo determinado.

A partir do campo teórico dos componentes que traduzem o que é o conceito de capital, vamos analisar as trajetórias de três ex-pronistas oriundos de Universidades Privadas do Estado do Rio Grande do Sul.

4 METODOLOGIA E ANÁLISE DOS DADOS

Essa pesquisa pode ser caracterizada como pesquisa qualitativa de cunho exploratório, realizada por meio de entrevistas abertas com três ex-prounistas que hoje encontram-se numa situação de mestres e/ou doutores vinculados a educação e a ciência brasileira. A pesquisa se fundamenta na metodologia qualitativa, que se valeu de entrevistas e da contribuição de Bourdieu no que tange a ideia de trajetórias sociais aliada à metodologia histórico-crítica, conforme apresentamos a seguir.

A metodologia histórico-crítica fundamenta-se na dialética, essa relação do movimento e das transformações. Trata-se de uma concepção que procura compreender e explicar como se relacionam sociedade e educação, abrangendo desde a forma como são produzidas as relações sociais e suas condições de existência até a inserção da educação nesse processo.

A metodologia histórico-crítica busca compreender a questão educacional a partir do desenvolvimento histórico objetivo. Isso significa compreender a Educação no contexto da sociedade humana, como ela está organizada e como ela pode contribuir para a transformação da sociedade. (CORSETTI, 2010, p. 89).

A pesquisa qualitativa aliada ao paradigma da teoria crítica compreende a realidade como um processo sócio-histórico em constante mudança e sempre resultante das relações sociais contraditórias ou complementares. Desse modo, buscando compreender a ideia de que as mudanças precisam ocorrer para além do que está estabelecido, relacionada às práticas sociais, a compreensão dos valores, potencialidades e limites de uma sociedade. Visa a valorizar fortemente os valores sociais, as lutas contra qualquer desigualdade e discriminação, buscando a eliminação da fome, a conquista de melhores condições de saúde, visando a uma educação que seja emancipadora, pautada na liberdade e igualdade. Os estudos realizados com o paradigma crítico buscam atender os espaços onde a vida social é explorada, em campos como a educação, economia, nas relações de gênero e nas demais áreas em que possa ocorrer a desvalorização do ser humano. (TRIVIÑOS, 1987).

Este estudo identifica-se com o paradigma da teoria crítica, pois está sendo realizado no campo da educação e busca valorizar o ser social que pertenceu ao

Prouni, programa criado para minimizar a dificuldade de acesso ao ensino superior dos indivíduos de baixa renda no Brasil. A teoria crítica se coloca como uma forte exigência de fundamentar, de um ponto de vista imanente ao próprio objeto social, suas análises e diagnósticos sobre as condições de possibilidade e sobre os obstáculos existentes à emancipação. (MELO, 2011).

A teoria crítica passa a reconstruir, assim, a pluralidade dos movimentos por emancipação, em torno da reivindicação de direitos legítimos mobilizados por lutas por reconhecimento em que se explicitam a interdependência e as relações recíprocas entre política e direito. (TAYLOR, 2000; HONNETH, 2003; HABERMAS, 1997). O desafio da teoria crítica consiste em poder renovar seus diagnósticos de modo a tornar possível que continuemos formulando uma perspectiva a partir da qual os obstáculos à emancipação ou potenciais emancipatórios, quando presentes numa dada sociedade, sejam considerados e analisados de modo crítico.

A subjetividade social e individual dos participantes será percebida mediante suas histórias de vida conectadas com suas histórias de vida profissional. Para isso, foram realizadas entrevistas abertas, a fim de acessar as narrativas e experiências, podendo, com autorização, serem gravadas em som e/ou vídeo com som, além da pesquisa histórico documental já realizada por meio do estado da arte e documentos oficiais.

Como sujeitos da pesquisa, estamos considerando três ex-prounistas que hoje encontram-se na situação de mestres ou doutores. Esses sujeitos são oriundos de instituições renomadas de ensino superior do Estado do Rio Grande do Sul, dentre elas a Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS) e a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUC/RS).

No paradigma qualitativo, a realidade é construída a partir do quadro referencial dos próprios sujeitos do estudo. A entrevista de caráter aberto foi utilizada para coleta de dados, visando a constituir a análise dessa pesquisa. As entrevistas não estruturadas ou completamente abertas são aquelas que apresentam um número de questões, mas não são específicas nem fechadas. Apresentam um guia para que o pesquisador e os entrevistados sigam, podendo também haver a possibilidade de adição de novas questões para que se possa compreender melhor determinado tópico. Há a suposição de que os informantes conhecem pouco sobre o assunto em pauta, cabendo ao investigador o papel de ouvir e entender.

Para Bourdieu (1999, p. 704), a entrevista pode ser considerada como uma “forma de exercício espiritual, visando obter, pelo esquecimento de si, uma verdadeira conversão do olhar que lançamos sobre os outros nas circunstâncias comuns da vida”. A entrevista é uma relação de troca e “nesta relação de troca, cada um engana um pouco ao outro ao se enganar a si próprio”. (BOURDIEU, 1999, p. 703).

De acordo com Triviños (1987, p. 13), devemos observar alguns pontos quando realizamos pesquisas e estudos que envolvem fenômenos políticos e sociais. Assim,

[...] o pesquisador, por coerência, por disciplina, deve ligar a apropriação de qualquer ideia à sua concepção de mundo, em primeiro lugar, e, em seguida, inserir essa noção no quadro teórico específico que lhe serve de apoio para o estudo dos fenômenos sociais.

Nesse sentido, precisamos ressaltar a importância e a necessidade da indicação de um caminho teórico a ser percorrido pelo pesquisador durante toda sua pesquisa. Os fenômenos políticos e sociais exigem um envolvimento e compreensão de uma realidade, muitas vezes complexa, uma realidade histórica que se transforma a cada momento.

Quanto a abordagem, caracterizamos esta pesquisa como uma pesquisa qualitativa, com a intenção de, através da pesquisa, obter muito além de informações ou histórias vividas, por meio das entrevistas abertas que foram realizadas de forma individual, com ex-prounistas numa das IES já mencionadas. De acordo com Gil (2008), o objetivo de uma pesquisa exploratória é familiarizar-se com um assunto ainda pouco conhecido ou explorado. Assim, se constitui em um tipo de pesquisa muito específica, na qual haverá sempre alguma obra ou entrevista com pessoas que tiveram experiências práticas com problemas semelhantes ou análise de exemplos análogos que podem estimular a compreensão. É nesse sentido que buscamos compreender as trajetórias de nossos sujeitos, por meio de uma pesquisa qualitativa exploratória, fundamentada na teoria crítica e com pressupostos metodológicos de Bourdieu para categorização e análise, a análise de dados com base na perspectiva bourdiana associada à perspectiva dialética.

4.1 Entrevistados

Na busca de categorizar quem são os entrevistados desta pesquisa, buscamos elencar algumas características específicas no quadro abaixo para melhor compreensão de suas trajetórias. Ao longo do capítulo, veremos o que os sujeitos têm em comum e o que os diferencia, compreendendo o fato de que se aproximam por serem sujeitos sociais vinculados a condições familiares e socioeconômicas que não possibilitavam o ingresso na universidade, enfatizando a importância do Prouni e diferenciando-os em suas escolhas profissionais.

Quadro 3 - Entrevistados

Entrevistados	Gênero	Idade	Formação	Cor	Universidade	Bolsista na Graduação	Bolsista no Mestrado	Bolsista no Doutorado
Nº 01	Masculino	27	Doutorando em Educação	Branca	PUCRS	Sim	Sim	Sim
Nº 02	Masculino	31	Doutor em História	Branca	UNISINOS	Sim	Sim	Sim
Nº 03	Masculino	31	Mestre em Educação	Branca	UNISINOS	Sim	Sim	

Fonte: Tabela elaborada pela autora

Para poder conhecer e compreender essas trajetórias, faz-se necessário dar voz aos atores desse processo. Por meio de entrevista aberta realizada com um doutorando em Educação, no dia 13 de novembro de 2019, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo/RS, damos início a uma busca de compreender a trajetória do pesquisado. Ele inicia reafirmando a importância em fazer parte da pesquisa, cujo objeto é de extrema relevância para o entrevistado, afirmando com a seguinte fala:

“Então, primeiro eu quero te agradecer oficialmente pela confiança, eu acho que ser sujeito, sujeito objeto enfim né de uma pesquisa de caráter como essa assim para mim é muito importante e eu acho que é também uma forma de atuação política eu entendo assim. No momento de crise que algumas políticas públicas, eu acho que a investigação dessa política, desse programa e a oportunidade de fazer parte dela assim para mim são

extremamente relevantes então de saída eu quero te agradecer pela confiança também”. (ENTREVISTADO 01).

No dia 20 de novembro de 2019, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo/RS, na busca de compreender a trajetória do doutor em História, realizamos a entrevista e passamos a conhecer um pouco de sua trajetória:

“Tenho 31 anos eu nasci em primeiro de Abril de 1988 em Novo Hamburgo e a minha família, ela não tem uma origem local né, a minha família faz parte desse grupo que veio para região durante a década de 80 com o êxodo rural, com o crescimento da região metropolitana e nesse contexto a minha família ela se instalou numa área periférica na minha cidade não é periferia mas é uma área que não é central da cidade né e o meu pai né ele trabalhava, trabalhou sempre como pedreiro né construção civil e a minha mãe e ela trabalhou como empregada doméstica”. (ENTREVISTADO 02).

No dia 4 de dezembro de 2019, foi a vez de conhecermos um pouco da trajetória do mestre em Educação, a entrevista foi realizada na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo/RS.

“[...] venho de uma família de professores eu tenho várias tias, avós professoras e minha vó também é professora, pedagoga né então eu já tive essa inspiração já na família mas eu fui seguindo e durante a minha trajetória escolar foi muito marcado pelos meus professores tanto do fundamental quanto no ensino médio né e eu já tinha decidido ali no ensino médio que eu queria seguir a carreira docente”. (ENTREVISTADO 03).

Podemos perceber que as escolhas são feitas a partir das oportunidades e limites colocados pela estrutura familiar e social desses sujeitos. Isso envolve diretamente a posição social, a estrutura familiar, o capital econômico e cultural dos membros constituintes dessas famílias, aspectos relevantes para a construção de suas trajetórias, elementos fundamentais para análise que abordaremos no decorrer da pesquisa.

4.1.1 Percursos escolares

Pode-se perceber que os percursos sociais percorridos por indivíduos assumem uma morfologia coerente com a ordem social vigente, seja afirmando-a, reproduzindo-a, negando-a; dificilmente seriam exóticos a ela, e por serem distintos

e distintivos, expressam determinadas condições sociais. Situar o contexto no qual os indivíduos agem, ao longo do tempo, implica situá-los perante os seus círculos sociais de referência, localizados no espaço social, físico e simbólico. Partindo do pressuposto de que a existência das sociedades depende da existência de regularidades socialmente estabelecidas ao longo do tempo, sob a forma de comportamentos sociais por parte dos indivíduos, Bourdieu (2000) nos traz o conceito de trajetória social.

A partir disso, a construção de trajetórias implica aprofundar a análise sobre as condições de existência em que se desenvolve o permanente processo de socialização e aculturação dos agentes sociais, e, no fundo, a sua própria produção enquanto agentes. Compreender a trajetória de um ex-prounista é um dos objetivos dessa pesquisa e ao longo da entrevista podemos compreender de onde esses sujeitos falam, quando questionados sobre sua trajetória escolar.

“[...] a minha trajetória enquanto sujeito no universo escolar ela se dá dentro da escola pública né, eu sempre estudei em escola pública, o ensino fundamental e o ensino médio, sou filho de pai analfabeto, meu pai ele sempre foi servente de pedreiro né e ele tentou a EJA depois de mais idoso enfim mas ele não conseguiu se alfabetizar e a minha mãe sempre foi faxineira, lavadeira, do lar, enfim, ela cursou até antigo terceiro ano que depois virou terceira série, agora é ano novamente né e a minha mãe ela é alfabetizada mas ela tem extremas limitações assim com código escrito né, dentro da minha família o meu irmão mais velho ele cursou até a 6ª série 7ª, o outro até a quinta né, meu segundo irmão mais velho, ele é deficiente físico e mental, enfim ele não conseguiu avançar e a minha irmã hoje depois dos 35 ela ingressou no ela ingressou no curso de Direito fazendo uma disciplina, duas, enfim, por semestre”. (ENTREVISTADO 01).

Analisando a fala do entrevistado 01, compreendemos um pouco de como se deu sua trajetória analisando seu percurso escolar, percebe-se que sua origem familiar está diretamente ligada ao seu percurso escolar. Muitas pesquisas evidenciam que as trajetórias escolares estão fortemente ligadas a variáveis como a renda e escolaridade dos pais, à qualidade da escola frequentada e até mesmo ao local em que o estudante vive na cidade. Dessa forma, percebemos que os entrevistados não se encontram em posições iguais, contando com mais ou menos

recursos que os auxiliaram em sua trajetória escolar. Percebemos na fala do entrevistado 02 o mesmo percurso.

“[...] a vida toda e eu estudei em escola pública toda minha trajetória. Né desde as séries iniciais até o ensino médio sempre foi na escola pública que eu estudei”. (ENTREVISTADO 02).

Percebemos uma pequena diferença na fala do entrevistado 03, em relação aos outros dois entrevistados, em sua fala desde a sua apresentação é possível visualizar que na sua composição familiar já existiam professores e pessoas com maior grau de instrução. Sua trajetória escolar passa a ser marcada por esses exemplos, fazendo com que esse sujeito tenha outras perspectivas em seu percurso escolar.

“[...] a minha trajetória escolar foi muito marcado pelos meus professores tanto do fundamental quanto no ensino médio né e eu já tinha decidido ali no ensino médio que eu queria seguir a carreira docente Então eu fui me preparando para isso né ali no ensino médio e de início eu tive ainda uma logo que eu tava lá no terceiro ano do ensino médio eu tava na idade regular nunca tinha reprovado nenhum ano eu tava com 17 anos eu cheguei a fazer um vestibular em uma universidade privada né a ULBRA”. (ENTREVISTADO 03).

É preciso privilegiar a leitura que esses sujeitos fazem de sua realidade social, a leitura subjetiva da posição que ocupam no mundo, o que quer dizer que cada um faz uma interpretação diferente de sua posição social. É a interpretação que o sujeito faz de sua posição que influenciará no seu percurso escolar. (CHARLOT, 2000, 2005).

Considerar suas origens sociais sem desapropriá-las do poder de determinar o percurso escolar e social dos sujeitos pesquisados possibilitou compreender esse aspecto que foi fundamental para construção de seus percursos até a formação atual. A princípio, suas narrativas são muito parecidas, pois todos estudaram em escolas públicas e vêm de famílias de condição socioeconômica desfavorecidas, porém, quando narradas pelos entrevistados, que são os protagonistas dessa pesquisa, tomam os matizes da singularidade e originalidade de cada um, assim foi

possível conhecer o sentido da escola, do aprender, do saber em suas vidas e, assim, compreender o que os mobilizou e mobiliza em direção às suas trajetórias.

4.1.2 Condições familiares

É possível perceber que suas trajetórias sociais não oportunizaram uma visão de futuro, por sua origem não permitiam que seus estudos fossem além do ensino médio, inclusive culturalmente isso não era nem pensado por seus familiares. Esse percurso escolar passa pelo sentido que a educação tem para eles e para suas famílias, por sua relação com o aprender e com os diversos saberes.

“[...] a minha trajetória ela vinha se constituindo nessa intenção de assim como os meus irmãos terminar o Ensino Fundamental no máximo o médio e me inserir né e de fato eu me inseri. Antes de entrar na universidade eu trabalhei em mercado, como repositor, eu trabalhei em loja como vendedor, em loja de utensílios enfim e era um pouco a expectativa que nós tínhamos assim enquanto família, porque ninguém foi muito além disso, quando eu entrei no ensino médio, enfim, um pouco antes eu já almejava muito a faculdade, eu não sabia exatamente o que, eu queria ser professor mas eu não entendia do que assim e aí começou um tensionamento muito grande meu e da minha família porque primeiro eu sabia que eles não teriam condições de pagar e segundo eu não teria, a minha mãe sempre foi contra eu fazer faculdade, porque ela achava totalmente desnecessário uma vez que os meus irmãos não fizeram porque eu teria que fazer então gerou alguns atritos e quando eu ingressei ali no ensino médio eu comecei por conta própria assim, eu não tinha como acessar um curso popular, porque não existia na cidade e eu comecei a estudar, só que eu não sabia o que era Universidade Federal não sabia da existência”. (ENTREVISTADO 01).

O desejo de obter melhores condições de vida e seguir na busca de tornarem-se cidadãos dignos do próprio sustento os levou a procurar meios para se manterem e corresponder às expectativas de suas famílias e da sociedade na qual estão inseridos, mobilizando-os a enfrentarem obstáculos, seja na relação com as oportunidades relativas ao mercado de trabalho, seja consigo mesmos.

“Quando chegou o final desse período de ensino médio comecei a procurar no mercado de trabalho oportunidades né e eu sabia que o local onde eu vivia não permitia muitas opções né para quem tinha um perfil como o meu né, na minha origem social eu sabia que no local onde eu vivia né, esses que estavam estabelecidos há pouco tempo não tinham a oportunidade como outros que estavam instalados há anos na cidade né

não tinham tantos contatos, uma rede tão grande de solidariedade para conseguir empregos, o que sobrava para minha geração dos meus amigos todos era trabalhar na indústria, na região licoreiro calçadista né, então tem indústrias que trabalham nessa área né então a realidade para alguém da minha idade né na saída da adolescência, no ingresso no mercado de trabalho era o chão de fábrica. Essa sempre foi o que foi me oportunizado né ou esses trabalhos como de empregada doméstica ou pedreiro né como meu pai e minha mãe já tinham. Bom, então eu sabia né que as oportunidades que existiam para mim não eram muito grandes não, não teria uma carreira assim há construir, seriam poucas oportunidades que teria né de trabalho mas mesmo assim né eu precisava trabalhar então por volta de 2006 quando eu tinha 17 anos para 18 eu ingressei na oficialmente né na uma empresa de calçado com carteira assinada e tal não que eu não prestasse outros serviços na informalidade né, tipo o pequeno serviço de cortar fio de calçado passar cola, coisas pequenas né mas nunca com um horário fixo e carteira assinada, então, mas a partir desse momento então, em 2006 comecei a trabalhar de carteira assinada né numa fábrica que fazia peças né de couro bordados pra calçado, costura pra calçado então, tudo em volta pro setor de malhas e calçados né e assim como eu vários colegas”. (ENTREVISTADO 02).

Charlot, apropriando-se de Marx e sua noção de práxis, solidifica sua ideia de que o sujeito não é determinado pela posição social que seus pais ocupam, mas que ele tem a possibilidade de mudar o mundo através do trabalho e, nessa empreitada contínua, transforma também a si mesmo. Baseados nas oportunidades e situações já vivenciadas dentro de suas famílias, podemos perceber a ausência da mobilização familiar na constituição dessas trajetórias por meio de suas falas, que a realidade vista era daqueles trabalhos que enfatizam a mobilização familiar e individual na constituição de trajetórias pouco prováveis.

“[...] eu sai ainda no ensino médio, fiz esse vestibular e não consegui ingressar no ensino superior e aí eu me destinei pro técnico em química que é gratuito no meu município é municipal né E aí nesse momento era a alternativa que eu tinha de seguir os meus estudos então eu no meu próprio município segui o técnico em química na rede municipal mas eu tinha clareza de que eu não queria ser químico eu queria seguir a carreira docente né então quando eu cheguei mais para o final do curso eu já tinha essa clareza e eu abandonei o técnico em química, eu não cheguei a me formar como técnico em química justamente porque eu me via, eu não conseguia me ver trabalhando com vidraria dentro de um laboratório eu queria eu tinha a clareza de que eu queria trabalhar com pessoas aí eu fiz depois que eu abandonei o técnico em química eu fiz esse concurso então do IBGE”. (ENTREVISTADO 03).

As trajetórias escolares estão diretamente atreladas às condições familiares, de modo especial àquelas consideradas pouco prováveis, não delimitando o futuro dessas trajetórias, mas criando obstáculos e empecilhos que vão além da mobilização escolar das famílias. Isso exige que os próprios sujeitos se mobilizem e invistam no processo de escolarização de maneira intensa e contínua, para dar rumo a construção de uma trajetória diferente daquela a qual se originou.

Bourdieu (1999, p. 712), quando trata da relação pesquisador – pesquisado, falando das entrevistas, propõe restituir ao pesquisado sua razão de ser e sua necessidade, buscando tornar evidente sua visão do mundo. As trajetórias seriam, assim, o resultado construído de um sistema dos traços pertinentes de uma biografia individual ou de um grupo de biografias. (BOURDIEU, 1998).

Precisando mais o conceito, Bourdieu aponta que uma trajetória é a objetivação das relações entre os agentes e as forças presentes no campo. Essa objetivação resulta em uma trajetória, que “diferentemente das biografias comuns, descreve a série de posições sucessivamente ocupadas pelo mesmo escritor em estados sucessivos do campo literário”. (BOURDIEU, 1996b). Podemos intercambiar a palavra escritor e literário por intelectual e científico, sem alterarmos o sentido da definição.

Dentro das trajetórias, há deslocamentos intrageracionais de dois tipos: dentro do mesmo setor de produção cultural, através de acúmulo de capital legítimo no campo (simbólico) ou de capital econômico, ou entre setores diferentes de um mesmo campo (subcampos), o que implica uma reconversão de capitais durante a passagem de um setor a outro. (BOURDIEU, 1996a). Seguramente, a origem social é um holofote poderoso na elucidação dessas trajetórias, pois o *habitus primário*, devido ao ambiente familiar, é uma primeira e profunda impressão social sobre o indivíduo, que sofrerá outras sedimentações ao longo da vida.

Estudar a trajetória desses estudantes universitários de origem popular possibilitou conhecer o perfil desses sujeitos que, por meio de uma política pública educacional, passaram a habitar o espaço acadêmico. Essa dinâmica continuará permeando suas vidas, revelando os condicionantes presentes em suas trajetórias.

4.1.3 Escolhas profissionais

Se o campo está em permanente mudança, a trajetória social é o movimento dentro de um campo possível definido estruturalmente, mesmo que as estratégias e os movimentos individuais sejam ao acaso. Contrariando as expectativas sociais e culturais evidenciadas em suas trajetórias, eles seguiram rumo ao sonho do acesso ao ensino superior. Muitos deles são pioneiros em suas famílias em fazer um curso superior.

“[...] até que num dos trabalhos por onde eu passei o meu chefe, ele era historiador, ele era formado em História e disse: - por que tu não tenta o vestibular na UFRGS? E eu disse o que que é a UFRGS, aí eu descobri que existe a universidade pública comecei a estudar enfim, então eu trabalhava né, manhã e tarde e estudava à noite, fazia o ensino médio à noite e pós ensino médio né, pós as onze da noite eu estudava pra me preparar pro vestibular só que eu não tinha noção do que era o vestibular da UFRGS, então eu fiz o vestibular foi aquela vergonha e eu tinha feito o Enem né e daí me bateu uma coisa assim porque eu fiz vestibular na Fevalle, eu fiz na Ulbra, por mais que eu soubesse que eu não poderia pagar eu queria entrar, então eu guardei dinheiro esses três anos pra um semestre eu poder pagar o curso e aí nessas universidades privadas eu fiquei super bem colocado então foi um choque de realidade ver o vestibular da UFRGS e aí nesse entremeio eu descobri que existia o Prouni, mas eu não sabia exatamente o que que era”. (ENTREVISTADO 01)

As relações criadas ao longo de suas trajetórias foram marcadas por colegas, professores e o meio no qual estavam inseridos, o que de certa forma influenciaram suas escolhas profissionais, em decorrência de mudanças de estabelecimento escolar e inserção em um novo mundo social, influenciaram as aspirações escolares e favoreceram o desenvolvimento de estratégias para a continuidade dos estudos.

“[...] então eu comecei a procurar oportunidades né daí aquele ano foi um dos primeiros anos que no ano anterior se eu não me engano que já começaram ouvir na região ali que tinham essas oportunidades de bolsas né, do Prouni e tal e eu decidi me candidatar eu vi que eu me encaixava na faixa de renda né e eu já tinha feito a prova do Enem no ano anterior 2005 e tinha várias oportunidades assim que eu, várias possibilidades que eu pensava de curso. Primeiro eu pensei em jornalismo, geografia também pensei mas no fim acabei ficando com história como a primeira opção né e para mim a questão da distância era importante porque eu também não teria muito dinheiro para deslocamentos né então eu escolhi uma das Universidades mais próximas né que era Unisinos né a segunda era Fevalle mas passei para Unisinos né na primeira escolha e comecei a

cursar ainda no segundo semestre de 2006 o curso de História licenciatura aqui na Unisinos, concomitantemente a isso continue trabalhando na fábrica”. (ENTREVISTADO 02).

Analisando as falas podemos perceber que suas escolhas profissionais foram se moldando no decorrer de suas trajetórias, enquanto trabalhadores criaram suas redes de colaboração e mantiveram sempre vivo o sonho de ingressarem no ensino superior, seja por meio da ilusão que muitos, assim como eu, já tiveram de poder manter e custear esse sonho com o próprio trabalho.

“[...] eu fiz o vestibular na Ulbra para história e naquela época a gente tá falando de 2003, 2004, 2005 mais ou menos né naquela época o ProUni estava parecendo e o ENEM também estava ganhando projeção os dois e aí eu não tinha muita noção ainda disso no ensino médio né que eu estava no ensino médio foi bem na época que a primeira edição do Enem ocorreu Então eu fui seguindo fiz esse vestibular né sem ter noção ainda do PROUNI né e eu fiz esse vestibular e fui aprovado no vestibular eu me lembro que fiquei muito feliz na época e aí eu cheguei a emitir o primeiro boleto da Universidade né aí o meu pai não conseguiu pagar o boleto, então a minha matrícula não chegou a ser efetivada lá na Ulbra e naquele momento eu fiz um vestibular pra história, eu achava que ia ser história, biologia ou letras, era um dos três segmentos da carreira docente que eu queria seguir né das três especializações ali dentro. Então eu fui e fiz esse vestibular, eu fiquei muito frustrado, nesse primeiro momento né, porque eu não consegui ingressar no ensino superior e eu já tinha esse sonho ali no Ensino Médio e aí como não deu eu fiz um concurso público temporário no IBGE na época e aí era um concurso para agente de informática e eu trabalhava lá no IBGE fui aprovado e trabalhava no IBGE com a coleta dos dados do censo de 2010”. (ENTREVISTADO 03).

De acordo com Bourdieu, a experiência social deve ser entendida, em parte, como um processo de incorporação da realidade social objetiva, sob a forma de esquemas deposicionais. Esses esquemas estarão depois na origem das percepções, práticas e escolhas realizadas pelos agentes sociais, como uma matriz de pensamento por meio da qual o indivíduo terá como base de orientação de sua ação.

Bourdieu torna perceptível que o processo de reprodução das estruturas sociais por meio da escola é, basicamente, inevitável. As diferenças culturais e escolares entre as classes seriam relativas e, portanto, dificilmente poderiam ser transpostas.

O autor reconhece a existência e o papel das estruturas sociais e procura resgatar, também, a noção ativa do agente social na construção da realidade social. Desse modo, o agente social não é uma simples consequência das determinações da estrutura social. Incorporamos os produtos da história coletiva, as estruturas objetivas, normas, porém, há aspectos de nossa ação que não são previsíveis. O agente tem internalizado as regras do jogo social, mas há criatividade e improviso nas ações.

Pode-se perceber nas falas dos entrevistados novas perspectivas, sonhos e uma ideia de mudança na condição social e econômica, esse acesso, antes distante agora era real, a entrada, o acesso ao ensino superior possibilitado por meio de um programa social, uma política pública de acesso ao ensino superior, o Prouni.

“[...] nesse entremeio eu descobri que existia o PROUNI, mas eu não sabia exatamente o que que era, eu sabia que ele era um programa, enfim, que fornecia bolsas pra pessoas com baixa renda né então eu comecei a estudar sobre, comecei a ler e aí como eu tinha feito o ENEM e tinha ido relativamente bem eu consegui fazer a inscrição pelo sistema enfim né e aí bateu uma coisa assim porque até aquele momento todo mundo era contra eu tentar entrar na universidade mas depois disso, de descobrir que existia uma bolsa mudou um pouco só que a minha família ainda se colocava contra eu fazer uma licenciatura né porque a universidade ela passou a ser vista como uma possibilidade de ascensão social daí tem um novo embate que foi ser professor, assim, de alguma forma desperdiçasse segundo esse olhar né essa bolsa, então foi um novo embate enfim e eu comecei, fiz a inscrição, fui aceito na PUC e aí veio, o que na minha opinião é um das, eu acho que mais difícil até às vezes do que tu ser aprovado com média é tu conseguir comprovar que tu tem baixa renda né, porque eram muitos documentos, tinha coisas que eu não sabia o que que eram, eu acho que era certidão não era de bons antecedentes mas era uma coisa parecida que tinha que ir na, eu acho que Previdência Social enfim, contas de banco, aí bom, como meu pai ele era aposentado e a minha mãe não era na época, eu tenho um irmão deficiente físico, comprovar que ele é deficiente físico eu precisava de laudo médico pra comprovar que ele não trabalhava, então foi assim uma série de documentos que por um momento eu achei que me barrariam na entrada né, mas passando essa etapa eu ingressei e aí bom, a partir do momento que eu ingressei na universidade a minha vida se reorganizou, se configurou de outra forma”. (ENTREVISTADO 01).

É importante destacarmos que suas escolhas profissionais foram fruto de um conjunto de aspectos, nos quais houve influências envolvidas durante esse percurso, além das condições que potencializaram essas trajetórias no sentido de torná-las não lineares, mas únicas. A partir da voz dada a esses sujeitos nesta

pesquisa, suas trajetórias poderão servir de inspiração para muitos jovens oriundos das classes menos favorecidas, na busca da construção de um sonho oportunizado pela política pública do Prouni.

4.1.4 A Permanência no Ensino Superior

Ao longo das entrevistas, percebe-se que todos os sujeitos entrevistados relatam que a permanência dentro de uma universidade está muito além do acesso, relatando as dificuldades oriundas desse processo de entrada no ensino superior.

Pereira (2013, p. 112) aponta o Programa como “garantia do acesso e permanência do aluno no ensino superior, possibilitando igualdade de oportunidade, como acesso ao trabalho e reconhecimento social”. Felicetti, Rossoni e Gomes (2012) divergem desta posição, afirmando que o Prouni não é completamente resolutivo para o acesso, permanência e conclusão no nível superior, uma vez que a gratuidade da mensalidade não implica necessariamente em igualdade de condições para que alunos de baixo status econômico se mantenham dentro das Universidades, assim como nas outras demandas criadas por essa inserção, como a discriminação e o preconceito, que podem dificultar a permanência dos estudantes em seus cursos.

“[...] o Prouni ele é ótimo, ele é maravilhoso mas ele te dá o acesso né e tinham as questões de permanência e aí a permanência começou, porque de Montenegro pra Porto Alegre naquele momento, hoje isso é bem mais, eu gastava em torno de R\$25,00 por dia de passagem né contando o deslocamento intermunicipal e o dentro de Porto Alegre, bom R\$25,00 por dia em uma semana dá R\$125,00 em um mês dá R\$500,00, então pra quem não tinha condições de pagar, ter esse dinheiro era um problema, então veio uma, um deslocamento né, eu comecei a trabalhar como operador de telemarketing em Porto Alegre, eu entrava as sete da manhã ficava até uma e meia e saía e ia correndo pra PUC, lembro que na época a minha carteira, acho que era assinada com quinhentos e alguma coisa, R\$600,00, então era o dinheiro da passagem né e aí eu utilizava, enfim o VT da agência né pra pagar o deslocamento até a PUC, então esse foi um pouco o desenho do primeiro semestre aí enfim né, mesmo assim eu não tinha, que nem eu falei, eu trabalhei os três anos do Ensino Médio, guardei dinheiro pra esse momento”. (ENTREVISTADO 01).

A realidade desses estudantes faz com que consigamos perceber que os nossos sujeitos são trabalhadores que procuraram compatibilizar as atividades acadêmicas com as atividades que lhes davam o sustento e, para alguns, também como uma forma de ajudar suas famílias. A falta de recursos financeiros para custearem suas necessidades de estudantes, alimentação, transporte, coloca-se como uma situação crítica para grande parcela desses estudantes que não pode contar com o dinheiro de terceiros para suas despesas.

“[...] o processo seletivo do ProUni foi bastante tranquilo assim na época né, eu me lembro que eu trouxe toda documentação né, e foi concorrido mas não foi tão sofrido assim o processo seletivo e já para uma residência estudantil é muito mais, muito concorrido né então não conseguiria por isso até eu escolhi um local que tivesse um deslocamento curto né por exemplo se tivesse que me deslocar para Porto Alegre seria bem mais difícil naquela época mesmo em universidades federais a minha região aqui é um pouco desatendida né, a mais próxima é a própria UFRGS né então não tem, na época não tinha tantos Institutos Federais como tem hoje, então acabei optando aqui pela, pela Unisinos né durante a graduação eu continuei residindo com eles né durante esse período e o dinheiro né que eu tinha nunca tive tempo de fazer uma reserva financeira né então o dinheiro ia para os gastos de cópias, de xérox, livros e transporte e alimentação não sobrava muito né aquela coisa de contar as moedas né tipo para escolher se tu vai comer um lanche melhor ou se tu vai andar de ônibus é realidade né e mas eu continuei trabalhando durante esse primeiro ano até que chegou um momento que quando começou o terceiro semestre né que as cadeiras não eram no mesmo nível de exigência dos primeiros semestres né, por exemplo uma cadeira de... como por ser história tinha uma cadeira que era Brasil I né que era sobre O Brasil colônia né são três séculos de história né então uma disciplina de um semestre. Por semana assim os textos médios, os textos eram R\$10,00 o xérox dos textos obrigatórios né mais os complementares né tipo R\$5,00, então era tipo R\$15,00 de xérox por semana e mesmo se eu conseguisse pagar eu teria que ler isso né, então depois de um momento começou a ficar difícil conciliar o trabalho e então depois desse período né, mais ou menos um ano e meio eu acabei saindo do trabalho né fiquei com uma reserva financeira um pouco né e fiquei só cursando a licenciatura e procurei né estabelecer uma rotina de trabalho na verdade eu como eu não trabalhava procurei ficar na universidade o máximo tempo possível para poder estudar e fiz uma rotina de a tal dia eu vou ler tais textos né tal dia eu vou estudar uma língua ou vou fazer outra coisa né para poder aproveitar o ambiente na universidade a biblioteca porque eu não gastaria com os xérox também então foi mais ou menos nesse sentido que eu organizei minha rotina né, para aproveitar o máximo do campus e gastar menos de transportes eu estaria já no local onde eu teria aula também né então fiquei no ambiente

da Universidade né durante o turno que eu não tinha aula durante a tarde né, manhã e tarde especialmente”. (ENTREVISTADO 02).

E possível perceber, com essas informações, a forma como os determinantes sociais interferem em suas trajetórias. A força do capital cultural e das condições financeiras dos pais interfere no ingresso e na permanência do aluno na universidade. (BOURDIEU, 1998).

Percebe-se que o reduzido volume de capital (econômico e cultural) acompanhou todo o processo de formação e que todos os entrevistados mobilizaram esforços para conseguir manterem-se no ensino superior. Os relatos mostram registros relativos à falta de recurso para a compra de livros ou cópias de textos solicitadas ao longo dos cursos, porém é possível observar, também, que eles criaram inúmeras estratégias para permanência nas instituições.

Importante observar que, mesmo com diversas dificuldades, todos conseguiram ter uma trajetória de sucesso chegando ao final de seus cursos sem dependências, destacando-se como sujeitos de uma política pública.

“[...] Então eu acho que a gente foi conquistando espaço, inclusive mostrando pros professores que vir de um espaço social menos privilegiado não era ser pior do que ninguém, porque os professores da instituição privada também não estavam acostumados com aluno que não necessariamente teria dinheiro pra passagem, Então eu acho que essa conquista foi se dando entende alguns estereótipos foram sendo derrubados no mestrado acho que nesse sentido foi mais fácil até porque também já estava calejado né, já tinha enfrentado e o doutorado eu não sei eu acho que me parece ou talvez pelo tempo das políticas enfim ou pela própria pelo próprio fato de ser na educação que a ideia do ser bolsista ou não ela não te torna melhor ou pior entendi”. (ENTREVISTADO 01).

Ao analisar a fala dos entrevistados, no que tange a política que possibilitou o ingresso na universidade, passamos a compreender a relação que se estabelece e as redes que começam a ser criadas, gerando novas oportunidades que auxiliam na construção do seu percurso dentro da universidade. O valor que dão à oportunidade de fazer o ensino superior os faz exigirem muito de si mesmos, no sentido de se auto superarem nas mais diferentes situações que os põem à prova.

“[...]normalmente do bolsista de iniciação científica é exigido uma certa, uma certa, um certo rendimento, um bom aproveitamento das notas né em alguns casos dependendo da bolsa é condicionado né se tu reprovar em tantas disciplinas da bolsa pode estar comprometida e tal mas, assim pra mim não foi muito não foi muito muito problemático porque a própria bolsa né ProUni também já tinha essa restrição né então o esforço de sempre estudar mais também era devido a bolsa né porque eu sabia que na realidade que eu vivia não teria outra oportunidade dessas assim de ganhar uma bolsa sabe, fazer a faculdade isso na realidade que eu vivia eu sabia que eu teria que aproveitar essa porquê se eu rodasse um duas cadeiras uma cadeira né era o limite então se eu rodasse em duas eu já perderia a bolsa né então eu sempre procurei ter o aproveitamento bom pra não justificar né nenhum tipo de perda de bolsa né, então Eu sempre mantive um bom aproveitamento”. (ENTREVISTADO 02).

O desenvolvimento de estratégias após o ingresso na universidade e à constituição de suas aspirações de ascensão social, por meio da obtenção de um diploma da educação superior, fez com que os sujeitos percebessem que a oportunidade ofertada pelo Prouni de acesso ao ensino superior ia muito além da graduação, em suas falas podemos compreender como se deu o processo de escolhas profissionais.

“[...] o ProUni contribuiu em que aspectos permitindo que eu não precisasse me preocupar com o trabalho por exemplo né para me manter, a universidade que era o meu sonho naquele momento Na graduação ele permitiu que eu tivesse tempo disponível para ampliar os meus estudos, pra aprofundar os meus estudos em termos de pesquisa acadêmica com a oportunidade da iniciação científica né então o Prouni possibilitou isso e aí é esse casamento que eu digo assim, esse triângulo entre a graduação, o ProUni, a iniciação científica e o Mestrado né então o Prouni possibilitou a iniciação científica e a iniciação científica me fez sonhar com o mestrado e pensar em seguir os meus estudos né e ter clareza de que, não, eu vou terminar a graduação e imediatamente eu queria seguir com o mestrado”. (ENTREVISTADO 03).

A oportunidade para a escolha, a possibilidade de compartilharem questões vividas individualmente, tais como as dificuldades vividas com a questão da permanência, a discriminação que alguns viveram, o desafio colocado por eles mesmos de conseguirem concluir seus cursos, as dificuldades financeiras e tantas outras questões reafirmam que a oportunidade de ter uma bolsa do Prouni, seguida de bolsas de iniciação científica, fez com que os desafios se transformassem em estímulos na busca de romper com seus determinantes sociais, permitindo que

educação fosse vista como fator primordial para a ascensão social, ajudando-os a obter melhores resultados.

4.1.5 Condições que potencializaram suas trajetórias

Nessa categoria de análise, buscou-se compreender a importância da escolha do curso estar vinculado à área da educação brasileira, não por simples opção de números de bolsas ofertadas, mas como opção por tornar-se professor, buscando a obtenção de um diploma universitário com valor atribuído e agregado para sua formação profissional ao longo de toda a vida, trazendo a tona as condições que potencializaram essas escolhas.

“[...] eu entrei na universidade por uma política pública sem saber o que é uma política pública sabia que eu tinha uma bolsa mas eu não sabia a dimensão disso, a função social, a importância dessa bolsa o que isso significava, eu entendia numa lógica que às vezes opera de que bom, eu sou pobre eu tenho direito a isso ponto e a Universidade ao mesmo tempo que ela me permitiu essa política pública no momento que ela me permitiu estar dentro da Universidade, a universidade me permitiu refletir sobre isso então essas relações de acesso elas são muito fortes eu jamais estaria no doutorado se não fosse o Prouni e toda minha trajetória se constituiu com bolsas”. (ENTREVISTADO 01).

Ao analisar as falas dos entrevistados, percebe-se que a política do Prouni criou possibilidades que vão muito além do acesso, tornando-os sujeitos críticos de sua própria trajetória, na qual a oportunidade de acesso foi apenas um impulso para descobrirem outros modos de pensar as relações que se estabelecem na sociedade como um todo, condições que potencializaram suas trajetórias.

“Na graduação então eu comecei a despertar o meu interesse pelos temas de pesquisa que me guiaram por toda a carreira acadêmica né os temas até hoje que me interessam são história da saúde e história da educação né que foram os dois temas que eu iniciei trabalhando né nesse período a história da educação por trabalhar no grupo de pesquisa. Então o ProUni não só oportunizou né que eu que eu fizesse a graduação, mas também que eu participasse desse ambiente né E tipo, pudesse ter essas escolhas né, essas oportunidades né tinha aprimoramento e também pudesse definir uma área de interesse né dentro da história inclusive”. (ENTREVISTADO 02).

O Prouni trouxe a possibilidade de que os entrevistados tivessem outras vivências dentro da universidade, possibilitando que os sujeitos pudessem caminhar no sentido de uma formação mais avançada, oportunizando novos rumos a percorrer durante suas trajetórias.

“[...] eu fui me ambientando aos poucos na pesquisa como eu te disse eu ainda tava me ambientando eu não tinha muita noção de como acontecia a pesquisa dentro da universidade nesse momento eu entrei em 2013 e eu posso te dizer assim com toda certeza que eu demorei mais ou menos um ano assim quando eu cheguei no final de 2013 lá por dezembro eu me situei, sabe, eu entendi perfeitamente o que nós estávamos fazendo, eu acho que o marco principalmente disso foi a gente ter que apresentar pela primeira vez a nossa produção, o andamento da pesquisa dentro da mostra de iniciação científica da Universidade né, ali as coisas começaram a se consolidar, no preparo da apresentação eu comecei entender bem o que eu estava fazendo e no que eu estava, do que eu estava participando”. (ENTREVISTADO 03).

Foi possível perceber, nos relatos dos entrevistados, uma relação direta entre o diploma obtido num curso superior e a vontade de tornarem-se professores, fazendo-se presente uma relação direta entre a formação para o âmbito profissional como estilo de vida, como profissão. De acordo com Bourdieu, teriam no diploma, um capital simbólico que pode servir de instrumento para impulsioná-los socialmente. (BOURDIEU, 1998). E o diploma legitimaria a prosperidade simbólica. (NOGUEIRA; CATANI, 2007). Para eles, o conceito de ascensão social está vinculado ao processo de emancipação pelo conhecimento adquirido ao longo do percurso de formação individual de cada um, cuja aspiração de acesso ao ensino superior indica o desejo de ir além, conquistar espaços, na esfera social e econômica da sociedade.

Cabe destacar que, ao longo de todas as trajetórias analisadas, um fator chama a atenção e torna-se de essencial importância no que tange a formação desses sujeitos, ou seja, a oportunidade dada a eles de participarem da experiência da iniciação científica.

“[...] eu jamais estaria no doutorado se não fosse o Prouni e toda minha trajetória se constituiu com bolsas, toda ela é com bolsas mas a permanência dependeu de outras coisas né, então eu tive a partir do segundo semestre eu comecei a fazer parte de um grupo como bolsista de iniciação científica na enfermagem porque enfim né, não tenho problema de falar sobre isso porque é verdade, eu acho que dentro da

história às vezes existe uma certa elitização de um pensamento que não precisa e eu entrei muito menino do interior assim falando errado eu não tinha nenhuma língua, não dominava nada, eu não tinha talvez a melhor das posturas e eu nunca consegui, desde o primeiro semestre eu descobriu o que era com outros colegas, enfim, eu tentei bolsa e não consegui. a minha primeira bolsa foi na enfermagem e aí eu comecei a trabalhar com pesquisa quanti-qualitativa, numa outra lógica assim da história, do que eu trabalho hoje, mas foi o que me permitiu aqueles R\$400,00 daí residindo na casa da minha tia, pagar o RU e o transporte”. (ENTREVISTADO 01).

A experiência na universidade, com a participação na iniciação científica, gerou novo empenho na apropriação dos saberes, o desejo de participar dos grupos de pesquisa, o desenvolvimento de novos hábitos como o da leitura, construída ao longo de suas trajetórias, pelo desejo de aprender. Para os entrevistados a universidade representou a oportunidade de melhorar seus domínios enquanto professores, sobretudo na linguagem escrita, a partir da prática cotidiana de escrever, aprendida durante o percurso, possibilitando a construção de uma visão crítica.

“[...] essa experiência de ser bolsista do Prouni e ao mesmo tempo ser bolsista de iniciação científica e participar desses outros espaços, eles não apenas contribuíram pra o currículo assim mas também de uma maneira geral como eu sei escrever melhor sabe, ser mais crítico comigo mesmo sabe, um rigor pessoal só aumenta, tu te exige mais, tu te torna um profissional melhor, parece que tu antecipa, tu prevê riscos, tu ve vários elementos né que que ao longo do trabalho assim podem ser previsíveis né então tu te torna mais completo assim porque a minha Formação é a Escola Pública né Eu não acho que tenha sido uma formação ruim eu acho que a minha Formação em Escola Pública foi boa, ótima tive um convívio legal assim durante o período e tal mas claro que eu não tive oportunidade de estudar idioma estrangeiro né como outras faculdades da minha cidade tinham né. Tem uma faculdade na minha cidade tem uma escola de ensino médio e também faculdade né que ela no ensino médio já ensina três línguas né eles, então na faculdade, na escola pública não tinha essa oportunidade né, de estudar três línguas e ter reforço de português e matemática né E aqui na universidade né eu pude participar desses espaços né, tinham grupos de pesquisa, grupos de estudo de línguas né a gente lia muito em espanhol né pras aulas e Eu sempre estudei muito francês também né então aqui podia ter contato com os colegas que também estudavam né, então praticar então complementou também né algumas lacunas que existiam já desde a formação, digamos anterior a faculdade né”. (ENTREVISTADO 02).

A visão dos entrevistados enquanto ex-prounistas, sobre a política pública em questão, é de grande contribuição para o debate no sentido da inclusão de uma população que não tinha condições sociais, familiares e econômicas para ingressar em faculdades e universidades e, por meio do Prouni, passa a ser inserida, elevando as chances de alargamento do capital social. Está muito claro nos depoimentos dos entrevistados o quanto o Prouni contribuiu a eles não só com a formação acadêmica mas por extensão às suas escolhas profissionais e suas vidas.

“[...] o ProUni de início ele me possibilitou esse tempo livre né eu tinha que me dedicar aos meus estudos eu precisava de uma fonte de renda naquele momento também mas eu não tinha como um emprego de 40 horas por exemplo né de trabalho 44 horas no comércio sei lá o que poderia ser naquele momento então a iniciação científica surgiu nesse caminho né e eu tinha muita vontade de aprender aí eu entrei em 2013 no grupo da professora Berenice e eu fui me ambientando aos poucos na pesquisa né, foi por dentro da iniciação científica que eu atribuo também que a possibilidade de ter dedicação exclusiva pelos meus estudos que o ProUni possibilitou me permitiu também concomitantemente seguir pela iniciação científica né que eu comecei a entender que existia a pós-graduação que depois disso eu poderia pesquisar de certo e poderia seguir com os meus estudos e aí me projetar para o ensino superior foi nesse momento que eu comecei entender como se dava a estrutura acadêmica e a estrutura de formação né, e a continuidade dos meus estudos que poderiam ocorrer até então eu achava que terminava na graduação e na especialização com cursos de especialização que eu sabia que existiam mas eu não tinha muita clareza sobre mestrado e doutorado”. (ENTREVISTADO 03).

De acordo com Bourdieu (1996) a obtenção de um diploma assegura uma competência e um título, sofre um ganho simbólico, legitimado pela competência atribuída pelo diploma, vindo a ocupar determinadas posições ou cargos, criando-se perspectivas dentro do grupo de convivência de que o diploma lhe confere. Efetivamente, a oportunidade ofertada por meio do Prouni fez com que esses sujeitos pudessem ter novas expectativas relacionadas à ascensão social, empregabilidade e mudança de vida, ampliando suas oportunidades tanto no âmbito pessoal como profissional.

As forças que determinam as tomadas de decisões tomam como referência o ambiente, a família, criando esperanças comuns a todos os indivíduos de sua categoria social. Bourdieu argumenta:

[...] a estrutura das oportunidades objetivas de ascensão pela escola condicionam as atitudes frente à escola e à ascensão pela escola – atitudes que contribuem por uma parte determinante, para definir as oportunidades de se chegar à escola, de aderir a seus valores ou às suas normas e de nela ter êxito, de realizar, portanto, uma ascensão social – e isso por intermédio de esperanças subjetivas (partilhadas por todos os indivíduos definidos pelo mesmo futuro objetivo e reforçadas pelos apelos à ordem do grupo), que não são senão as oportunidades objetivas intuitivamente aprendidas e interiorizadas. (BOURDIEU, 1998, p. 49).

Pensar na lógica bourdieuana faz com que consigamos compreender de forma ampla as transformações entre as diferentes classes sociais e o sistema de educação superior e pensar o Programa Universidade Para Todos enquanto uma política de acesso ao ensino superior que fez com que ocorresse a entrada de frações de categorias sociais até então eram excluídas do “jogo escolar”. Os estudantes bolsistas valorizam e se sentem privilegiados por estarem hoje dentro da universidade, contribuindo com suas falas, de forma crítica, para que outros possam ter a mesma oportunidade, com justiça e igualdade, ambas garantidas desde o princípio de suas histórias escolares.

“[...] uma coisa que o Prouni permitiu que pra mim marca muito é a oportunidade de ser filho de um servente e de uma empregada e estar sentado do lado de filhos de juizes, de promotores, de médicos né, de fazer um curso de história com uma estabilidade enfim que eu não tinha né E essas pessoas tinham preferência por que embora nós estivéssemos dentro da mesma instituição eu não sabia falar espanhol eu não sabia falar em inglês eu não eu cheguei a, é uma coisa que eu sempre conto assim, um grupo de colegas, foi algo que me marcou muito assim mas eles chegaram a me dar roupa porque eles diziam que eu não ia me dar bem porque eu não me vestia bem né porque enfim não usava... (Emoção) chegaram uma vez na aula com uma sacola de roupas da Renner assim né que, talvez o problema fosse a forma como eu me vestia, essas coisas mostram que eu não partia do mesmo lugar que essas pessoas embora estivesse lá então foi a partir das aulas dentro da educação daquelas disciplinas comuns que uma primeira professora apostou em mim, foi a professora Lenice. E aí bom ela tinha um projeto em parceria com a enfermagem e ela me direcionou pra lá né E foi uma experiência muito marcante aí eu fiz um curso no Arquivo Público e gostaram do meu trabalho e abriu uma vaga de estágio e me chamaram, então as coisas foram assim né, o PROUNI foi também por causa, aí como o PROUNI era um, era, é, eu não sei como está o PROUNI hoje está ruindo também mas como ele era voltado para a licenciatura nesse espaço eu consegui me inserir, entendi, porque parece sempre que a educação no ensino, ele corre atrás do pesquisador, entendi, se cria essas hierarquias assim, e aí o PROUNI foi fundamental né, o PROUNI foi

o que me construiu enquanto professor, eu acho né e aí no final lá eu encontro a Maria Helena a gente tem uma relação bem legal nesse sentido, meio que ela sempre comenta né que eu fiz a seleção duas vezes pra ser bolsista dela”. (ENTREVISTADO 01).

Essas expressões ecoam as experiências e vozes de muitos estudantes bolsistas e nos mostram o lugar da universidade como a oportunidade para que possam demonstrar suas potencialidades, sua capacidade de transformar sua realidade a partir das oportunidades a que tenham acesso e, dessa maneira, ter o reconhecimento da sociedade. Ter tido a oportunidade de participar da iniciação científica fez com que os entrevistados conhecessem o mundo da pesquisa, criando novas possibilidades para suas trajetórias.

“[...] né porque eu sabia que quando tu recebe uma bolsa, essa bolsa não é um prêmio que tu ganha, se espera que tu tenha alguma contribuição pra devolver né para a sociedade. A bolsa não é um prêmio de mérito ou ela, claro ela é uma oportunidade de mudança social para quem recebe a bolsa mas a finalidade dela não é essa né ela tem uma finalidade específica que é a construção de conhecimento a construção de quadros né, o preenchimento de dessas lacunas né que em diversas áreas, então pra mim ela não foi esses títulos que foram acumulados né com bolsa e tal, não são apenas títulos tem uma importância maior assim na formação de conhecimento pra mim e eu acho que também pra academia que eu contribui um pouco assim durante esse período. (ENTREVISTADO 02).

As expectativas que os estudantes têm em relação à universidade e as oportunidades geradas após o acesso estão relacionadas não somente às portas que acreditam que serão abertas pelo diploma que obterão e que lhes permitirá conquistar melhores oportunidades. Relacionam-se também à possibilidade de aprender saberes que os inserirão em relações de saber valorizadas pelo mercado de trabalho e pela sociedade, assim como ao reconhecimento de suas comunidades de origem.

“Então eu fui, eu costumo dizer que foi, a iniciação científica foi minha prática de letramento sabe, na ciência vamos dizer assim né No método científico nas diferentes metodologias e tudo mais mas de entender, que como a pesquisa se faz, ou melhor, como nós fazemos pesquisa né então ali na iniciação científica que eu fui me ambientando, Então eu fui eu pude fazendo a graduação como bolsista, eu tinha uma bolsa integral eu pude ir tocando esse tempo inteiro ao longo de praticamente toda a minha graduação junto a iniciação científica E aí eu fui me letrando como te disse e fui cada vez mais desenvolvendo o interesse e querendo e

sonhando com a pós-graduação. com o mestrado aí eu fui, fui tocando isso é outra coisa que eu posso registrar assim, que a experiência com a iniciação científica contribuiu e enriqueceu muito a minha experiência na graduação também E aí foi ela que foi essa ponte entre Prouni né, entre graduando no Prouni né, como prounista e a pós-graduação". (ENTREVISTADO 03).

Diante dessas análises fica visível que o Prouni, enquanto política de acesso ao ensino superior, possibilita alcançar níveis além do acesso, além do tão sonhado diploma, eleva os patamares de inclusão, elevando socialmente os indivíduos oriundos dessa política. Conforme os relatos, apesar das dificuldades e entraves encontrados ao longo das trajetórias analisadas, os entrevistados obtiveram êxitos durante toda a trajetória acadêmica, deixando claro que a expansão do ensino permite a entrada de pessoas de diferentes condições sociais.

Desse modo, ao longo de toda a pesquisa, foi possível perceber que os estudantes bolsistas do Prouni precisaram se adaptar, criando condições condizentes com determinadas situações reais ao longo de suas trajetórias, para que, assim, representassem menor risco de exclusão. Isso reafirma a ideia de *habitus* de Bourdieu, onde cada grupo social, em função de suas condições, posiciona-se na estrutura social, constituindo um sistema específico de ação a ser transmitido aos indivíduos.

De acordo com a posição de determinado grupo no espaço social, atrelado ao volume de capital (econômico, social, cultural e simbólico) que possuem, determinaram suas ações ao longo de suas trajetórias. Contudo, apesar de haver especificidades e algumas diferenças entre os entrevistados, suas disposições na busca de uma melhor condição socioeconômica e profissional eram comuns. Por isso, a continuidade dos estudos é fundamental para que pudessem sair de uma vida e um trabalho precário na busca da ascensão social, cultural e econômica. Bourdieu (1998) fala sobre o capital escolar como sendo uma única maneira para classes e frações de classes evitarem a regressão social, melhorando a posição desses indivíduos no espaço social no qual estão inseridos.

O estudo dessas trajetórias permitiu identificar práticas, estratégias e expectativas que, ao longo da experiência enquanto bolsista do Prouni, marcaram essas trajetórias. Ao reconhecerem o caráter social do Prouni como significativo, conclui-se que a experiência vivenciada pelos ex-prounistas redimensionou suas

trajetórias, conferindo-lhes uma nova identidade e maior autonomia sobre seus futuros.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa tratada nessa dissertação, cujo objetivo principal buscou compreender como o Prouni influenciou a trajetória discente na formação avançada na educação brasileira, verificou, por meio dos estudos das trajetórias desses ex-prounistas, atrelados a uma reflexão direta sobre os conceitos de Pierre Bourdieu, grande influência do Prouni na trajetória dos indivíduos analisados. Explorar e conhecer as trajetórias acadêmicas de alunos oriundos do Prouni foi muito importante para a problematização e reflexão, a fim de repensar as práticas educacionais, assim como as políticas nacionais de inclusão universitária. Para se conhecer essas trajetórias, fez-se necessário dar voz aos atores desse processo.

A análise das trajetórias, tomando como objeto os relatos orais produzidos pelos entrevistados a partir das entrevistas, visa a um aprofundamento de modo a possibilitar a análise qualitativa dos percursos ao longo das trajetórias, fazendo com que conseguíssemos atingir os objetivos específicos relacionados nesta pesquisa. Descrever as trajetórias discentes permitiu conhecer um pouco mais sobre a realidade e o perfil dos ex-prounistas, assim como algumas de suas dificuldades e estratégias utilizadas para permanência durante toda trajetória na universidade, respondendo nossos questionamento iniciais na busca de pensar quem são esses discentes, de onde eles são e o que fez com que eles permanecessem em seus cursos de graduação.

Considerando a necessidade de discutir e problematizar a formação do estudante beneficiado pelo Prouni a partir da sua trajetória, acredita-se que este trabalho contribuiu com o aproveitamento das lacunas identificadas, a partir da análise de um objeto de estudo ainda pouco explorado. Ao longo de toda a pesquisa conseguimos identificar os fatores que, durante todo percurso, interferiram no rumo das trajetórias dos sujeitos pesquisados. Nesse contexto, suas trajetórias foram influenciadas de forma positiva. Os entrevistados ressaltaram que o acesso ao ensino superior vincula-se não apenas a oportunidade de acesso, pois não saíram da universidade apenas com um diploma, mas também com uma formação moral e interpessoal, tão necessária para todos os indivíduos inseridos na sociedade.

O Prouni possibilitou a entrada e diversos outros fatores, como a iniciação científica, tornaram possível a construção dessas trajetórias.

Considera-se, portanto, que a principal contribuição da pesquisa está no fato de estudar os diversos elementos que possuem influência significativa no processo de percepção da trajetória dos entrevistados, afirmando o que o estudante do Prouni tem a respeito da sua própria formação. Sendo assim, ressalta-se a importância de se estudar a percepção dos estudantes bolsistas em relação a sua própria formação, analisando os diversos fatores que influenciaram nesse processo.

O estudo das trajetórias desses jovens discentes proporcionou uma reflexão sobre os conceitos bourdianos de *habitus*, campo e capital cultural. Isso permite uma melhor compreensão das medidas adotadas para a redução das desigualdades sociais no acesso à educação superior, gerando um grande impacto na vida dos estudantes beneficiados pelo programa.

A contribuição no sentido a formação da educação brasileira fica atrelada as suas escolhas profissionais. Todos tinham o sonho de entrar numa universidade, traçando suas trajetórias com alguns objetivos claros, outros foram se descobrindo enquanto pesquisadores, profissionais ligados à educação brasileira, mas, ao longo do percurso, foram se redescobrendo, na relação pesquisa, docência e extensão, transformando suas trajetórias, constituindo-se filhos de uma política pública que mudou o cenário educacional brasileiro. Enfatizar suas trajetórias de vida e seus relatos permitiu ter uma visão prospectiva, com base em elementos que possam ser futuramente pensados, no que tange a formação desses novos professores formados com o auxílio do Prouni.

As análises realizadas nesta pesquisa acerca das trajetórias desses ex-prounistas permitiram perceber as diferenças potenciais que o programa está fazendo na vida das pessoas e refletir sobre os impactos que vêm ocorrendo na sociedade. Outro fator relevante da pesquisa é mostrar um novo perfil de sujeitos, correspondente a uma parcela da população que, sem o apoio do Prouni, não teria condições para uma formação superior formal.

Os depoimentos colhidos por meio das entrevistas evidenciaram, também, mudanças ocorridas, tanto no contexto familiar como social, pois os entrevistados, ao afirmarem como ponto positivo do Prouni a formação em nível superior, a qual lhes permitiu procurar uma melhor colocação no mercado de trabalho. Isso evidencia a inclusão na sociedade, a satisfação, a qualidade de vida, a influência e incentivo que esse novo perfil de graduados está desencadeando no meio familiar e no entorno de seu dia a dia. Assim, podemos perceber os inúmeros retornos e

benefícios do programa não somente em âmbito pessoal, mas também para a sociedade.

Assim, é importante afirmar que a experiência desta pesquisa, por seu material empírico, poderá apontar outros caminhos e possibilidades, o que remete a um grande desafio, considerando a falta de investimento na educação, as desigualdades sociais e educacionais entre as classes. A temática que estudamos contribui para um repensar das políticas públicas educacionais e sociais atualmente.

Conclui-se que a pesquisa pode evidenciar a importância do Prouni na democratização do acesso à educação superior. Por meio das entrevistas e relatos dos sujeitos participantes, percebe-se que a formação de nível superior foi uma oportunidade de ampliar novos conhecimentos, receber qualificação e, em consequência, vislumbrar a ascensão social. Em seus depoimentos, podemos compreender a superação abrangente da estratificação excludente por uma realidade fundada em valores de igualdade de oportunidades e justiça social. Nesse processo, reconhece-se a importância da universidade, não somente com o acesso à educação superior, mas através de uma formação que proporcionou oportunidades de participação em diversas atividades que ampliaram e complementaram a suas formações. Destaca-se, finalmente, a consciência social demonstrada pelos ex-prounistas, em relação ao seu papel como futuros profissionais engajados na transformação da sociedade.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, M. L. N. Pelo bem público: a internacionalização e o ensino de línguas. In: TONELLI, J. R. A.; CHAGURI, J. P. (Orgs.). **O ensino de língua estrangeira para criança: o ensino e a formação em foco**. Curitiba: Appris, 2011. p. 199-204.

BONNEWITZ, Patrice. **Primeiras lições sobre a Sociologia de Pierre Bourdieu**. Petrópolis: Vozes, 2005.

BORBA, Thamires Mielle. **Desigualdades na educação superior: acesso e permanência de bolsistas PROUNI na PUC-RS**. 2017. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://tede2.pucrs.br/tede2/handle/tede/7433>. Acesso em: 22 jul. 2018.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. 5 ed. São Paulo: Perspectiva, 1998.

_____. **As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário**. São Paulo: Cia das Letras, 1996a.

_____. **Razões Práticas: sobre a teoria da ação**. Campinas: Papyrus, 1996b.

_____. **A economia das trocas lingüísticas: o que falar quer dizer**. 2. ed. São Paulo: Edusp, 1998.

_____. **A miséria do mundo**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **Esboço de uma teoria da prática: precedido de três estudos da etnologia**. Cabila. Oeiras, Celta Editora, 2000.

_____. **O capital social**. In: NOGUEIRA, Maria Aalice; CATANI, Afrânio. **Escritos da educação**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 2001c. p. 65-69.

_____. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico**. São Paulo: Unesp, 2004.

_____. **O poder simbólico**. Tradução Fernando Tomaz, 10. ed, Rio de Janeiro. Bertrand Brasil, 2007, p.14-15.

_____; PASSERON, Jean-Claude. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Vozes, 2008.

BRASIL. Ministério de Educação. **PROUNI: Programa Universidade Para Todos**. Disponível em: <<http://PROUNIportal.mec.gov.br/>>. Acesso em: jan. 2019.

_____. **Lei nº 13.530, de 7 de dezembro de 2017**. Altera a Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001, a Lei Complementar nº 129, de 8 de janeiro de 2009, a Medida Provisória nº 2.156-5, de 24 de agosto de 2001, a Medida Provisória nº 2.157-5, de

24 de agosto de 2001, a Lei nº 7.827, de 27 de setembro de 1989, a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), a Lei nº 8.958, de 20 de dezembro de 1994, a Lei nº 9.766, de 18 de dezembro de 1998, a Lei nº 8.745, de 9 de dezembro de 1993, a Lei nº 12.101, de 27 de novembro de 2009, a Lei nº 12.688, de 18 de julho de 2012, e a Lei nº 12.871, de 22 de outubro de 2013; e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2017. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2015-2018/2017/lei/l13530.htm. Acesso em 15 out. 2019.

_____. **Lei nº 12.513, de 26 de outubro de 2011.** Institui o Programa Nacional de Acesso ao Ensino Técnico e Emprego (Pronatec); altera as Leis nº 7.998, de 11 de janeiro de 1990, que regula o Programa do Seguro-Desemprego, o Abono Salarial e institui o Fundo de Amparo ao Trabalhador (FAT), nº 8.212, de 24 de julho de 1991, que dispõe sobre a organização da Seguridade Social e institui Plano de Custeio, nº 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior, e nº 11.129, de 30 de junho de 2005, que institui o Programa Nacional de Inclusão de Jovens (ProJovem); e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2011-2014/2011/Lei/L12513.htm. Acesso em: 10 set. 2019.

_____. **Lei nº 12.202, de 14 de janeiro de 2010.** Altera a Lei no 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – FIES. Brasília, DF: Presidência da República, 2010. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2010/lei/l12202.htm. Acesso em 12 out. 2019.

_____. **Lei nº 11.892, de 29 de dezembro de 2008.** Institui a Rede Federal de Educação Profissional, Científica e Tecnológica, cria os Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia, e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2008. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2008/Lei/L11892.htm. Acesso em 12 set. 2019.

_____. **Lei nº 11.552, de 19 de novembro de 2007.** Altera a Lei no 10.260, de 12 de julho de 2001, que dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao Estudante do Ensino Superior – Fies. Brasília, DF: Presidência da República, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2007/Lei/L11552.htmhttp://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Ato2007-2010/2007/Lei/L11552.htm. Acesso em 12 out. 2019.

_____. **Decreto nº 6.095, de 24 abril de 2007.** Estabelece diretrizes para o processo de integração de instituições federais de educação tecnológica, para fins de constituição dos Institutos Federais de Educação, Ciência e Tecnologia - IFET, no âmbito da Rede Federal de Educação Tecnológica. Brasília, DF: Presidência da República, 2007. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2007-2010/2007/decreto/d6095.htm. Acesso em 12 set. 2019.

_____. **Lei nº 11.096, 13 de janeiro de 2005.** Institui o Programa Universidade para Todos - PROUNI, regula a atuação de entidades beneficentes de assistência social no ensino superior; altera a Lei nº 10.891, de 9 de julho de 2004, e dá outras

providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2005. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/ato2004-2006/2005/lei/l11096.htm. Acesso em: 13 set. 2019.

_____. **Lei nº 10.260, de 12 de julho de 2001**. Dispõe sobre o Fundo de Financiamento ao estudante do Ensino Superior e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da República, 2001. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/leis_2001/l10260.htm. Acesso em 12 out. 2019.

CARVALHO, Cristina Helena Almeida de. **A política pública para a educação superior no Brasil (1995-2008) - ruptura e/ou continuidade?** 2011. Tese (Doutorado) - Instituto de Economia, Universidade Estadual de Campinas, , Campinas, 2011. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/286357>. Acesso em: 17 ago. 2018.

CORBUCCI, P.R. Financiamento e democratização do acesso à educação superior no Brasil: da deserção do Estado ao projeto de reforma. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 88, p. 677-702, out. 2004.

CATANI, Afrânio M. C; GILIOLO, Renato de S. P. **O PROUNI na encruzilhada: entre a cidadania e a privatização**, v. 11, n. 20, p. 55-68, jan/jun. Brasília: Linhas Críticas, 2005.

_____; SILVA JUNIOR, J. R.; AZEVEDO, M. L. N. Reformas da educação superior na América Latina: os casos de Argentina e Brasil. **Avaliação**, Campinas, v.10, n. 1, 2005, p. 71–91.

CHARLOT, Bernard. **Da relação com o saber: elementos para uma teoria**. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

CHARLOT, Bernard. **Relação com o saber**. Relação com o saber, formação dos professores e globalização: questões para a educação hoje. Porto Alegre: Artmed, 2005.

CORBUCCI, P.R. Financiamento e democratização do acesso à educação superior no Brasil: da deserção do Estado ao projeto de reforma. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 25, n. 88, p. 677-702, out. 2004.

CORSETTI, B. A metodologia histórico-crítica e a reflexão sobre a questão do rendimento escolar no Brasil. In: MARTINS, Ângela Maria; WERLE, Flavia Obino Corrêa. (orgs). **Políticas Educacionais: elementos para reflexão**. Porto Alegre: Redes Editora, 2010. p. 89.

CUNHA, L. A. Desenvolvimento desigual e combinado no ensino superior – estado e mercado. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 25, n. 88, p. 795-817, Especial - Out. 2004. Disponível em: <https://www.cedes.unicamp.br/>. Acesso em: 12 ago. 2019.

FELICETTI, Vera-Lucia; CABRERA, Alberto F. MOROSINI, Marilia Costa. (2014), Aluno PROUNI: impacto na instituição de educação superior e na sociedade. **Revista Iberoamericana de Educación Superior (RIES)**, México, vol. V, n. 13, pp. 21-39, Disponível em: [https://doi.org/10.1016/S2007-2872\(14\)71951-1](https://doi.org/10.1016/S2007-2872(14)71951-1). Acesso em: 30 mai. 2018.

_____; ROSSONI, J.C.; GOMES, K. A. (2012). PROUNI: análise de Teses do banco de dados da CAPES (2007 – 2011). **Anais do II CLABES – Segunda Conferencia Latinoamericana sobre El Abandono en La Educación Superior**. Acessado em 30 de janeiro de 2020, de http://clabes2012-alfaguia.org.pa/ponencias/LT_2/ponencia_completa_115-.pdf.

FERREIRA, Karin Terrell. **PROUNI: trajetórias**. 2011. 166 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) - Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2011. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/2265>. Acesso em 12 mai. 2018.

FONSECA, D. M. **O pensamento privatista em educação**. Campinas: Papyrus, 1992. 223p.

GENTILI, Pablo. O direito à educação e as dinâmicas de exclusão na América Latina. **Educação & Sociedade**, Campinas, vol. 30, n. 109, 2009, p. 1059-1079.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

HABERMAS, J. **Kampf um anerkennung im demokratischen rechtsstaat**. In: Die einbeziehung des Anderen. Frankfurt; Main: Suhrkamp, 1997.

HARVEY, D. **O enigma do capital e as crises do capitalismo**. São Paulo: Boitempo, 2012.

HONNETH, A. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais**. Trad. Luiz Repa. São Paulo: Editora 34, 2003.

MCCOWAN, T. The growth of private higher education in Brazil: implications for equity and quality. **Journal of Education Policy**, 19 (4), 2004, p. 453–472.

MELO, R. Teoria crítica e os sentidos da emancipação. **Cad. CRH**, vol.24 no.62 Salvador Mai/Ago. 2011. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-49792011000200002>. Acesso em: 20 mai. 2020.

MICELI, Sérgio. **Intelectuais à brasileira**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.

_____. A força do sentido. In: BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1998.

MINTO, L. W. **Teoria do Capital Humano**. Navegando na História da Educação Brasileira. Faculdade de Educação. UNICAMP.2006. Disponível em:

http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/glossario/verb_c teoria %20do capital humano.htm. Acesso em: 18 nov. 2019.

MORAES, G. C. Mercantilização das Instituições de Ensino Superior Públicas e Privadas no Brasil. **Revista Três Pontos**, v. 12, n. 2, p. 18-31, ago/dez. 2015.

Disponível em:

<https://periodicos.ufmg.br/index.php/revistatrespontos/article/view/3340>. Acesso em: 12 ago. 2019.

MOREIRA, Claudia Regina Baukat Silveira. **Um olhar sobre o muro**: avaliação do Programa Universidade Para Todos (PROUNI). 2017. 320 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná. Paraná, 2017. Disponível em:

<http://hdl.handle.net/1884/47402>. Acesso em: 10 jan. 2020.

NOGUEIRA, Alice Maria. CATANI, Afrânio Mendes. **Escritos de educação**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007.

_____; NOGUEIRA, Cláudio Martins. **Bourdieu e a educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 78, Apr. 2002. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0101-73302002000200003>. Acesso em: 11 fev. 2020.

OLIVEIRA, Dalila Andrade. **Educação básica**: gestão do trabalho e da pobreza. Petrópolis: Vozes, 2000.

OLIVEIRA, Marcos Marques de. As origens da educação no Brasil da hegemonia católica às primeiras tentativas de organização do ensino. **Ensaio**: aval. pol. públ. Educ., Rio de Janeiro, v. 12, n. 45, p. 945-958, dez. 2004. Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-40362004000400003&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 23 jun. 2019.

OLIVEIRA, Maria Auxiliadora Monteiro; CONTARINE, Marina Lindaura Maranhã; CURY, Carlos Roberto Jamil. PROUNI: análise de uma política pública no âmbito da PUC Minas. **Revista Brasileira de Política e Administração da Educação**, v. 28, n. 1, abr. 2012. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/rbpae/article/view/36070>. Acesso em: 05 out. 2018.

PEREIRA, E.P. (2013). **Estudo de Caso**: impacto do ProUni nos alunos egressos do Centro Universitário Estácio/ FIB Salvador-BA. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação, Universidade Católica do Salvador, Salvador, Bahia, Brasil.

RAWLS, Jhon. **Uma teoria da justiça**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

SAES, Paula Macchione. **Acesso ao ensino superior e trajetórias dos egressos do PROUNI**. 2015. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015. Disponível em:

<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/254124>. Acesso em: 27 ago. 2018.

SANTOS, Fábio Franklin Storino. **Capital Social** – vários conceitos, um só problema. 2003. Dissertação (Mestrado em Administração) - Escola de Administração de Empresas de São Paulo, Fundação Getúlio Vargas, São Paulo, 2003.

SAVIANI, D. A expansão do ensino superior no Brasil: mudanças e continuidades. **Póiesis Pedagógica**, 8(2), 2010, p. 4-17. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/poiesis/article/view/14035>. Acesso em: 14 set. 2019.

SILVA, Camila Scherdien da. **Depois do acesso**: a inserção profissional de jovens egressos do PROUNI. 2017. Dissertação (Mestrado em Administração) – Escola de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/171372>. Acesso em: 14 jun. 2018.

SILVA, Manira Perfeito Ramos da. **PROUNI**: um programa de inclusão social e suas contradições. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Educação, Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, 2013. Disponível em: <http://ri.ufmt.br/handle/1/975>. Acesso em: 10 ago. 2018.

TAYLOR, C. **A política do reconhecimento**. In: *Argumentos filosóficos*. São Paulo: Loyola, 2000.

THIRY-CHERQUES, H. R. 2006. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro, v. 40, n. 1, p. 27-53, jan.-fev. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rap/v40n1/v40n1a03.pdf>. Acesso em: 12.set.2011.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

APÊNDICE A – TRANSCRIÇÕES DAS ENTREVISTAS

N° 01	
Entrevistado	XXXXX
Entrevistador	Juliana Milcharek
Local	Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Data	13 de novembro de 2019
N° de Páginas	10
Transcrição	Juliana Milcharek
Duração	42:17
Tipo	Entrevista aberta

Min.	Sumário	Transcrição
	Registro Técnico	<p><i>Entrevista N° 01, realizada com XXXXX, Doutorando em Educação, tendo como entrevistadora Juliana Milcharek, realizada no dia 13 de novembro de 2019, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo/RS.</i></p> <p>Pesquisadora: Bom Dia! Entrevistado 01: Bom Dia!</p> <p>Pesquisadora: Bom, o meu projeto de Mestrado que foi qualificado, ele se intitula Quais as influências do programa Universidade para Todos na trajetória dos discentes da formação avançada da educação brasileira na realidade esse é o problema o que que a gente busca, perceber nessas trajetórias enquanto ex prounistas como essa política pública no caso o programa Universidade para Todos influenciou na tua trajetória enquanto pessoa, enquanto estudante, enquanto pesquisador, então nesse diálogo que a gente vai ter eu busco que tu consiga me ajudar pra minha análise no sentido de falar um pouco da sua história de vida da tua trajetória escolar da tua trajetória familiar, da tua trajetória social né, sócio econômica dentro desse objetivo que a gente tem né, os meus objetivos, que busco compreender eu trouxe para ti ter uma ideia esse aqui eu mudei com a sugestão da banca ficou analisar né como o ProUni então influenciou a trajetória de discentes na formação avançada da educação brasileira vão ser três sujeitos da pesquisa no qual a gente buscou sujeitos que hoje já fossem doutores ou Mestres e que foram bolsistas do ProUni dentre os objetivos então descrever né o perfil desse universo pesquisado, descrever as trajetórias desses discentes, identificar os elementos relevantes desde o ponto da saída até o ponto da chegada dessas trajetórias analisando também como que foi né os pontos comuns ou divergentes ao longo desse percurso e se possível algumas variáveis desse período que interferiram no rumo dessas trajetórias, então eu gostaria mais assim de que a gente</p>

conversasse mesmo, que tu fosse me contando como foi tua trajetória de vida.

Entrevistado 01: Então, primeiro eu quero te agradecer oficialmente pela confiança assim que eu acho que ser sujeito, sujeito objeto enfim né de uma pesquisa de caráter como essa assim para mim é muito importante e eu acho que é também uma é uma forma de atuação política eu entendo assim né no momento de crise que algumas políticas públicas, eu acho que a investigação dessa política, desse programa e a oportunidade de fazer parte dela assim para mim são extremamente relevantes então de saída eu quero te agradecer pela confiança também né.

Pesquisadora: e eu te agradecer por aceitar né.

Entrevistado 01: Não, porque dentro do universo de prounistas que nós tivemos no país, no estado, enfim, ser selecionado como sujeito da tua investigação então me é muito importante, muito especial né. Falar do Prouni pra mim é algo muito importante assim é uma fala que eu sempre faço porque a minha trajetória enquanto sujeito no universo escolar ela se dá dentro da escola pública né, eu sempre estudei em escola pública, o ensino fundamental e o ensino médio, sou filho de pai analfabeto, meu pai ele sempre foi servente de pedreiro né e ele tentou o eja depois de mais idoso enfim mas ele não conseguiu se alfabetizar e a minha mãe sempre foi faxineira, lavadeira, do lar, enfim, ela cursou até antigo terceiro ano que depois virou terceira série, agora é ano novamente né e a minha mãe ela é alfabetizada mas ela tem extremas limitações assim com código escrito né, dentro da minha família o meu irmão mais velho ele cursou até a 6ª série 7ª, o outro até a quinta né, meu segundo irmão mais velho, ele é deficiente físico e mental, enfim ele não conseguiu avançar e a minha irmã hoje depois dos 35 ela ingressou no ela ingressou no curso de Direito fazendo uma disciplina, duas, enfim, por semestre e a minha trajetória ela vinha se constituindo nessa intenção de assim como os meus irmãos terminar o Ensino Fundamental no máximo o médio e me inserir né e te fato eu me inseri antes de entrar na universidade eu trabalhei em mercado, como repositor, eu trabalhei em loja como vendedor, em loja de utensílios enfim e era um pouco a expectativa que nós tínhamos assim enquanto, enquanto família, porque ninguém foi muito além disso né Ju e aí quando eu entrei no ensino médio, enfim, um pouco antes eu já almejava muito a faculdade, eu não sabia exatamente o que, eu queria ser professor mas eu não entendia do que assim e aí começou um tensionamento muito grande meu e da minha família porque primeiro eu sabia que eles não teriam condições de pagar e segundo eu não teria, na época as EADs não estavam tão agressivas como estão hoje, então Montenegro não tinha nenhum polo EAD, hoje tá cheio, enfim, na época o fator geográfico opera aí também né, porque eu sou de uma cidade do interior então eu sabia que eles não poderiam pagar e também não poderia me locomover, então começou um embate assim, familiar e a minha mãe sempre foi contra eu fazer faculdade, porque ela achava totalmente

desnecessário uma vez que os meus irmãos não fizeram porque eu teria que fazer então gerou alguns atritos e quando eu ingressei ali no ensino médio eu comecei por conta própria assim, eu não tinha como acessar um curso popular, porque não existia na cidade e eu comecei a estudar, só que eu não sabia o que era Universidade Federal não sabia da existência enfim até que num dos trabalhos por onde eu passei o meu chefe, ele era historiador, ele era formado em História e disse: - Eduardo porque tu não tenta o vestibular na UFRGS? E eu disse o que que é a UFRGS, aí eu descobri que existe a universidade pública comecei a estudar enfim, então eu trabalhava né, manhã e tarde e estudava à noite, fazia o ensino médio à noite e pós ensino médio né, pós as onze da noite eu estudava pra me preparar pro vestibular só que eu não tinha noção do que era o vestibular da UFRGS porque eu acho que assim, temos que cada vez mais colocar verba dentro da Universidades pública, mas a gente sabe que a prova é seletiva e daí depois do trauma do vestibular da UFRGS que eu fui muito mal, muito mal mesmo.

Pesquisadora: Em que ano tu cursou o vestibular?

Entrevistado 01: eu fiz o de 2011 né porque aí também era, eu não sei se uma das primeiras eu não sei, mas eu ingressei na universidade numa das primeiras levas de prouni ainda onde entrava muita gente, então eu fiz o vestibular foi aquela vergonha e eu tinha feito o Enem né e daí me bateu uma coisa assim porque eu fiz vestibular na Fevalle, eu fiz na Ulbra, por mais que eu soubesse que eu não poderia pagar eu queria entrar, então eu guardei dinheiro esses três anos pra um semestre eu poder pagar o curso e aí nessas universidades privadas eu fiquei super bem colocado então foi um choque de realidade ver o vestibular da UFRGS e ai nesse entremeio eu descobri que existia o Prouni, mas eu não sabia exatamente o que que era, eu sabia que ele era um programa, enfim, que fornecia bolsas pra pessoas com baixa renda né então eu comecei a estudar sobre, comecei a ler e aí eu como eu tinha feito o ENEM e tinha ido relativamente bem eu consegui fazer a inscrição pelo sistema enfim né e ai bateu uma coisa assim porque até aquele momento todo mundo era contra eu tentar entrar na universidade mas depois disso, de descobrir que existia uma bolsa mudou um pouco só que a minha família ainda se colocava contra eu fazer uma licenciatura né porque a universidade ela passou a ser vista como uma possibilidade de ascensão social daí e aí tem um novo embate que foi ser professor assim e de alguma forma desperdiçasse segundo esse olhar né essa bolsa, então foi um novo embate enfim e eu comecei, fiz a inscrição, fui aceito na PUC e aí veio, o que na minha opinião é um das, eu acho que mais difícil até às vezes do que tu ser aprovado com média é tu conseguir comprovar que tu tem baixa renda né, porque eram muitos documentos, muitos documentos, tinha coisas que eu não sabia o que que eram, eu acho que era certidão não era de bons antecedentes mas era uma coisa parecida que tinha que ir na, eu acho que Previdência

Social enfim, contas de banco, aí bom, como meu pai ele era aposentado e a minha mãe não era na época, eu tenho um irmão deficiente físico, comprovar que ele é deficiente físico eu precisava de laudo médico pra comprovar que ele não trabalhava, então foi assim uma série de documentos que por um momento eu achei que, que me barrariam na entrada né, mas passando essa etapa eu ingressei e aí bom, a partir do momento que eu ingressei na universidade a minha vida se reorganizou, se configurou de outra forma.

Pesquisadora: Já no curso de história?

Entrevistado 01: Eu ingressei em história em 2011/1 daí né e neste período surgiu outro problema que bom, o Prouni ele é ótimo, ele é maravilhoso mas ele te dá o acesso né e tinham as questões de permanência e aí a permanência começou, porque de Montenegro pra Porto Alegre naquele momento, hoje isso é bem mais, eu gastava em torno de R\$25,00 por dia de passagem né contando o deslocamento intermunicipal e o dentro de Porto Alegre, bom R\$25,00 por dia em uma semana dá R\$125,00 em um mês dá R\$500,00, então pra quem não tinha condições de pagar, ter esse dinheiro era um problema, então veio uma, um deslocamento né, eu comecei a trabalhar como operador de telemarketing em Porto Alegre, eu entrava as sete da manhã ficava até uma e meia e saía e ia correndo pra PUC, lembro que na época a minha carteira, acho que era assinada com quinhentos e alguma coisa, R\$600,00, então era o dinheiro da passagem né e aí eu utilizava, enfim o VT da agência né pra pagar o deslocamento até a PUC, então esse foi um pouco o desenho do primeiro semestre aí enfim né, mesmo assim eu não tinha, que nem eu falei, eu trabalhei os três anos do Ensino Médio, guardei dinheiro pra esse momento.

Pesquisadora: Continuou residindo em Montenegro?

Entrevistado 01: Continuei residindo em Montenegro, uma boa parte desse primeiro semestre só que chegou um momento que eu tinha que sair de casa às 4:40, não, eu pegava o ônibus 4:40 né pra sair de Montenegro, era o primeiro ônibus e até São Leopoldo e de São Leopoldo ia pra Porto Alegre por causa do horário, não tinha um horário direto pra Porto Alegre naquele momento. Então chegou um momento que a minha saúde, em dois, três meses eu fiquei bem debilitado né eu acabei emagrecendo, enfim, e aí o meu pai ele disse não vamos tentar organizar de outro jeito então, eu tenho uma tia que reside em Porto Alegre e eu passei a, essa tia é advogada enfim e o meu pai fez um trato com ela que ela trabalhava na minha casa em Montenegro né ela abria um escritório numa peça da casa e em contrapartida eu residia de segunda a sexta na casa dela né ela também era uma senhora um pouco mais velha, terminou a faculdade depois dos 50 E aí bom ela também não tinha clientela, tava ingressando e aí era uma forma de nós nos ajudarmos mutuamente só que isso também gerou questões né porque embora ela fosse muito aberta, ela tinha filhos mais ou menos da minha idade, um pouco mais velhos e aí eu acabei muito naquela relação do primo pobre né, ficar no quarto literalmente, no quarto da empregada e enfim

né aquele quartinho de bagunça sabe esse espaço que em vários momentos era visto assim como, não por ela mas como um estorvo, então essas questões elas acabaram me construindo um pouco enquanto sujeito e me fazendo pensar e refletir sobre algumas coisas né porque eu entrei na universidade por uma política pública sem saber o que é uma política pública sabia que eu tinha uma bolsa mas eu não sabia a dimensão disso, a função social, a importância dessa bolsa o que isso significava, eu entendia numa lógica que às vezes opera de que bom, eu sou pobre eu tenho direito a isso ponto e a Universidade ao mesmo tempo que ela me permitiu essa política pública no momento que ela me permitiu estar dentro da Universidade, a universidade me permitiu refletir sobre isso então essas relações de acesso elas são muito fortes eu jamais estaria no doutorado se não fosse o Prouni e toda minha trajetória se constituiu com bolsas, toda ela é com bolsas mas a permanência dependeu de outras coisas né, então eu tive a partir do segundo semestre eu comecei a fazer parte de um grupo como bolsista de iniciação científica na enfermagem porque enfim né, não tenho problema de falar sobre isso porque é verdade, eu acho que dentro da história às vezes existe uma certa elitização de um pensamento que não precisa e eu entrei muito menino do interior assim falando errado eu não tinha nenhuma língua, não dominava nada, eu não tinha talvez a melhor das posturas e eu nunca consegui, desde o primeiro semestre eu descobriu o que era com outros colegas, enfim, eu tentei bolsa e não consegui. a minha primeira bolsa foi na enfermagem e aí eu comecei a trabalhar com pesquisa quanti-qualitativa, numa outra lógica assim da história, do que eu trabalho hoje mas foi o que me permitiu aqueles R\$400,00 daí residindo na casa da minha tia, pagar o RU e o transporte.

Pesquisadora: A PUC não tinha nenhuma bolsa interna?

Entrevistado 01: não, eles têm as bolsas de iniciação científica né mas de acesso e permanência não, o que eles tem é o RU que de fato se aproxima mais de um RU né claro que não é como o da UFRGS que eu acho que é menos de R\$2,00 mas quando eu ingressei era R\$5,00, então isso era um fator decisivo nesse entremeio eles colocaram também uma normativa interna que era o lanche Universitário, enfim, que era um lanche mais barato então essas pequenas iniciativas também da Universidade eu sei que ela não faz isso de graça, eu sei que existe todo um jogo de poder que perpassa isso né mas foi esse conjunto de elementos também que me deram essa permanência, e a partir do segundo, terceiro semestre eu já comecei além, por isso que eu digo que a minha graduação, tudo é feita de bolsas ingressei com ProUni, ingressei como bolsista da enfermagem só que eu representava a saúde dentro da enfermagem né no caso a licenciatura aí eu consegui um estágio no Arquivo Público do Estado do Rio Grande do Sul em paralelo ao arquivo surgiu o PIBID, então eu tinha uma bolsa de iniciação científica eu deixei ela pelo estágio eu

leve o estágio e o pibid por dois anos né o estágio no APERS eu fiz por um ano e 10 meses, eu fui quase no limite dele e no final da graduação ali no último semestre as coisas estavam ficando um pouco nebulosas, no sentido de que eu tinha mais dois meses só de estágio né porque o estágio poderia durar dois anos e eu tinha um semestre ainda e só os R\$400,00 do pibid naquele momento já não dava mais conta porque aí a passagem em Porto Alegre já tinha dobrado desde que eu ingressei, o RU já não era mais R\$5,00 então uma série de coisas começam a se colocar aí, E aí no último semestre eu consegui a minha última bolsa de iniciação científica que foi com a Professora Maria Helena Câmara Bastos eu sempre destaco porque foi onde eu consegui ingressar na pesquisa dentro da história porque na história de fato eu nunca consegui me integrar, me integrava no Pibid mas enquanto pesquisa eu acho que eu não atendia alguns pressupostos estabelecidos né então é o ProUni, foi a bolsa pibic depois foi o estágio no Arquivo Público depois foi o pibid e depois uma nova bolsa pibic que de alguma forma me permitiram concluir a graduação né. Então é por dentro de políticas públicas é por dentro de políticas de bolsas de iniciação científica que a gente sabe que aqueles R\$400,00 não são para a pesquisa ele são pra sobreviver né talvez em algum momento já foi, mas hoje ele é pra sobreviver, então é dentro dessa lógica né e o mestrado, enfim, foi com Bolsa Capes doutorado com bolsa CNPQ então toda essa trajetória acadêmica é pautada dentro de alguma política pública de acesso ou de sistemas de bolsa pra permanência né, toda ela.

Pesquisadora: e mestrado daí depois com a bolsa Capes tu concluiu ele na PUC também?

Entrevistado 01: na PUC aham, aí é interessante porque as coisas foram acontecendo né nesse sentido a bolsa de mestrado é R\$1500,00 né.

Pesquisadora: era uma bolsa taxa ou era integral?

Entrevistado 01: não, ela pagava o mestrado e eu recebia né, então era integral, era R\$1500,00 enfim, então pra alguém que vem do interior que ganha R\$400,00 com uma bolsa de iniciação, R\$1500,00 é uma coisa assim extraordinária né então eu pensei nossa agora eu vou comprar uma casa com esse dinheiro, tô brincando mas assim aí o mestrado no final da graduação minha saúde mental já não tava muito legal e não consegui mais ficar na casa da minha tia enfim por causa dessas...

Pesquisadora: Ah, tu permaneceu na casa da tua tia no mestrado?

Entrevistado 01: Eu fiquei mais de um ano, no mestrado não, eu fiquei até o final da graduação, eu fiquei mais de um ano, eu fiquei quase até o final da graduação na casa dela só que aí chegou o momento que eu não conseguia mais né a minha saúde, meu psicológico não dava mais conta por causa da relação que se criou né a lógica de alguém estar de favor embora eu não estivesse enfim coisas que se criam. E aí no mestrado como eu não tinha aula todos os dias né, que na graduação a semana é

fechada.

Pesquisadora: Então tu concluiu a graduação, lá, morando em Montenegro?

Entrevistado 01: morando em Montenegro, no ultimo semestre eu comecei a ficar muito muito menos na minha tia, ficava uma ou outra noite e vinha todo dia e daí no mestrado eu tinha aula 3 vezes por semana então eu ia e vinha e aí nesse entremeio de 4 anos de graduação uma coisa que acho importante também talvez tua pesquisa não de conta de pegar tudo isso mas é as redes que a gente cria de apoio né, porque bom, tem a presença do estado tem a presença da PUC tem a presença dos órgãos de fomento que me deram essas bolsas mas também tem a presença daqueles amigos, daquelas redes que tu cria durante esse período né.

Pesquisadora: A questão humana né dos nossos cursos né?

Entrevistado 01: isso também porque foi quando eu precisava uma noite, duas durante a semana eu tinha alguém né que me oferecia um apoio que eu poderia ir então essas relações que se criaram com pessoas que de alguma forma tu começa a te aproximar também me garantiram a permanência né e bom como a gente fala do ProUni é uma política pública né eu acho importante destacar que nesses períodos em que eu residi em Montenegro o que me permitiu estudar também foi o passe livre né, então o passe livre enquanto política que o estudante não paga a passagem nos dias de aula foi fundamental.

Pesquisadora: a partir do mestrado tu já tinha passe livre?

Entrevistado 01: eu consegui um pouco antes só que como eu residia em Montenegro uma parte, outra em Porto Alegre eu usava ele esporadicamente, a partir do momento que eu retornei, no final da graduação pra Montenegro o passe livre foi que me permitiu retornar porque aí bom eu não pagava a passagem então além do passe livre, a meia passagem dentro da cidade que eu fui descobrir também ao longo do caminho que existia isso a partir do TRI são formas de garantir a permanência né, são outros elementos que cruzam, que são além do Prouni né, o Prouni importantíssimo pra entrar e aí bom aí outras coisas foram necessárias pra garantir a permanência né.

Pesquisadora: e depois que o teu projeto de Mestrado ele foi na área da história?

Entrevistado 01: é que nem eu comentei assim né, tem uma pode ser uma impressão errônea minha, mas me parece que naquele momento talvez hoje já não seja mais assim as questões vistas pra refletir sobre educação, sobre o ensino de história elas não eram muito abrangentes, não eram muito bem quistas né, tanto que a história da educação muitas vezes dentro da história ela ainda é marginalizada. O ensino de história não é visto não é a menina dos olhos da academia nessa área né então, que nem eu falei desde o início, eu sabia que eu queria ser professor, eu gostava muito da sala de aula não sabia exatamente do que ,quando

eu me encontrei com a História enfim, ou a história se encontrou comigo, eu não sei quem encontrou quem é essas coisas foram se modificando e desde o início do curso a minha a minha pegada ela era ela era mais voltada para a educação né, pro ensino de história ou depois de eu descobrir a história da educação então foi muito difícil, eu não consegui me colocar nunca e nenhuma bolsa de iniciação científica que nem eu comentei, eu acho que vários elementos né porque assim uma coisa que o Prouni permitiu que pra mim marca muito é a oportunidade de ser filho de um servente e de uma empregada e estar sentado do lado de filhos de juizes, de promotores, de médicos né, de fazer um curso de história com uma estabilidade enfim que eu não tinha né E essas pessoas tinham preferência por que embora nós estivéssemos dentro da mesma instituição eu não sabia falar espanhol eu não sabia falar em inglês eu não eu cheguei a, é uma coisa que eu sempre conto assim, um grupo de colegas, foi algo que me marcou muito assim mas eles chegaram a me dar roupa porque eles diziam que eu não ia me dar bem porque eu não me vestia bem né porque enfim não usava... (Emoção) chegaram uma vez na aula com uma sacola de roupas da Renner assim né que, talvez o problema fosse a forma como eu me vestia, essas coisas mostram que eu não partia do mesmo lugar que essas pessoas embora estivesse lá então foi a partir das aulas dentro da educação daquelas disciplinas comuns que uma primeira professora apostou em mim, foi a professora Leunice E aí bom ela tinha um projeto em parceria com a enfermagem e ela me direcionou pra lá né E foi uma experiência muito marcante aí eu fiz um curso no Arquivo Público e gostaram do meu trabalho e abriu uma vaga de estágio e me chamaram, então as coisas foram assim né, o Pibid foi também por causa, aí como o Pibid era um, era, é, eu não sei como está o Pibid hoje está ruindo também mas como ele era voltado para a licenciatura nesse espaço eu consegui me inserir, entendi, porque parece sempre que a educação no ensino, ele corre atrás do pesquisador, entendi, se cria essas hierarquias assim, e aí o Pibid foi fundamental né, o Pibid foi o que me construiu enquanto professor, eu acho né e aí no final lá eu encontro a Maria Helena a gente tem uma relação bem legal nesse sentido, meio que ela sempre comenta né que eu fiz a seleção duas vezes pra ser bolsista dela. Na primeira ela não me aceitou, lá no início porque ela disse que eu fazia muitas coisas que eu não ia dar conta do trabalho e na segunda aí eu fui fazer uma disciplina e tal com ela de eletiva que era de história da educação foi quando eu conheci o campo ela optou por uma menina que tava ingressando no curso só que no dia de começar a menina acabou não indo porque morava longe da PUC e aí ela precisava né, se não ela perderia a bolsa, então ela me chamou pra um semestre e nesse semestre eu acho que enfim né, mostrei que talvez dava conta de pesquisar e como a Maria Helena ela era vinculada ao PPG da história, eu ingressei no mestrado em História e fui orientado por ela só que ela era convidada na história, ela

poderia ter dois orientandos lá mas ela, oficialmente estava vinculada a educação então eu entrei fiz o mestrado na história mas sendo orientado por uma professora oficialmente vinculada a educação.

Pesquisadora: E talvez foi isso que levou a tua escolha no doutorado?

Entrevistado 01: É, e aí bom mestrado também a gente sabe que a pós-graduação não é um espaço fácil as relações que se estabelecem não são fáceis né esses Laços que são muito importantes da gente criar eles não são criados do dia pra noite nem todo mundo tá disposto a criar uma rede de ajuda né então ingressar no mestrado pra mim foi uma grande conquista, eu nunca imaginei para quem nunca imaginou, pra quem sonhava mas não imaginava entrar na universidade, cursar o mestrado era algo, sei lá, inexplicável assim até hoje minha mãe não entendi o que é meu pai já faleceu mas também não ia entender, mas a mãe não entende direito o que que é mestrado, o que que é doutorado, ela sabe que eu estudo, enfim hoje gosta né mas o mestrado era sei lá era inexplicável a sensação E aí essas coisas foram se dando né a pesquisa aí eu via que a história era muito além da docência que nem eu falei que o meu foco sempre foi a docência mas eu descobri a pesquisa nessa trajetória e as duas coisas foram se dando né e o mestrado acabou amarrando um pouco isso e aí o Eduardo como pesquisador começa aparecer um pouco mais né, mas também dentro de bolsa Capes, Passe Livre estudantil que é muito importante, TRI, então uma série de ferramentas que me permitiam estar lá dentro, porque a PUC é uma universidade privada, gigantesca, caríssima né E aí bom é difícil tu te manter lá dentro, uma coisa que a PUC também eu acho importante destacar Hoje eles já não tem mais mas quando eu ingressei existia uma política de impressões que eram 180 páginas por mês eu não tinha como comprar livro, eu ingressei com trocentos Prouni né na minha turma eram essas impressões que nos permitiam ter os textos, então essas coisas que às vezes passam despercebidas, que são muito pequenas Elas acabaram garantindo a permanência no curso né e a conclusão.

Pesquisadora: e hoje enquanto doutorando como que tu acha assim que, que tu te sente hoje assim como tu ver o futuro destas políticas nesta conjuntura que a gente está vivendo agora?

Entrevistado 01: então eu falei, entrar no mestrado para quem não imaginava nem terminar a graduação enfim, por questão de dinheiro mesmo né doutorado foi também uma grande conquista então eu vim me constituindo dentro dessas políticas dentro dessas bolsas dentro de auxílio de órgãos de fomento até o ingresso no doutorado e até o primeiro ano de doutorado eu tava muito confiante da possibilidade de construção de uma trajetória profissional hoje se eu te disser que eu estou super confiante super feliz eu vou te mentir né eu comentei enfim com alguns colegas e eu acho que isso é importante também destacar que no início desse ano eu tive um quadro depressivo bem forte

justamente por estar no meio do doutorado e ver que as portas estão se fechando e não é pela Unisinos não é pela educação é pela conjuntura brasileira né. Eu tô com vários colegas terminando o mestrado e não conseguindo ingressar no doutorado, porque as bolsas tem diminuído, amigos que estão terminando o doutorado e que tão um pouco em choque sem saber para onde ir a gente tem uma leva de Doutores se formando e as Universidades privadas elas estão aderindo cada vez mais ao EAD, especial nas licenciaturas então eu vejo uma gama de profissionais que tá formando um bolsão e que não consegue se inserir Então hoje neste momento nessa tal conjuntura em 2019 no mês de novembro Se eu te disser que eu vejo meu futuro dos pesquisadores dos Estudantes que ingressaram dentro dessas políticas como promissor eu vou te mentir eu tenho muito medo.

Pesquisadora: E qual era, antes desse teu medo a tua ideia?

Entrevistado 01: eu entrei querendo ser professor de Ensino Médio eu sempre gostei muito de ser Professor mas eu descobri depois disso na relação pesquisa, docência e também a extensão porque participar da extensão foi algo que me constituiu também né porque eu pude participar do projeto Rondon dentro da Universidade isso me possibilitou entender política pública e viver ela de uma outra forma eu tinha intenção sim de me de me tornar Professor pesquisador de ensino superior foi porque eu acho que o mestrado e doutorado te levam pra isso né é a trajetória E aí bom sonhei como acho que muitos sonharam com a possibilidade de concurso, com a possibilidade de se inserir nas instituições privadas mas o movimento um pouco esse assim que tem me assustado sobretudo nesse último ano e aí para mim a eleição do Jair Bolsonaro ela consolida Isso assim que é o desmonte dessas políticas é o desmonte das humanidades os concursos estão extremamente concorridos porque tá todo mundo desesperado tentando se inserir e nesse momento os órgãos de fomento a gente não sabe se vai ter a bolsa no final do mês e aí tu não sabe se tu vai ter o que tu recebe se tu vai ter uma dívida com a Unisinos é tudo muito incerto e essa incerteza essa instabilidade elas tem colocado em cheque né não tenho deixado de fazer meu trabalho de produzir, de ir em eventos mas existe um sonho aí que ele não ele não tá morto Não é isso mas ele vem sendo destruído a partir da destruição dessas políticas toda minha formação são quatro anos de graduação dois de mestrado e quatro de doutorado, serão 10 anos me constituindo pelo menos oito deles dentro de um processo de ampliação ao acesso e a permanência no ensino superior de ampliação das políticas públicas e em um ano isso tudo começa, claro não é um ano é um é muito mais complexo do que isso mas em um ano a gente tem um ataque muito estrutural sobre isso então eu tenho medo do futuro não vou deixar de viver por isso que eu vou deixar de tentar conquistar um lugar mas eu tenho medo. É só olhar o número de prounis que entram hoje em relação ao que

entrava comigo. Como eu falei, o EAD, as licenciaturas têm pesquisas mostrando que 51% dos cursos dos alunos da pedagogia já estão no EAD aí as licenciaturas todas estão vindo junto né E aí eu pergunto, bom o que eu vou fazer? (Risadas) então é um futuro incerto, muito incerto.

Pesquisadora: Mas então, pelo que eu percebo Tu conseguiu te constituir, ir estudando o que tu queria tu não conseguiu uma bolsa de uma coisa que tu conseguiu devido a tua nota do ENEM era aquilo que tu tinha no momento não, tu fez o que tu queria o que tu escolheu?

Entrevistado 01: Sim, de fato, eu lembro que quando eu fui fazer a inscrição eu olhei outros cursos né, aí que nem eu falei, no vestibular da UFRGS eu fui mal, mas eu não era mal aluno, no ENEM eu fui melhor então a minha nota dava vários cursos E isso também foi um problema, porque aí eu comentei com a família, Ah, dava pra tentar direito sei lá, mas não o que eu queria era história e eu ingressei, Ah, eu reforço assim até, no início de 2019 eu nunca tinha passado pela minha cabeça arrependimento disso e não me arrependo hoje de forma nenhuma mas às vezes eu me pego pensando se não seria diferente essa incerteza de Futuro né que vem nisso aí e também a forma como eu entendi a universidade em algum momento como ascensão social né porque ser Mestre ou ser doutor não é ascensão social e não que eu Esperasse ser milionário, ser rico, não é isso eu acho que é condições de ter uma vida digna né isso assim, não que eu não tenha o medo de que amanhã ela possa ser barrada.

Pesquisadora: E essa visão que tu atrás da tua graduação, no mestrado e no doutorado tu não teve esses impactos de preconceito ou tu também teve?

Entrevistado 01: eu entrei num, eu costumo dizer que nas primeiras levas de prouni da história então isso tinha uma questão também que as pessoas não entendiam muito bem Eu lembro que uma vez, uma professora perguntou lá porque a gente tinha um evento que ela ia pagar com dinheiro de verba pros prounistas ela sem querer perguntou assim na inocência quem era prounista na aula, pra levantar a mão, levantamos e foi um mal estar geral só que ao longo eu acho que dá formação muitos destes Prounistas, nós ingressamos no ensino superior, nós permanecemos no ensino superior e nós fomos pro mestrado e pro doutorado uma seleção antes da minha na PUC o primeiro e o segundo colocado no mestrado em história eram prounistas foram da primeira leva os dois de Montenegro o Daniel Becker e o Eduardo então quando eu ingressei no mestrado agora não sei te dizer quantos, mas comigo outros alunos filhos dessa política pública também ingressaram. Então eu acho que a gente foi conquistando espaço, inclusive mostrando pros professores que vir de um espaço social menos privilegiado não era ser pior do que ninguém, porque os professores da instituição privada também não estavam acostumados com aluno que não necessariamente teria dinheiro pra passagem, Então eu acho que essa conquista foi se dando entende alguns

estereótipos foram sendo derrubados no mestrado acho que nesse sentido foi mais fácil até porque também já estava calejado né, já tinha enfrentado e o doutorado eu não sei eu acho que me parece ou talvez pelo tempo das políticas enfim ou pela própria pelo próprio fato de ser na educação que a ideia do ser bolsista ou não ela não te torna melhor ou pior entendi mas aí, bom, eu teria que fazer ,não sei como foi o início aqui também o prouni, como essa gente foi ingressando no mestrado, como essa gente foi ingressando no doutorado né mas alguns embates houveram Com certeza mas foram e aqui também essa rede se criou, de pessoas enfim que acabam apoiando né de alguma forma.

Pesquisadora: então, na tua visão os impactos dessa política são positivos na tua trajetória?

Entrevistado 01: Extremamente, se não fosse o Prouni ou eu ainda estaria na graduação estaria jubilando né porque eu faria o primeiro semestre depois eu não ia ter dinheiro, ia ter que ser uma disciplina duas aí ia acontecer que nem ocorre com a minha irmã hoje, tem reforma curricular perde trocentas disciplinas e fica remando enfim a outra possibilidade seria fazer um curso à distância e que hoje né tomou conta, a cidade deve ter umas cinco, seis instituições que oferecem que eu tenho algumas limitações para aceitar a forma desse ensino Mas seria o que me restaria e provavelmente eu estaria no mercado ainda, entendi no mercado, na loja, eu não teria saído desses espaços e nada contra esses espaços e nada contra as pessoas que estão nele Mas eu queria ser professor.

Pesquisadora: e na tua família tu és o primeiro integrante a ter um curso superior?

Entrevistado 01: Sim, que nem eu falei eu tenho essa Tia que ela na verdade eu chamo de tia mas ela é prima do meu pai, ela é uma parente distante, mas que depois de mais velha conseguiu cursar direito, meus avós todos analfabetos o meu pai é analfabeto a minha mãe, os meus tios acho que talvez... e minha irmã agora que tá, mas ela é pagante hoje ela faz uma disciplina, duas por semestre. A minha irmã não conseguiu, porque a minha irmã, assim como eu os meus dois irmãos mais velhos ela foi até o primeiro ano do médio e a minha família entendeu que já era o suficiente Então ela foi retomar o ensino médio a partir de um EJA pago enfim, um supletivo chamava naquele momento então o ensino superior dela saí como pago né então isso também cria uma barreira parece que ela, ela pagou pra concluir.

Pesquisadora: são escolhas que a gente toma sem pensar nas consequências.

Entrevistado 01: E aí, também no momento que ela fez isso, acho que nem passava pela cabeça dela de, Então ela fez o Enem depois mas aí é bom né era um afastamento da escola há muito tempo, um ensino médio que foi feito de uma forma muito superficial né então foram se criando algumas coisas e ela não conseguiu.

Pesquisadora: Mas, Eduardo eu acho que é isso então consegui compreender e me identificar muito com a

tua trajetória porque assim como tu também fui pibis, também fui prouni, hoje estou no mestrado fazendo essa pesquisa né porque eu escolhi desde o princípio né o objeto da pesquisa poderia mudar como mudou né desde o início era uma ideia de pesquisar efetividade e depois disso a gente mudou para pesquisar o impacto da trajetória desses ex prounistas e eu me coloco no início da minha pesquisa contando a minha trajetória e ouvindo a tua Agora eu entendo e compreendo e fico muito feliz de hoje a gente estar podendo dialogar dentro de uma universidade privada mas que é uma oportunidade que foi sim o ProUni que nos abriu esse acesso claro que a gente teve vários perpassos para permanecer, isso existe mas eu acho que tudo se encaminhou bem né É claro que o medo do futuro existe.
Entrevistado 01: é, eu acho que pra todos nós.

Pesquisadora: mas eu acho que a gente finaliza.

Entrevistado 01: e eu fico disponível pra qualquer outra coisa que tu precise, não se era isso, se era o que tu esperava ouvir ou não, mas é que o prouni, sempre que eu posso, sempre que eu vou fazer alguma fala essa trajetória marcada por bolsa por política pública eu levo ela., sempre.

Pesquisadora: Obrigada!

N° 02	
Entrevistado	XXXXXXXXXX
Entrevistador	Juliana Milcharek
Local	Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Data	20 de novembro de 2019
N° de Páginas	15
Transcrição	Juliana Milcharek
Duração	57:53
Tipo	Entrevista aberta

Sumário

Transcrição

Registro
Técnico

Entrevista N° 02, realizada com XXXXXXXXX, Doutor em História, tendo como entrevistador Juliana Milcharek, realizada no dia 20 de novembro de 2019, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo/RS.

Juliana: Boa Tarde!

Boa Tarde!

Juliana: Bom, primeiro quero te agradecer né pela participação, pelo aceite em ser sujeito dessa pesquisa uma pesquisa que tem uma importância muito grande para mim porque assim como você eu também fui prounista então desde que eu estive na graduação fazendo o curso de pedagogia eu tive oportunidade de ser pibidiana, eu tive oportunidade de entrar nesse mundo da pesquisa e desde então o ProUni como foi propulsor né para que tudo isso

acontecesse na minha vida fez com que eu quisesse estudar ele. Ele é o objeto da minha pesquisa a pesquisa Então ela foi qualificada no dia 30 de outubro do mês, agora mês passado e ela se intitula “ O Programa Universidade para Todos (ProUni) e as trajetórias de discentes na formação avançada para a educação brasileira” de acordo com o parecer da banca a gente optou por fazer entrevistas abertas e é um diálogo né Cristiano assim que a gente vai ter no qual eu busco tentar compreender né, ou seja, o meu problema de pesquisa ele se dá em tentar compreender Quais as influências do programa Universidade para Todos na trajetória de discentes para a formação né paciência e educação brasileira tentando compreender quais as influências do Programa Universidade para todos na trajetória de discentes para a formação avançada para a formação né, da ciência e educação brasileira, tentando compreender como o ProUni enquanto política pública influenciou a trajetória desses discentes, discentes escolhidos que hoje são Mestres Doutores ou quase Doutores, então os objetivos da pesquisa são primeiramente descrever né o perfil desse universo que vai ser pesquisado descrever essas trajetórias por meio da entrevista né a gente vai conseguir identificar alguns elementos para análise e analisar essas trajetórias após as entrevistas buscando possíveis variáveis nesse período que possam ou não ter interferido né na trajetória sempre com base na política pública do Prouni Então eu quero que tu me conte mas assim desde a tua trajetória escolar, familiar, pessoal e como que o ProUni se insere nisso tudo.

Entrevistado 02: Eu Tenho 31 anos eu nasci em primeiro de Abril de 88 em Novo Hamburgo e a minha família ela tem ela não tem uma origem local né, a minha família faz parte desse grupo que veio para região durante a década de 80 com o êxodo rural né, com o crescimento da região metropolitana né E nesse contexto né A minha família ela se instalou numa área periférica na minha cidade não é periferia Mas é uma área que não é central da cidade né e o meu pai né ele trabalhava trabalhou sempre como pedreiro né construção civil e a minha mãe e ela trabalhou como empregada doméstica né a vida toda e eu estudei em escola pública toda minha trajetória Né desde as séries iniciais até o ensino médio sempre foi na escola pública que eu estudei. Quando chegou o final desse período de ensino médio comecei a procurar né no mercado de trabalho oportunidades né e eu sabia né que é o local onde eu vivia não permitia muitas opções né para quem tinha um perfil como o meu né, na minha origem social eu sabia que no local onde eu vivia né, esses que estavam estabelecidos há pouco tempo não tinha a oportunidade como outros que estavam instalados há anos na cidade né não tinham tantos contatos, uma rede tão grande de solidariedade para conseguir empregos, o que sobrava para minha geração dos meus amigos todos era trabalhar na indústria, na região licoreiro calçadista né, então tem indústrias que trabalham nessa área né então a realidade para alguém da minha

idade né na saída da adolescência, no ingresso no mercado de trabalho era o chão de fábrica né Essa sempre foi o que foi me oportunizado né ou esses trabalhos né como de empregada doméstica ou pedreiro né como meu pai e minha mãe já tinham. Bom, então eu sabia né que as oportunidades que existiam para mim na não eram muito grandes não teria uma carreira assim há construir, seriam poucas oportunidades que teria né de trabalho mas mesmo assim né eu precisava trabalhar então por volta de 2006 quando eu tinha 17 anos para 18 eu ingressei na oficialmente né na uma empresa de calçado com carteira assinada e tal não que eu não prestasse outros serviços na informalidade né, tipo o pequeno serviço de cortar fio de calçado passar cola, coisas pequenas né mas nunca com um horário fixo e carteira assinada, então, mas a partir desse momento então, em 2006 comecei a trabalhar de carteira assinada né numa fábrica que fazia peças né de couro bordados pra calçado, costura pra calçado então, tudo em volta pro setor de malhas e calçados né e assim como eu vários colegas né e eu percebia que a rotatividade era muito grande né porque o trabalho exigia muito né muitas horas extra também e o trabalho era muito desgastante né e exigia muito fisicamente e eu via que a rotatividade era grande porque as pessoas não suportavam e percebendo os funcionários mais antigos né que trabalhavam há mais de 20 anos no local né todos eles tinham sequelas assim terríveis né tipo, são máquinas pesadas né que a gente operava então tinha colega que tipo tinha dedo fraturado porque a máquina esmagou sabe aí situações assim meio né, e outros que estavam tão desanimados assim com a situação que sabotavam máquinas faziam coisas assim que né, pra máquina ficar parada e não precisar trabalhar, então tu via aqui a longo prazo não era uma coisa muito saudável né o ambiente de trabalho ali, então eu comecei a procurar oportunidades né daí aquele ano foi um dos primeiros anos que no ano anterior se eu não me engano que já começaram ouvir na região ali que tinham essas oportunidades de bolsas né, do Prouni e tal e eu decidi me candidatar eu vi que eu me encaixava na faixa de renda né e eu já tinha feito a prova do Enem no ano anterior 2005 e tinha várias oportunidades assim que eu, várias possibilidades que eu pensava de curso. Primeiro eu pensei em jornalismo, geografia também pensei mas no fim acabei ficando com história como a primeira opção né e para mim a questão da distância era importante porque eu também não teria muito dinheiro para deslocamentos né então eu escolhi uma das Universidades mais próximas né que era Unisinos né a segunda era Fevalle mas passei para Unisinos né na primeira escolha e comecei a cursar ainda no segundo semestre de 2006 o curso de História licenciatura aqui na Unisinos, concomitantemente a isso continue trabalhando na fábrica, pedi para trocar de turnos né, num período noturno, porque o período noturno era mais curto ele era ele era só 6 horas e os outros períodos eram de 8 horas pagava um pouco mais Então e eram duas horas a menos no meu dia que eu teria para

estudar né então, e eram duas horas a menos no meu dia que eu teria para estudar né, então pesou isso pra mim então acabei pedindo para trocar de turno pro turno noturno depois de um tempo eu troquei para o turno que iniciava de manhã. Em ambos os casos eu poderia estudar à noite né e foi o que eu fiz essa situação né se estendeu por cerca de um ano mais ou menos né.

Juliana: E a tua família te apoio nessa tua escolha de querer estudar?

Entrevistado 02: Sim, sim! A minha família sempre me apoiou, a minha mãe e meu pai tem uma educação formal muito limitado assim né a minha mãe depois terminou, fez o eja né depois com o passar do tempo mas sempre apoiaram né, principalmente a minha mãe e meu pai sempre teve uma dificuldade né que ele queria que eu fizesse faculdade mas ele não queria que eu fosse professor porque ele associa ser professor uma tarefa feminina né uma profissão feminina né.

Juliana: Um preconceito?

Entrevistado 02: é tinha um certo rótulo né, que ele acreditava que mulher né era um perfil mais adequado né e ele queria que eu fizesse faculdade mas não queria que eu fizesse né se eu pudesse escolher que não fosse uma de professor porque ele vem de um ambiente rural né, onde o esforço físico é muito bem recompensado né, então acredito que ele acreditar que algo que não tem esforço né para um perfil de homem assim não faz muito sentido né como escolha de trabalho né mas a gente sabe que o trabalho do professor é tão desgastante como um trabalho físico né, inclusive até mais porque a gente leva trabalho para fora do horário formal de trabalho né, tarefas, então a gente acaba levando para esse horário né extra, extra jornada

Juliana: E na tua formação de graduação tu residia com teus pais?

Entrevistado 02: Sim, eu, eles apoiavam toda essa escolha, ficaram felizes, mas com essas ressalvas né que eu aponte e durante a graduação, esse período então eu continuei trabalhando no mesmo local no período inicial da graduação no mesmo local continuei residindo com eles né porque eu não teria condições de manter uma casa em algum local né e mesmo as opções de residência compartilhada eram muito difíceis, mais restritas ainda do que conseguir a bolsa em si né, do Prouni, mas o processo seletivo do ProUni foi bastante tranquilo assim na época né, eu me lembro que eu trouxe toda documentação né, e foi concorrido mas não foi tão sofrido assim o processo seletivo e já para uma residência estudantil é muito mais, muito concorrido né então não conseguiria por isso até eu escolhi um local que tivesse um deslocamento curto né por exemplo se tivesse que me deslocar para Porto Alegre seria bem mais difícil naquela época mesmo em universidades federais a minha região aqui é um pouco desatendida né, a mais próxima é a própria UFRGS né então não tem, na época não tinha tantos Institutos Federais como tem hoje, então acabei optando aqui pela, pela Unisinos né durante a graduação eu

continuei residindo com eles né durante esse período e o dinheiro né que eu tinha nunca tive tempo de fazer uma reserva financeira né então o dinheiro ia para os gastos de cópias, de xérox, livros e transporte e alimentação não sobrava muito né aquela coisa de contar as moedas né tipo para escolher se tu vai comer um lanche melhor ou se tu vai andar de ônibus é realidade né e mas eu continuei trabalhando durante esse primeiro ano até que chegou um momento que quando começou o terceiro semestre né que as cadeiras não eram no mesmo nível de exigência dos primeiros semestres né, por exemplo uma cadeira de... como por ser história tinha uma cadeira que era Brasil I né que era sobre O Brasil colônia né são três séculos de história né então uma disciplina de um semestre. Por semana assim os textos médios, os textos eram R\$10,00 o xérox dos textos obrigatórios né mais os complementares né tipo R\$5,00, então era tipo R\$15,00 de xérox por semana e mesmo se eu conseguisse pagar eu teria que ler isso né, então depois de um momento começou a ficar difícil conciliar o trabalho e então depois desse período né, mais ou menos um ano e meio eu acabei saindo do trabalho né fiquei com uma reserva financeira um pouco né e fiquei só cursando a licenciatura e procurei né estabelecer uma rotina de trabalho na verdade eu como eu não trabalhava procurei ficar na universidade o máximo tempo possível para poder estudar e fiz uma rotina de a tal dia eu vou ler tais textos né tal dia eu vou estudar uma língua ou vou fazer outra coisa né para poder aproveitar o ambiente na universidade a biblioteca porque eu não gastaria com os xérox também então foi mais ou menos nesse sentido que eu organizei minha rotina né, para aproveitar o máximo do campus e gastar menos de transportes eu estaria já no local onde eu teria aula também né então fiquei no ambiente da Universidade né durante o turno que eu não tinha aula durante a tarde né, manhã e tarde especialmente. Com o passar do tempo então às vezes surgiam né avisos né de professores né solicitando bolsista de iniciação científica né e tal pra auxiliar nos projetos que eles tinham aqui na universidade então comecei a me candidatar né para essas oportunidades porquê seria uma renda a mais né porque pelo menor que fosse né que era por volta de R\$300,00 né bolsa FAPERGS e também eu poderia utilizar toda a estrutura da sala para estudar né teria um ambiente com colegas para discutir coisas e também teria a oportunidade de aprender e me iniciar em um campo de conhecimento né então surgiram algumas oportunidades né a primeira que eu fiz eu não fui aceito né, como iniciação científica né, um outro colega né acabou assumindo a bolsa e depois eu fiz uma entrevista para o grupo de pesquisa da Professora Berenice Corsetti né, História, Educação e Políticas e ela tinha uma tradição de escolher para alunos de diversos cursos de graduação né inclusive de história né então ela procurava especificamente na época um aluno da história né então eu consegui essa vaga e ingressei no grupo de pesquisa comecei a participar do dia a dia de discussão de textos e foi mais ou menos uma graduação a

parte né foi como se fosse complementar ao ensino que eu tivesse no currículo formal porque além de a gente discutir os textos né nós tínhamos a oportunidade né de também de produzir conhecimento nos projetos de pesquisa né então a gente ia para arquivo ia pra campo fazer entrevista, coletava documentos, transcrevia, então a gente participava de várias etapas da produção do conhecimento acadêmico e era muito recompensador assim porque a gente percebia que tá fazendo um trabalho relevante né que tinha impacto né para área, impacto social e também se sentia muito participante do processo né então eu entendia melhor como o conhecimento era criado né e foi muito foi uma oportunidade muito bacana assim de participar como bolsista de iniciação científica e normalmente do bolsista de iniciação científica é exigido uma certa, uma certa, um certo rendimento, um bom aproveitamento das notas né em alguns casos dependendo da bolsa é condicionado né se tu reprovar em tantas disciplinas da bolsa pode estar comprometida e tal mas, assim pra mim não foi muito não foi muito muito problemático porque a própria bolsa né ProUni também já tinha essa restrição né então o esforço de sempre estudar mais também era devido a bolsa né porque eu sabia que na realidade que eu vivia não teria outra oportunidade dessas assim de ganhar uma bolsa sabe, fazer a faculdade isso na realidade que eu vivia eu sabia que eu teria que aproveitar essa porquê se eu rodasse um duas cadeiras uma cadeira né era o limite então se eu rodasse em duas eu já perderia a bolsa né então eu sempre procurei ter o aproveitamento bom pra não justificar né nenhum tipo de perda de bolsa né, então Eu sempre mantive um bom aproveitamento e eu tive vários colegas né que moravam na cidade e a gente conversava no ônibus e alguns deles perderam bolsa ProUni Por faltas né ou motivo de doença que não conseguia justificar mas felizmente consegui né encerrar a graduação com a bolsa né durante todo o período né 100%.

E paralelo a todas essas atividades da graduação né apareceram outras oportunidades né eu sempre, sempre gostei de do meio né de trabalhar em com livros em geral né Inclusive durante o ensino médio eu trabalhei na biblioteca da escola que eu estudava então sempre gostei desse ambiente né E aqui na universidade né a biblioteca era muito boa então poderia usar todo, toda a infraestrutura que tinha disponível né. com o passar do tempo né e paralelo às atividades da graduação e de Iniciação Científica surgiram outras atividades, outros projetos que professores convidavam alunos né das turmas e entre os anos de 2006 e dois mil e... não perdão acho que é 2007 e 2009 foram 2 anos eu participei de um de um projeto né, que foi coordenado Professor Paulo Moreira que um professor da graduação história, um Projeto de Recuperação né salvaguarda e Conservação da documentação de um antigo Hospital de Porto Alegre, Beneficência Portuguesa, que é um hospital que foi fundado no século 19 né e tem mais de 150 anos né e foi encontrado toda a documentação histórica do hospital né e os alunos do curso de graduação fizeram né

atividades de estágio de disciplinas junto ao museu de história da medicina né, porque era que guardar você no e eu e eu participei dessas atividades né junto ao museu de história da medicina junto com outros colegas e então nessa época né Na graduação então eu comecei a despertar o meu interesse pelos temas de pesquisa que me guiaram por toda a carreira acadêmica né os temas até hoje que me interessam são história da saúde e história da educação né que foram os dois temas que eu iniciei trabalhando né nesse período a história da educação por trabalhar no grupo de pesquisa né com a professora Berenice e história da saúde por trabalhar nesse projeto né junto ao museu de história da medicina Então o ProUni não só oportunizou né que eu que eu fizesse a graduação mas também que eu participasse desse ambiente né É tipo, pudesse ter essas escolhas né, essas oportunidades né tinha aprimoramento e também pudesse definir uma área de interesse né dentro da história inclusive né, a medida que o curso ia avançando nos últimos semestres os colegas já começaram a se preocupar com o trabalho de conclusão que não tinha um tema para fazer o trabalho de conclusão né e eu tinha várias ideias porque eu já tinha um certo, tava trabalhando com pesquisa, então eu tinha alguns temas que eu tinha interesse né tinha que só faltava descobrir se era possível né se eram exequíveis né, ou não, mas eu tinha vários temas já que era de meu interesse né, então dentro da história da educação e da história de saúde em 2010/1 eu fiz o TCC 1 né então eu escolhi fazer um trabalho de conclusão com temas relacionados a história da educação e história da saúde eu analisei livros didáticos da era Vargas né, a partir de, ali do Estado Novo mas especificamente e analisei o que os livros didáticos traziam sobre educação sanitária né e as práticas de higiene né então eu aliei duas áreas que eram de meu interesse né na época para fazer o trabalho de conclusão no período a professora Berenice já trabalhava com livros didáticos no projeto de pesquisa mas eu acabei fazendo, não foi exatamente um recorte porque não partiu de dentro da pesquisa dela né mas eu escolhi um recorte temporal que era de meu interesse que durante a Era Vargas aqui no Rio Grande do Sul existiu uma secretaria que era secretaria de educação e saúde pública na época a pasta de educação e saúde faziam parte do mesmo, da mesma secretaria então eu achei interessante né esse acaso e resolvi estudar os livros didáticos dessa época né, do desse período né de,até, que vai até 1940 né vai de, o meu recorte vai de 37 a 1940 que é o período então que a saúde se desvincula da educação e passa a ser um departamento autônomo Mas então eu estudei a as as mensagens higiênicas que eram proferidas nos manuais didáticos né então apareciam como escovar os dentes né como manter a roupa arseada né O que se esperava de uma criança né, então tinha uns manuais de leitura né e os manuais didáticos os manuais didáticos eram aqueles livros que a criança lia no dia a dia né e os manuais de leitura eram leituras complementares a aula e o conteúdo né então eu procurei utilizar esse material

todo durante a realização do TCC né.

Juliana: E onde tu encontrou esse material?

Entrevistado 02: na época o material era acervo privado né de, ex professoras antigas, que relacionaram na época. na época a Professora Berenice tinha os contatos das professoras que tinham o acervo né então assim o Prouni não só permitiu que eu tivesse um curso superior né ele já também me ajudou a escolher um caminho na carreira né porque a gente sabe que hoje em dia, a gente já está numa realidade que não basta tu ter apenas ensino superior né, tu precisa já pensar numa educação continuada, tu precisa pensar né em qual vai ser o teu diferencial no mercado de trabalho também né em qualquer área né um bom profissional ele não pode ficar parado né ele precisa sempre tá atento as novas transformações no mercado né E também entender que o conhecimento se modifica se, transforma e tem que estar atento a isso não significa né que ele se sujeite ao mercado né mas que ele se Aprimore né para sua própria, o próprio conhecimento pessoal né sua própria, seu próprio desenvolvimento né, humano também e então eu percebi assim que esses temas me interessavam né pessoalmente mas também eram temas que poderiam futuramente ter espaço no mercado de trabalho né, acadêmico né e mesmo fora disso e uma questão que é importante de pensar é que a universidade não é apenas um local de Formação né de carreira, um local de Formação né, de ensino apenas, é um local de contatos né que se faz muito e eu nunca fui muito bom assim para relações assim humanas assim digamos, humanas não, mas interpessoais digamos né Eu sou uma pessoa que eu trabalho muito mas eu não consigo fazer auto promoção sabe eu não tenho esse lado voltado né pro marketing muito bom mas assim a universidade permitiu que eu fizesse vários contatos assim que foram importantes para mim depois que eu me formei inclusive eu, eu fui ativista né durante sou ainda na verdade eu iniciei na graduação por volta de 2009 por aí eu fui ativista na área de patrimônio cultural né nós atuávamos em várias cidades né do..., aqui do Vale dos Sinos, Novo Hamburgo, São Leopoldo, Campo Bom, Ivoti, Dois Irmãos, Estância Velha né E sempre que tinha ameaça de demolição de algum prédio histórico né nós nos mobilizávamos e íamos até o local né então tinham tínhamos Historiador, tínhamos advogado, tinha artista plástico, arquiteto Então esse grupo né todo que atuava né tinha várias frentes de ação, tinha frentes de ação direta e também frentes de ação política, às vezes era necessário ir lá quando um prédio estava sendo derrubado e né, tentar embargar a obra de alguma maneira né fazer um protesto com cartaz coisas assim mas na maioria das vezes era ação política mesmo né enviar a documentação para um promotor de justiça, fazer um pedido né na secretaria de obras da prefeitura E todos esses contatos também foram construídos nesse ambiente acadêmico né esses, esses amigos né que eu tenho até hoje né se tornaram meus amigos na verdade eu conheci eles na universidade, muitos deles não terminaram o curso né por

outros motivos né mas são contatos que eu acabei levando até hoje né, outros são arquitetos que são formados né eu trabalho com eles prestando consultoria e Assessoria né pra restauro de prédios históricos para pesquisa de prédios antigos né que hoje em dia é necessário que tenha um Historiador que faz todo o histórico apontando usos antigos do bem né como o prédio foi utilizado pelos antigos moradores né faça a coleta de fotos antigas né plantas antigas né então é um mercado profissional que tá surgindo agora né que até pouco tempo a lei não exigia que um historiador trabalhasse em processos de restauros né e é uma área que eu não teria condições de atuar se não fosse né, esses contatos que eu fiz dentro da Universidade né então é bastante amplo né se esses ganhos que existiram né mas para mim é muito Claro assim que essa oportunidade que foi me dado né não poderia ser desperdiçada também né porque eu sabia que minha família não teria condições de pagar a mensalidade de uma Universidade ou mesmo se eu tivesse numa universidade pública né como a UFRGS eu também não teria condições de me sustentar por muito tempo né eu tô falando diversas coisas positivas que aconteceram mas Nem tudo são essas alegrias assim né porque a gente sabe que depois que o profissional se forma né Tem um certo período ali que até ele ingressar no mercado formal né e em determinadas profissões aí né são praticamente imediatas assim tu sai da faculdade tu já tem garantido né em outras profissões tem um período de 2 ou 3 anos que tu tem que né ficar esperando né E essa realidade né é a realidade que também tá me esperando né porque até agora não consegui né o ingresso definitivo no mercado de trabalho.

Juliana: Mas o mestrado, ele surge logo após a graduação?

Entrevistado 02: Eu terminei a graduação em 2010/2 né, minha formatura foi início de 2011 primeiro semestre de 2011 e o mestrado eu não ingressei no...

Juliana: Continuou sendo bolsista de iniciação científica até o final da graduação?

Entrevistado 02: sim, fui bolsista de iniciação científica até o final da graduação, não vou recordar quanto tempo, mas por volta de dois anos e meio talvez, por volta de dois anos e foi um período de grande aprendizado né, e depois de depois de terminar a graduação em 2011 eu então iniciei o mestrado em história aqui na Unisinos também sim a partir de 2010 dois né eu comecei iniciar trabalhar com bolsinha de apoio técnico também.

Juliana: Já como bolsista de apoio técnico?

Entrevistado 02: Sim, a partir de 2010/2 eu comecei a trabalhar com bolsa de apoio técnico também foi terminado meu vínculo como bolsista de iniciação científica e iniciaram o.. como bolsista de apoio técnico, então continuei participando das atividades de pesquisa né do grupo de pesquisa em história da educação e políticas educacionais mas eu optei por fazer o mestrado em história né apresentei o projeto né para o mestrado em história e foi aprovado na

época não tinham muitas bolsas também disponíveis, então uma das poucas bolsas que tinha disponível CNPQ paga eu acredito que era só uma e as outras eram todas bolsas flexibilizadas né Que pagamos somente a mensalidade ou 50% do valor do curso e a bolsa que eu tive foi uma bolsa Capes né que pagava apenas a mensalidade mas como é um período curto né dois anos eu acreditei que eu conseguiria né dar conta de manter as Finanças sadias e conseguir fazer o trabalho e é até fazer o trabalho não foi difícil porque eu já tinha muito material acumulado né processado de todos esses anos né então foi um foi tranquilo fazer a dissertação porque eu já tinha todo esse material acumulado de muito tempo as fontes que usei no mestrado eu já tinha coletado no, durante a graduação né que eram as fontes do Departamento Estadual de Saúde aqui do Rio Grande do Sul então eu consegui conciliar bem assim fazer o mestrado com as atividades de apoio técnico né e num primeiro momento eu tava em dúvida né entre qual, se faria mestrado em educação ou história mas por ter mais material pronto já no campo da história eu decidi fazer em história, mas eu sempre procurei estabelecer um diálogo interdisciplinar assim, eu sempre achei importante, inclusive as disciplinas opcionais que eu cursei, eu procurei cursar na educação, então as disciplinas da linha de pesquisa I, na época com a professora, era a professora Rosane e professora Rosane Molina e fiz com ela as disciplinas opcionais né então eu sempre procurei tá vinculado com a educação de alguma maneira né porque é uma área que sempre me encantou também né e eu terminei o mestrado em 2013 é dois anos de duração e depois disso eu fiquei meio semestre organizando o material e pensando em alguma algum tema interessante pra abordar no doutorado né eu decidi também fazer essa pausa né nesse período porque eu necessitaria de um planejamento um pouco maior né porque doutorado né eles são quatro anos né então é um período muito longo podem acontecer diversas problemas né então eu procurei me preparar também para ter condições de cursar né o doutorado a essa altura eu tinha bem claro assim que eu tinha um perfil de pesquisa né, que eu não acho que seja algo que estava in nato em mim mas eu acho que com o tempo eu percebi que eu teria possibilidade né de ter carreira acadêmica né ou de trabalhar né em algum espaço né de memória ou de pesquisa né então decidi dar continuidade né o aos estudos né fazendo o doutorado E também porque eu tinha muito interesse em concursos de diversas áreas né não apenas na universidade mas também prefeituras né nível de rede Municipal né porque eu me formei professor né então eu sempre serei professor Independente de onde eu for lecionar e os títulos também contam muito ponto né para tanto para seleção quanto no nível salarial né Tem um acréscimo já que a nossa categoria recebe tão mal né é uma oportunidade de receber um pouco melhor né dentro do da rede Municipal de Ensino ou estadual e então eu decidi fazer o doutorado naquela altura as minhas reservas de economias que eu tinha já estavam

praticamente inexistentes né porque eu passei durante o mestrado sem trabalho formal né.

Juliana: Só com a bolsa?

Entrevistado 02: a bolsa, a bolsa na verdade não né porque a bolsa pagava só o curso somente a bolsa de apoio técnico né, somente a bolsa de apoio técnico né que não era muito né mas auxiliava e trabalhos ocasionais que surgiam né de formatação de trabalhos coisas nesse sentido né que o que eu também fazia então as minhas reservas financeiras não estavam muito saudáveis Eu então me programei assim né para fazer o doutorado, então comecei a procurar cursos né sempre dentro da minha realidade assim ou teria que ser uma universidade federal pública ou numa particular com bolsa né então eu pesquisava os editais né Sempre Tendo isso em vista né se tinham bolsa se não tinham né.

Juliana: Sempre em História?

Entrevistado 02: sim, sempre em história, então eu tentei aqui na Unisinos uma primeira vez mas o projeto foi bem e tal, ele, o projeto passou na seleção, mas não ganhou bolsa né então na época a PUC tinha uma quantidade de bolsas bem maior né concorrência maior, mas uma quantidade bolsas maior, bolsas maiores e eu fiz um projeto e foi aprovado né também seguindo sempre né essa temática de história da saúde e da educação né que eram áreas que me interessavam e a partir então de 2000... 2013 não, 2014/1 eu iniciei então o doutorado na PUC em Porto Alegre, na Universidade Católica no programa de pós-graduação em história.

Juliana: E tu ganhou uma bolsa Capes?

Entrevistado 02: sim, foi uma bolsa Capes né que pagava o curso e taxas também né.

Juliana: Ai tu tinha um benefício pra te manter?

Entrevistado 02: sim, sim aí eu consegui fazer né de forma mais tranquila né os estudos a principal dificuldade né que o meu tema de pesquisa né ele exigia Muita coleta documental né eu era um tema que eu trabalhei um grupo de médicos né fiz um estudo prosopográfico de um grupo de médicos fiz uma análise coletiva né, uma biografia coletiva de um grupo de médicos que se formaram em diversos estados do Brasil e depois tiveram muita influência no ensino médico na, entre guerras né fundaram faculdades né foram professores né de medicina aí entra o caráter da Educação na pesquisa né Mas eu precisava consultar os arquivos né e os arquivos estavam aqui no Rio Grande do Sul Faculdade de Medicina do Rio Grande do Sul Faculdade de Medicina de São Paulo Faculdade de medicina de Minas Gerais Belo Horizonte e Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro Então eu tinha que pesquisar em quatro Estados né para coletar o material né sobre a carreira deles né que eu fiz um estudo de carreira e esse grupo também foi durante a Primeira Guerra Mundial ele foi até a França né e fundou um hospital lá então a partir dessa experiência da Guerra eles trouxeram novas especialidades para o Brasil cirurgia plástica cirurgia gastrointestinal, vários procedimentos né específicos assim da Medicina que não eram divulgados entre nós né E que

surgiram né durante esse período da década de 10 então eles Retornam ao Brasil e começam a fundar a Faculdade de Medicina né em diversos locais então exigiu também que eu fosse fazer a pesquisa no exterior ir além desses arquivos locais então o valor da bolsa não Era exatamente para eu me manter né era para eu conseguir custear a pesquisa né que foi muito caro e a gente já tava entrando no período de recessão assim né de período pós 2013 ali né então começaram os diversos cortes né mais recorrentes assim de bolsas de pesquisas então eu percebi que cada vez mais tava mais difícil de conseguir bolsa sanduíche né então eu apresentei o projeto e me propus a fazer uma pesquisa no exterior né senão teria que mudar o projeto fui ao exterior fiz a pesquisa né mas sem a bolsa sanduiche eu paguei por conta a viagem né, a Pesquisa, fiz lá uma coleta durante um período de dois meses né em arquivos da Dinamiti em Paris e na faculdade de medicina no arquivo de relações exteriores em diversos, na Biblioteca Nacional em diversos arquivos mas foi com o dinheiro que eu tinha acumulado durante esse período do doutorado também, muitas economias né, e, mas foi muito satisfatório assim porque também fiz bons fiz bons contatos né, eu senti assim que esse tema que eu escolhi também era um tema que nunca tinha sido explorado pela historiografia assim da ciência nem da educação e o Brasil é hoje assim até hoje assim tem vários temas assim que da Medicina que são associados ao Brasil né cirurgia plástica por exemplo é um deles né várias técnicas de gastrointestinal também são bem reconhecidas no Brasil né e elas datam desse período né da década de 30 né e era um tema bem desconhecido que não existia nenhum trabalho de fôlego sobre isso na bibliografia, o último trabalho que existia tinha sido escrito na década de 80 então eu percebia que além de ta fazendo a minha formação Eu também tava contribuindo pros quadros de ciência do Brasil não eu não estava apenas fazendo, tendo um título a mais na minha na minha carreira sabe, eu não tava apenas colocando o título mais no meu Lates eu tava contribuindo pra uma, pra ciência brasileira assim de verdade né pelo tema que eu escolhi pela pelo todo esforço de que eu me propus né porque eu sabia que quando tu recebe uma bolsa né tu tem que essa bolsa não é um prêmio que tu ganha ela se espera que tu tenha alguma contribuição pra devolver né para a sociedade né a bolsa não é um prêmio de mérito ou ela, claro ela é uma oportunidade de mudança social para quem recebe a bolsa mas a finalidade dela não é essa né ela tem uma finalidade específica que é a construção de conhecimento a construção de quadros né, o preenchimento de dessas lacunas né que em diversas áreas Então pra mim ela não foi esses títulos que foram acumulados né com bolsa né e tal não são apenas títulos né Tem uma importância maior assim na formação de conhecimento pra mim e eu acho que também pra academia que eu que eu contribui um pouco assim durante esse período.

Juliana: E dai depois desses quatro anos, 2018, no ano passado tu te doutorou?

Entrevistado 02: Sim, em março eu tive a defesa, diversos percalços né doutorado foi ele é quatro anos então muita coisa acontece né eu escolhi fazer o doutorado na PUC né porque o professor referência na área que eu na metodologia que eu queria utilizar né ele era professor dessa universidade e eu decidi ir pra lá por causa disso né E no primeiro ano começou essa situação complicada né de demissões de professores e tal e ele foi demitido no primeiro ano né então fiquei um período sem orientador porque eles não contrataram de imediato um Professor pra substituir né eles demoraram um semestre mais ou menos pra contratar um professor novo né, Eles não fizeram uma transição assim suave né, então eu fiquei um período ali sem orientador né até eles contratarem professores novos e todos os professores também ficaram sobrecarregados com as demissões né, mas terminei, fiquei bastante satisfeito com o resultado da tese, a tese ganhou um prêmio inclusive, prêmio Tassio Fragoso, que é um prêmio que a biblioteca do exército da pra teses e dissertações e achei bem recompensador assim o trabalho que eu fiz né.

Juliana: E o Prouni nesse contexto te permitiu ter essa trajetória? Tu entende assim, ou não?

Entrevistado 02: Eu acho que se eu não tivesse, é difícil a gente falar, é difícil a gente falar da gente mesmo e é mais difícil falar da gente mesmo numa situação que a gente não viveu né, mas se eu tivesse um emprego um pouco melhor e conseguisse pagar as mensalidades de uma universidade particular e tivesse a oportunidade de estudar, fazer um curso de graduação eu teria que trabalhar no contraturno né, tipo como eu fazia né e provavelmente eu teria menos tempo de conviver nesse espaço de produção de conhecimento, eu não teria como ter essa bolsa de iniciação científica, todos espaços que me, todos esses elementos que me ajudaram a ingressar nesse espaço acadêmico né provavelmente eu não teria acesso né porque eu teria que complementar minha renda né com outras atividades pra conseguir pagar as mensalidades então esses elementos de convívio com os colegas né de trabalho em grupo de iniciação científica de participar de um projeto promovido pela Universidade em outros ambientes né, como o museu todas essas oportunidades que me encaminharam academicamente né e que foram impulsionadoras assim dessa etapa Inicial né Se eu tivesse se eu tivesse pago os meus cursos eu não conseguiria ter a mesma a mesma oportunidade de de ter essas, essas experiências isso pra mim é bem claro porque a partir do momento que eu tivesse que pagar mensalidades de talvez três cadeiras no máximo duas, no máximo eu conseguiria pagar eu teria que o resto do tempo eu teria que tá trabalhando em outro local não poderia ta no grupo de pesquisa discutindo nem indo no museu participar de uma atividade.

Juliana: E hoje tu te encontra então, aguardando uma oportunidade de trabalho?

Entrevistado 02: sim.

Juliana: Tu pretende fazer pós Doc.?

Entrevistado 02: no momento eu não sei eu..., o pós doc ele é interessante né financeiramente porque ele paga bem né e tal mas eu teria que preparar o material para o projeto né e é um período curto né então talvez eu tivesse que coletar material e fazer o campo um pouco antes né E já ter um material pouco preparado só para escrever e o projeto em si né. E no momento o que eu tô procurando é a experiência de sala de aula mesmo né que normalmente é o que o que tá me desclassificando nos processos seletivos né porque por exemplo pra substituto, eu fiz dois processos seletivos né, e eu fui bem em todas as categorias e tal mas na experiência profissional, no quesito experiência profissional alguns colegas vão melhorar.

Juliana: Tu nunca deu aula a não ser nos estágios?

Entrevistado 02: não, nunca lecionei, apenas nos estágios, então essa é uma lacuna também da formação.

Juliana: Sim, tu optou por uma experiência de viver a pesquisa, mas tem essa outra lacuna?

Entrevistado 02: Sim, mas eu vejo também assim que essa experiência de ser bolsista do Prouni e ao mesmo tempo ser bolsista de iniciação científica e participar desses outros espaços, eles não apenas contribuíram pra o currículo assim mas também de uma maneira geral como eu sei escrever melhor sabe, ser mais crítico comigo mesmo sabe, um rigor pessoal só aumenta, tu te exige mais, tu te torna um profissional melhor, parece que tu antecipa, tu prevê riscos, tu vê vários elementos né que que ao longo do trabalho assim podem ser previsíveis né então tu te torna mais completo assim porque a minha Formação é a Escola Pública né Eu não acho que tenha sido uma formação ruim eu acho que a minha Formação em Escola Pública foi boa, ótima tive um convívio legal assim durante o período e tal mas claro que eu não tive oportunidade de estudar idioma estrangeiro né como outras faculdades da minha cidade tinham né. Tem uma faculdade na minha cidade tem uma escola de ensino médio e também faculdade né que ela no ensino médio já ensina três línguas né eles, então na faculdade, na escola pública não tinha essa oportunidade né, de estudar três línguas e ter reforço de português e matemática né E aqui na universidade né eu pude participar desses espaços né, tinham grupos de pesquisa, grupos de estudo de línguas né a gente lia muito em espanhol né pras aulas e Eu sempre estudei muito francês também né então aqui podia ter contato com os colegas que também estudavam né, então praticar então complementou também né algumas lacunas que existiam já desde a formação, digamos anterior a faculdade né.

Juliana: Então tá, acho que foi de grande proveito a nossa entrevista e te agradeço mais uma vez!

Entrevistado 02: Eu que agradeço!

N° 03	
Entrevistado	XXXXXXXXXXXXXX
Entrevistador	Juliana Milcharek
Local	Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS
Data	04 de dezembro de 2019
N° de Páginas	11
Transcrição	Juliana Milcharek
Duração	30:31
Tipo	Entrevista aberta

Sumário**Transcrição**

Registro
Técnico

*Entrevista N° 03, realizada com **XXXXXXXXXX**, Mestre em Educação, tendo como entrevistador Juliana Milcharek, realizada no dia 04 de dezembro de 2019, na Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, São Leopoldo/RS.*

Juliana: Boa Tarde!
Boa Tarde!

Juliana: Bom, primeiro quero te agradecer por aceitar ser sujeito dessa pesquisa que é muito importante para mim, bom a pesquisa foi qualificada no dia trinta de outubro e na banca de qualificação houveram algumas sugestões então agora as minhas entrevistas elas são abertas né A principio eu faria entrevistas semiestruturadas mas a banca conversou e achou melhor diminuir o número de sujeitos e mudar o tipo de entrevista e então o meu projeto de Mestrado que foi qualificado ele se intitula o Programa Universidade para Todos (PROUNI) e as trajetórias discentes na formação avançada para a educação brasileira então, nesse sentido né a gente pensou em trabalhar as trajetórias de ex-prounistas que hoje se encontram Mestres, Doutores ou em processo de formação então ficaram três sujeitos sendo um mestre um doutor e um em processo de doutoramento e o que que a gente busca mais aqui é um diálogo que tu consiga me contar um pouco assim da tua trajetória desde da tua vida da tua trajetória social da tua trajetória escolar até o ProUni entrar na tua vida e como que isso influenciou ou não né as tuas escolhas é mais uma conversa assim.

Certo, então o que eu posso te relatar Ju, eu posso te relatar aqui, acho que eu vou começar falar dessa trajetória marcando ela pela minha escolha tá me escolha pelo curso de letras eu optei, eu já sabia Eu acho que eu desde que eu tava lá no ensino médio eu já tinha clareza de que eu queria fazer uma graduação em licenciatura, eu sabia que eu queria ser professor né eu venho de uma família de professores eu tenho várias tias, avós professoras e minha vó também é professora, pedagoga né então eu já tive essa

inspiração já na família mas eu fui seguindo e durante a minha trajetória escolar foi muito marcado pelos meus professores tanto do fundamental quanto no ensino médio né e eu já tinha decidido ali no ensino médio que eu queria seguir a carreira docente Então eu fui me preparando para isso né ali no ensino médio e de início eu tive ainda uma logo que eu tava lá no terceiro ano do ensino médio eu tava na idade regular nunca tinha reprovado nenhum ano eu tava com 17 anos eu cheguei a fazer um vestibular em uma universidade privada né a ULBRA eu fiz o vestibular na Ulbra para história e naquela época a gente tá falando de 2003, 2004, 2005 mais ou menos né naquela época o ProUni tava parecendo e o ENEM também tava ganhando projeção os dois e aí eu não tinha muita noção ainda disso no ensino médio né que eu tava no ensino médio foi bem na época que a primeira edição do Enem ocorreu Então eu fui seguindo fiz esse vestibular né sem ter noção ainda do ProUni né e eu fiz esse vestibular e fui aprovado no vestibular eu me lembro que fiquei muito feliz na época e aí eu cheguei a emitir o primeiro boleto da Universidade né aí o meu pai não conseguiu pagar o boleto, então a minha matrícula não chegou a ser efetivada lá na Ulbra e naquele momento eu fiz um vestibular pra história, eu achava que ia ser história, biologia ou letras, era um dos três segmentos da carreira docente que eu queria seguir né das três especializações ali dentro. Então eu fui e fiz esse vestibular, eu fiquei muito frustrado, nesse primeiro momento né, porque eu não consegui ingressar no ensino superior e eu já tinha esse sonho ali no Ensino Médio e aí como não deu eu fiz um concurso público temporário no IBGE na época e aí era um concurso para agente de informática e eu trabalhava lá no IBGE fui aprovado e trabalhava no IBGE com a coleta dos dados do censo de 2010, aí a gente tá falando já em 2010 né.

Juliana: Então tu ficou de 2004 até 2010 sem ingressar no ensino superior?

Sem ingressar no ensino superior, exatamente, trabalhando né, então eu fiz até, é válido marcar que eu sai ainda no ensino médio, fiz esse vestibular e não consegui ingressar no ensino superior e aí eu me destinei pro técnico em química que é gratuito no meu município é municipal né E aí nesse momento era a alternativa que eu tinha de seguir os meus estudos então eu no meu próprio município segui o técnico em química na rede municipal mas eu tinha clareza de que eu não queria ser químico eu queria seguir a carreira docente né então quando eu cheguei mais para o final do curso eu já tinha essa clareza e eu abandonei o técnico em química, eu não cheguei a me formar como técnico em química justamente porque eu me via, eu não conseguia me ver trabalhando com vidraria dentro de um laboratório eu queria eu tinha a clareza de que eu queria trabalhar com pessoas aí eu fiz depois que eu abandonei o técnico em química eu fiz esse concurso então do IBGE, lá por 2010 para trabalhar na coleta de dados de 2010 nessa oportunidade eu acabei

trabalhando em vários municípios eu era um agente de polo né então eu coletava os dados de vários municípios ali na região no meu município onde eu nasci, Triunfo e São Jerônimo também eram em torno de 14 municípios Nos quais a gente trabalhava E aí durante esse processo eu fiquei um ano o concurso ele era um concurso temporário de um ano acabou sendo prolongado por mais alguns meses para finalizar a coleta de dados, mas acho que foi coisa de 4 meses, então eu fiquei um ano e 4 meses no IBGE e aí nesse processo né tinha mais uma colega que também fez o concurso temporário que cursava, estava se graduando em letras aqui na Unisinos né E aí a gente ficou muito amigo né, Etelvina o nome dela E aí essa colega foi conversando comigo sobre o curso de letras da unisinos, e foi me contando as coisas, ela tava naquele momento fazendo TCC trabalhando e concluindo a graduação dela aqui à noite e aí ela foi me contando e eu fui ficando mais inclinado para o curso de letras né A minha vó sempre foi professora de português então sempre tive fascínio pela área e o inglês também sempre foi uma coisa que me atrai muito e aí aquele momento eu já fui aí sim eu concretizei, eu disse não, eu tenho que fazer o Enem e eu tenho que conseguir uma bolsa do ProUni porque eu não tenho condições de manter o ensino superior, de pagar ele privado né Outra coisa que eu acho importante a gente registrar é que eu já tinha pensado na UFRGS que é pública mas para mim era totalmente inviável porque eu não tinha como me sustentar em Porto Alegre eu não tinha como morar em Porto Alegre e eu sabia que eu tinha que residir lá para poder fazer a graduação né. No meu Município nós tínhamos uma associação de estudantes na época e essa Associação de Estudantes eu sabia que tinha transporte para Unisinos né, então eu já fui ali me direcionando pra unisinos sabendo que era uma Universidade boa que o curso de letras eu já tinha referências de professores meus também que foram se graduaram na unisinos, lá do município de Triunfo e aí eu decidi que queria fazer letras quando eu decidi que queria fazer letras eu comecei a me direcionar pro Prouni né Eu sabia do Enem e eu tinha clareza também da minha situação familiar em conversa com os meus pais que a gente não ia conseguir dar conta disso.

Juliana: Teu pai também é professor?

Não, meu pai foi funcionário público do município ele não é estabilizado, ele era CC do município, durante muitos anos então a nossa única fonte de renda desde que eu era pequeno até a idade que eu entrei pra graduação era o meu pai em casa, e aí claro, eu trabalhei também nesse período foi ajudando em casa depois que eu fiz 18 anos quando eu tava no técnico em química eu fui estagiário na Prefeitura Municipal de Triunfo, porque daí eu tava estudando e eu podia ser estagiário aí eu peguei uma vaga de estágio lá e aí eu já tive nesse período veja só nesse período já tive um contato com a experiência docente porque como eu era estagiário de técnico em química lá no município nós não temos postos para trabalhar como

estagiário de técnico em química Então me destinaram para um laboratório de ciências numa escola pública Municipal lá eu fazia práticas de ciências com crianças pequenas, né, desde os anos iniciais até os anos finais do fundamental, era uma escola de ensino fundamental da rede Municipal E aí eu tinha uma professora que já era graduada em letras também que era concursada como técnica em química no município mas ela também ocupava aquele mesmo cargo, ela ficava no laboratório de ciências simples lá como concursada em técnica em química no município e fazia práticas de ciências com os alunos né então eu trabalhei lá com a professora Valdirene por um tempo e aí ela também já graduada em letras já tinha me dado várias referências então tive várias referências ao longo desses anos em que eu sair ensino médio entrei para esse estágio durante técnico em química conheci essa professora que me deu a referência da Unisinos também, no curso de letras E depois a Etelvina essa minha amiga aqui foi lá no IBGE em 2010 E aí eu tava convicto, fiz o Prouni, consegui uma boa média né Inclusive eu me lembro que abriu o Sisu junto na época né e eu me inscrevi ainda para um curso, era Biomedicina, eu acho, no Instituto Federal de Bento Gonçalves, se não me engano, eu usei, aproveitei a nota ainda para mim escrever porque só tinha aquela ainda fui aprovado, eu consegui a entrada né, daí eles me ligaram só que eu tava decidido que eu queria Letras na Unisinos Então é só declinei aquela oportunidade e me inscrevi pro Prouni aí entrei né nós tínhamos só uma vaga, ainda me lembro naquela época, eu me inscrevi pra letras/inglês, não tinha Português/inglês eu queria Português/inglês daí eu me inscrevi pra letras/inglês, então ingressei no curso diurno porque o curso da Unisinos de inglês ele é diurno, eu ingressei no curso diurno né E aí comecei fazer os primeiros semestres diurno aí Eu verifiquei depois junto a coordenação do curso e também ao pessoal aqui do Piea da Unisinos né qual era a possibilidade que eu tinha depois de mudar de curso e ir pra letras português/inglês e aí foi o que eu fiz né bom nesse primeiro momento do curso quando eu tava no primeiro semestre eu tava estudando de dia, como eu te disse E aí estudando de dia eu não podia trabalhar também e concomitantemente e também tinha essa questão da renda né porque eu me preocupava com isso eu tinha a bolsa, nós tínhamos baixa renda nos encaixávamos totalmente no perfil da bolsa integral mas eu tava tocando os meus estudos a minha mãe ainda disse, não tu tem que tocar os teus estudos agora, tu tem a bolsa né então eu vinha do município de Triunfo através da associação de estudantes que fornecia transporte, eu vinha todos os dias pra Unisinos de manhã aí com isso fazendo as primeiras cadeiras no curso no primeiro semestre eu ainda não tava bem ambientado dentro do da ideia né do dos estudos acadêmicos assim, o funcionamento da Universidade, porque não tive esse letramento no Ensino médio então eu cheguei aqui bem perdido né E aí fui me ambientando aí eu lembro que eu fiz foi em 2011 né eu fiz o primeiro semestre aí eu fiz o segundo

semestre quando eu fiz o segundo semestre eu fiz uma disciplina chamada história social, pensamento educacional que aborda basicamente a história da educação né E aí nessa disciplina eu conheci uma colega né, eu tava muito interessado nos estudos e essa colega Cristiane ela me ela me convidou para participar de um evento aqui da educação ela não me deu muitas referências naquele momento que eu me lembro Ela disse assim: Tem um evento aqui e a gente tem inscrições de monitor e o evento ele tem uma inscrição né que tem que ser pago né, era um Congresso Internacional de educação aí ela me ela me disse tu não quer participar como monitor daí tu pode participar do evento né e não vai precisar pagar a taxa. Eu disse claro eu quero eu quero eu tenho disponibilidade eu tinha disponibilidade naquela época de ônibus também nos três turnos né lá da associação então eu vim nesse evento isso foi em 2012 já tava no meu terceiro semestre mais ou menos aí eu fui eu fui nesse evento acadêmico e aí naquele momento eu comecei a ter alguma noção do que tava acontecendo assim sabe que eu comecei a entender que tinha pesquisa dentro da universidade Porque até então eu não tinha noção disso E aí eu participei do evento como monitor e fui me ambientando e aí participei desse evento e segui o semestre com essa colega, ela participou também e ela era bolsista de iniciação científica né, eu não sabia até participar do evento, depois passou o evento eu lembro que passou um mês ou dois e essa colega, nós ficamos amigos e ela veio perguntar para mim ela disse olha só eu sou bolsista de iniciação científica aí a outra coisa que vale frisar é que eu era eu tava nesse evento e se eu não me engano se eu não era o único talvez tivesse eu e mais algum outro aluno que tava na graduação mas majoritariamente era uma equipe eu acho que de uns vinte bolsistas talvez todos eram bolsistas de iniciação científica que estavam atuando como monitores, eu e talvez um ou outro não éramos bolsistas de iniciação científica, estávamos simplesmente na graduação e prounistas, eu era prounista só, diga-se de passagem. Bom o ProUni por exigir dedicação exclusiva não dedicação exclusiva mas ele existe um aproveitamento né então eu tinha que me dedicar aos estudos eu pesava muita essa questão de trabalhar né não tinha como trabalhar e eu fazer todas as cadeiras do semestre ao mesmo tempo então que que eu fiz eu fui Seguindo os estudos no começo sem trabalhar e aí essa colega me convidou ela disse assim olha, tu gostou lá do evento e tal e eu vejo que tu é muito interessado aqui na área da história da educação e eu sou bolsista de iniciação científica e ela me explicou basicamente o que que um bolsista fazia a gente faz pesquisa a gente tá fazendo uma pesquisa agora lá no Município de Novo Hamburgo Né com a professora Berenice Corsetti e eu não conhecia a professora Berenice Corsetti até então, não tinha sido aluno dela E aí essa colega me disse tu não quer fazer agora tá vagando lá, tem um colega nosso que tá se formando e vai ter uma bolsa de iniciação científica E aí ela me disse é uma bolsa essa bolsa ela é remunerada, é um valor X e aí tu vai

participar do projeto de pesquisa dessa professora e tu vai poder contribuir né E aí ela disse para mim que a gente tinha obrigação de 20 horas então como eu vinha estudar de manhã eu poderia ficar durante a tarde ou vice-versa né quando eu tinha cadeiras à tarde para poder participar do grupo de pesquisa aí eu fiz a seleção, lembro que naquele momento em outubro mais ou menos de 2012 a gente ainda tá falando de 2012 eu fiz a seleção E aí eu lembro que naquele momento ainda tinha uma vaga era uma bolsa mas era uma bolsa que de iniciação científica, era uma bolsa, a Unibic que era uma bolsa que dava auxílio em créditos na universidade e aí ela eu fiz o processo seletivo lá em outubro e naquele momento eu me lembro que a professora Berenice entrou em contato comigo disse que uma outra bolsista, uma outra colega tinha sido selecionada para ficar com a bolsa e eles mas mesmo assim eles já tinham um prognóstico de outra bolsa a vagar no fim do ano e essa bolsa teria mais o meu perfil ela disse assim para mim né Aí eu disse que tinha interesse aí eu fiquei sem contato, até ela me deu uns textos para eu ir estudando eu me lembro e eu levei esses textos embora e comecei a fazer as primeiras leituras vinculadas ao projeto de pesquisa dela né nesse período. E aí eu meio que esqueci daquilo assim para ser bem sincero Ju eu naquele momento eu não registrei, eu pensei não, né foi um muito obrigado de certo modo e talvez não vai acontecer a bolsa de iniciação científica né mas mesmo como a gente, assim eu tomava comparava assim como uma entrevista de emprego sabe quando eles te dizem assim não nesse momento então eu não fiquei com muita esperança não e eu segui, eu lembro que no período que eu tava aguardando a resposta eu fiquei lendo aqueles textos e aí morreu a ideia aí lá em janeiro a professora Berenice entrou em contato comigo em janeiro de 2013 dizendo olha H... a gente tá te esperando, a bolsa vagou agora era uma bolsa do CNPQ E aí tu tens interesse ainda? Eu disse: Claro que tenho, aí eu vim e ingressei no projeto em janeiro de 2013 comecei como bolsista de iniciação científica bom aí aí que eu acho que tá a chave da coisa né Assim como eu poderia talvez conectar Prouni e o Mestrado através da iniciação científica porquê porque o ProUni de início ele me possibilitou esse tempo livre né eu tinha que me dedicar aos meus estudos eu precisava de uma fonte de renda naquele momento também mas eu não tinha como um emprego de 40 horas por exemplo né de trabalho 44 horas no comércio sei lá o que poderia ser naquele momento então a iniciação científica surgiu nesse caminho né e eu tinha muita vontade de aprender aí eu entrei em 2013 no grupo da professora Berenice e eu fui me ambientando aos poucos na pesquisa como eu te disse eu ainda tava me ambientando eu não tinha muita noção de como acontecia a pesquisa dentro da universidade nesse momento eu entrei em 2013 e eu posso te dizer assim com toda certeza que eu demorei mais ou menos um ano assim quando eu cheguei no final de 2013 lá por dezembro eu me situei, sabe eu entendi perfeitamente o que nós estávamos fazendo, eu acho que o marco

principalmente disso foi a gente tem que apresentar pela primeira vez a nossa produção, o andamento da pesquisa dentro da mostra de iniciação científica da Universidade né, ali as coisas começaram a se consolidar, no preparo da apresentação eu comecei entender bem o que eu tava fazendo e no que eu tava, do que eu tava participando E aí nesse momento eu não tinha noção ainda também nesse primeiro ano, não tinha muita clareza eu via que tinha colegas que eram mestrandos né que estavam entrando circulando dentro do grupo né da professora Berenice já tinha diversos colegas da iniciação científica que eram graduandos e eu comecei a entender, que existem bolsas de Mestrado né, foi por dentro da iniciação científica que eu atribuo também que a possibilidade de ter dedicação exclusiva pelos meus estudos que o ProUni possibilitou me permitiu também concomitantemente seguir pela iniciação científica né que eu comecei a entender que existia a pós-graduação que depois disso eu poderia pesquisar de certo e poderia seguir com os meus estudos e aí me projetar para o ensino superior foi nesse momento que eu comecei entender como se dava a estrutura acadêmica e a estrutura de formação né, e a continuidade dos meus estudos que poderiam ocorrer até então eu achava que terminava na graduação e na especialização com cursos de especialização que eu sabia que existiam mas eu não tinha muita clareza sobre mestrado e doutorado. Eu tive um professor no ensino médio eu me lembro disso que falou em mestrado porque tava fazendo mestrado na época né e era um professor de química e eu me lembro que numa aula ele parou pra explicar para a gente o que era o mestrado porque ele disse que tava fazendo mestrado e nós perguntamos o que que era e naquele momento ele explicou, mas aquilo se apagou na minha memória aí eu fui entender lembrar disso só depois quando eu entendi aqui dentro da universidade né, como funcionava E aí o segui com a professora Berenice durante alguns anos né de 2013 a 2016 nós seguimos e eu passei por dois projetos de pesquisa nesse caminho e aí quando eu tava bem ambientado mais ou menos com um ano e meio já de pesquisa de iniciação científica de bolsa de iniciação científica aí eu já comecei a querer comecei a desenvolver o interesse mais específico pela área da educação, pelas políticas educacionais né a experiência que eu tive lá no IBGE também me possibilitou tem algum interesse com o trabalho de indicadores socioeconômicos né então eu lidei com isso lá antes de entrar para a universidade e aí eu percebi que dentro do projeto da professora Berenice existia essa possibilidade de trabalhar com esses indicadores né que era uma expertise que eu tinha de certo modo ali desenvolvido Então eu fui eu costumo dizer Ju que foi, a iniciação científica foi minha prática de letramento sabe, na ciência vamos dizer assim né No método científico nas diferentes metodologias e tudo mais mas de entender, que como a pesquisa se faz, ou melhor, como nós fazemos pesquisa né então ali na iniciação científica que eu fui me ambientando, Então eu fui

eu pude fazendo a graduação como bolsista, eu tinha uma bolsa integral eu pude ir tocando esse tempo inteiro ao longo de praticamente toda a minha graduação junto a iniciação científica E aí eu fui me letrando como te disse e fui cada vez mais desenvolvendo o interesse e querendo e sonhando com a pós-graduação. com o mestrado aí eu fui, fui tocando isso é outra coisa que eu posso registrar assim, que a experiência com a iniciação científica contribuiu e enriqueceu muito a minha experiência na graduação também E aí foi ela que foi essa ponte entre Prouni né, entre graduando no Prouni né, como prounista e a pós-graduação outra coisa que eu posso registrar também eu acho que que foi algo muito importante nesse processo que como eu te disse eu sou duma família de baixa renda né, eu vim de uma família de baixa renda então era muito difícil mesmo com a bolsa integral eu passava por muitas dificuldades eu tinha que me alimentar na universidade e eu tinha que pagar esse transporte que eu te disse da associação que ele era pago né ele era parte subsidiado lá pelo município de Triunfo, mas parte não, então aqui na universidade surgiu um programa até chamado PIEA é a sigla né é Programa institucional de apoio ao estudante ele é um programa que dá Unisinos da nossa universidade como ela tem caráter filantrópico e eu pelo que eu sei bem assim do programa ele é um programa que destina recursos para ajudar os prounistas, certo, porque entendem que existem outros ingredientes que não é só o pagamento da mensalidade né que e também observando assim, que existe uma pesquisa em torno disso aqui na universidade, não sei se ainda existe mas essa pesquisa eu sei que é para combater a evasão no ensino superior dos prounistas porque existem registros a gente acompanhou da pesquisa de pessoas que que muitas vezes conseguem a bolsa 100% mas mesmo assim, pela distância da Universidade pela dificuldade financeira precisam se manter e não tem como se manter mesmo com uma bolsa 100% então eu lembro que eu fui informado do Piea né me contactaram, me ligaram, através do número que eu tinha cadastrado na universidade e me chamaram pra uma entrevista lá pra esse auxílio. Eu não tinha muita noção de como funcionava aí Ju eles me chamaram lá e me explicaram que tinha esse apoio institucional que eu ia receber um vale alimentação isso foi bem no comecinho da graduação mesmo bem perto da época que eu entrei pra iniciação científica o programa era novo na época e aí que eu ia receber esse vale-alimentação então de acordo com as cadeiras que eu fazia, com os turnos que eu ficava na universidade né E aí eu lembro que naquele momento eu já relatei que eu tava na iniciação científica recém tinha ingressado. Eu me lembro que o programa ainda considerou isso, o número de vales que que eles nos davam alimentação para comer no restaurante universitário era como eu te disse de acordo com as cadeiras que a gente fazia né com os turnos que a gente tava na universidade, como eu tava na iniciação científica eles também consideravam aquele turno de iniciação científica pra me

dar um vale alimentação já que eu tava estudando e aí também um auxílio transporte eles contribuía, eles davam um valor para auxiliar no deslocamento do aluno né. E aí eu usei esse essas contribuições para me manter aqui, me facilitou muito a vida porque chegou momentos no meio da graduação que eu tive muita dificuldade financeira meu pai ficou desempregado né E aí como eu te disse ele era a única fonte de renda de casa então eu cheguei à beira de não conseguir já pagar os boletos da associação de universitários, então esse programa foi o que me manteve mesmo com a bolsa 100% na graduação né E também a iniciação científica que me dava uma contribuição uma bolsa auxílio que acho era de R\$ 360,00 na época e me ajudava também com as minhas outras despesas né E aí eu fui tocando a graduação até 2016 né quando eu me formei e concomitantemente com a iniciação científica E aí quando tava Ju na metade da graduação eu já tinha clareza, como eu te disse eu já tinha direcionado inclusive a minha pesquisa de o meu tcc ele foi feito dentro do projeto que eu tava desenvolvendo junto com a minha orientadora na área da educação né então ele foi feito dentro da discussão das políticas educacionais, dos indicadores de qualidade da educação que era o que eu estava estudando naquele momento na iniciação científica. terminei então a graduação em letras fiz o projeto dentro da pesquisa da professora Berenice né, com o mesmo referencial teórico, aquela coisa toda e metodológica e aí dentro quando eu fiz né, houve a banca e tudo mais e eu lembro que os professores recomendaram que a gente seguisse os estudos em nível de pós-graduação né mas eu já tinha, claro que eu queria fazer, eu já tava me preparando para o mestrado né A minha orientadora me incentivando Também, sempre o tempo inteiro, ela me incentivou né a fazer um mestrado e aí eu fui preparado para o projeto de seleção aqui na Unisinos eu queria fazer aqui na Unisinos também porque tava dentro do Ppg de educação e aí foi isso assim eu acho que falei muito rápido, não sei se eu esqueci de alguma coisa mas eu acho que isso assim foi o que contribuiu para eu chegar na pós-graduação o ProUni contribuiu em que aspectos permitindo que eu não precisasse me preocupar com o trabalho por exemplo né para me manter manter a universidade que era o meu sonho naquele momento Na graduação ele permitiu que eu tivesse tempo disponível para ampliar os meus estudos, pra aprofundar os meus estudos em termos de pesquisa acadêmica com a oportunidade da iniciação científica né então o Prouni possibilitou isso E aí é esse casamento que eu digo assim, esse triângulo entre a graduação, o ProUni, a iniciação científica e o Mestrado né então o Prouni possibilitou a iniciação científica e a iniciação científica me fez sonhar com o mestrado e pensar em seguir os meus estudos né e ter clareza de que, não, eu vou terminar a graduação e imediatamente eu quero seguir com o mestrado né e foi o que eu fiz aí eu ingressei no mestrado né e ele foi muito foi muito bacana assim porque daí quando eu terminar a graduação precisava de uma fonte de renda para contribuir

em casa tinha acabado a iniciação científica também eu já não era mais um bolsista de iniciação científica E aí eu fui procurar um contrato emergencial no Estado naquela época não tinha nenhum concurso aberto eu tinha feito os concursos no final da graduação mas não fechou o tempo né para ser chamado ali no final eu até fui aprovado em alguns concursos mas não consegui ser chamado E aí eu fui e peguei um contrato emergencial no Estado aqui, lá no município de Triunfo né E aí ingressei na pós-graduação como bolsista Capes já já tava trabalhando no estado né e eu tinha clareza também de que eu precisava ter essa fonte de renda né para poder me manter também no mestrado e aí eu fui trabalhando 20 horas né para poder ter tempo para poder fazer o mestrado eu fui trabalhando num contrato de 20 horas semanais e tocando os estudos em nível de mestrado né mas eu acho que é isso assim Ju. se eu pudesse te falar do processo e marcar essas acho que eu consegui marcar na minha fala os principais fatores assim que ligaram o Prouni né, minha experiência na graduação como prounista e como eu cheguei na pós-graduação em nível de mestrado daí eu terminei o mestrado recentemente né, agora faz 6 meses mais ou menos que a gente defendeu. E aí sigo trabalhando no Estado né e agora dando um tempinho não fui imediatamente para o doutorado, não tentei a seleção de doutorado imediatamente Porque eu tô pensando o meu projeto de doutorado né Eu quero pensar bem nele e também agora eu tô procurando outros caminhos também estabilidade né tô tentando me concursar nesse momento em algum município talvez ou talvez até tenho feito concurso, já fiz concurso pro instituto federal que é para onde eu tô me projetando depois né, pro Instituto Federal ou pras Universidade mas adiante né mas isso eu tô agora eu vou, pretendo continuar já os meus estudos em nível de doutorado no ano que vem né, seguimos adiante e é isso Ju. Obrigada.

APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – ENTREVISTAS

Sou Juliana Milcharek, estudante do Curso de Mestrado em Educação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – UNISINOS, e estou realizando uma pesquisa para a minha Dissertação de Mestrado, orientada pela professora Dr^a Berenice Corsetti.

Estou convidando você a participar da minha pesquisa intitulada “O PROGRAMA UNIVERSIDADE PARA TODOS (PROUNI) E AS TRAJETÓRIAS DE DISCENTES NA FORMAÇÃO AVANÇADA PARA A EDUCAÇÃO BRASILEIRA”, que tem como objetivo analisar como o PROUNI influenciou a trajetória discente na formação discente na formação avançada da Educação Brasileira.

Nesse sentido, peço que você leia este documento e esclareça suas dúvidas antes de consentir, com sua assinatura, sua participação no estudo. Este termo possui duas vias, sendo que uma ficará em sua posse e a outra em posse da pesquisadora. Os procedimentos da minha pesquisa incluem sua participação através da concessão de uma entrevista aberta.

Essa entrevista tem risco mínimo e, caso necessário, serão adotadas formas de sanar quaisquer prejuízos causados.

A pesquisadora tem o compromisso com a privacidade e a confidencialidade dos dados obtidos, preservando integralmente o seu anonimato. Você poderá recusar-se a participar da pesquisa a qualquer momento, sendo que sua vontade será sempre respeitada. Do mesmo modo, você poderá, a qualquer momento, solicitar informações esclarecedoras sobre a minha pesquisa, através do contato com a pesquisadora e sua orientadora.

Eu, _____
tendo lido as informações oferecidas acima, e tendo sido esclarecido das questões referentes ao estudo, concordo em participar livremente do presente estudo.

Assinatura: _____

Data: ____/____/____

Assinatura da acadêmica: _____

Acadêmica Juliana Milcharek
Fone: (51) 999361153
Email: julianamilcharek@hotmail.com
Universidade do Vale do Rio dos Sinos
Curso de Mestrado em Educação – Programa de Pós-Graduação em
Educação